



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

REGINALDO VENÂNCIO JÚNIOR

**FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA: UM ESTUDO SOBRE AS
VITRINES MUSICAIS DA RÁDIO TABAJARA À LUZ DO
JORNALISMO CULTURAL**

JOÃO PESSOA – PB

2024

REGINALDO VENÂNCIO JÚNIOR

**FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA: UM ESTUDO SOBRE AS
VITRINES MUSICAIS DA RÁDIO TABAJARA À LUZ DO
JORNALISMO CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Jornalismo**, na área de concentração **Produção Jornalística** e na Linha de Pesquisa **Processos, Práticas e Produtos**.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes

JOÃO PESSOA – PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

V448f Venâncio Júnior, Reginaldo.

Festival de música da Paraíba : um estudo sobre as vitrines musicais da rádio tabajara à luz do jornalismo cultural / Reginaldo Venâncio Júnior. - João Pessoa, 2024.

123 f. : il.

Orientação: Patrícia Monteiro Cruz Mendes.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo cultural. 2. Rádio Tabajara. 3. Rádio expandido. 4. Festivais. 5. Música. I. Mendes, Patrícia Monteiro Cruz. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070:654.19(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de 2024, às 15 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **REGINALDO VENÂNCIO JÚNIOR**, sob a matrícula **20221005507**, cuja pesquisa intitula-se “**FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA: Um estudo sobre as vitrines musicais da Rádio Tabajara à luz do jornalismo cultural.**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente



PATRICIA MONTEIRO CRUZ MENDES
Data: 27/02/2024 16:42:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). PATRICIA MONTEIRO CRUZ MENDES
Presidente

Documento assinado digitalmente



PAULA DE SOUZA PAES
Data: 27/02/2024 16:59:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). PAULA DE SOUZA PAES
Examinador(a) Interno(a)

Documento assinado digitalmente



CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO
Data: 27/02/2024 17:21:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

Dedico este trabalho a minha família!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de poder agradecer ao meu avô as sementes de amor pelo rádio que ele cultivou na minha infância sem ter a menor ideia da importância que isso teria na minha vida adulta.

À minha orientadora Patrícia Monteiro por todos os ensinamentos, conselhos, por toda a paciência e respeito com que trilhou nossa convivência não só na feitura deste trabalho, mas em toda nossa trajetória iniciada desde a graduação.

À banca de qualificação formada também pelos professores Paula Paes e Daniel Gambaro, que com inestimáveis sugestões possibilitaram enriquecer esta pesquisa.

Ao professor Carlos Azevedo por estimular as discussões sobre jornalismo cultural na graduação e por sua presença na banca final do mestrado.

Aos meus colegas e às minhas colegas do mestrado por todos os momentos compartilhados nesses últimos meses.

À minha família por todo o apoio e compreensão de sempre!

À Tatiana Cavalcante, minha companheira e maior incentivadora!

“Sempre em frente... não temos tempo a perder!” (Renato Russo)

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar e descrever o processo de criação do 1º Festival de Música da Paraíba, realizado em 2018, demonstrando como o jornalismo cultural praticado pela Rádio Tabajara perpassou o processo de valorização da cultura local no cenário do radiojornalismo expandido. Trata-se de pesquisa qualitativa, realizada por meio de estudo de caso, pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com agentes culturais. A pesquisa demonstrou etapas de criação e desenvolvimento do Festival, abordando impactos sobre a carreira artística de quem venceu a primeira edição destacando ainda iniciativas da Rádio Tabajara para promover a cultura local em sua programação.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural; Rádio Tabajara; Rádio Expandido; Festivais; Música.

ABSTRACT

This research aims to present and describe the creation process of the 1st Paraíba Music Festival, held in 2018, demonstrating how the cultural journalism practiced by Rádio Tabajara permeated the process of valuing local culture in the scenario of expanded radio journalism. This is qualitative research, carried out through case studies, documentary research and semi-structured interviews with cultural agents. The research demonstrated stages of creation and development of the Festival, addressing impacts on the artistic career of those who won the first edition, also highlighting initiatives by Rádio Tabajara to promote local culture in its programming.

Keywords: Cultural Journalism; Radio journalism; Radio Tabajara; Expanded Radio; Festivals; Music.

FIGURAS

Figura 1 – Eventos realizados	13
Figura 2 – Cartaz de Concerto da OVPB em João Pessoa	13
Figura 3 – Festival MPB 84	14
Figura 4 – Lenine no 10º Festival Musicanto.....	18
Figura 5 – Milton Nascimento no FIC de 1967.....	19
Figura 6 – Festivais e respectivos vencedores entre os anos 1965 e 1972.....	20
Figura 7 – Renata Arruda vence 24o Forró Fest	24
Figura 8 – Capa do CD da Mostra Sesc de 2010.....	25
Figura 9 – Rock in Rio 2022	27
Figura 10 – Anúncio da criação da Tabajara FM.....	30
Figura 11 – Emissoras mais ouvidas	31
Figura 12 – Inauguração do Palco 105	32
Figura 13 – Declínio na quantidade de jornais impressos.....	36
Figura 14 – Jornalistas especializados.....	37
Figura 15 – <i>Podcasts</i> musicais	40
Figura 16 – Página da Tabajara na internet.....	49
Figura 17 – Entrevistados.....	50
Figura 18 – Vista aérea do Espaço Cultural	53
Figura 19 – Teatro Santa Catarina.....	54
Figura 20 – Capa do CD Music from Paraíba vol. 3	55
Figura 21 – Foto de show na 29ª edição da WOMEX	56
Figura 22 – Músicas da coletânea Music From Paraíba vol. 1.....	57
Figura 23 – Palco 105 no Alohai Pousada Lounge	66
Figura 24 – Músicas selecionadas para as semifinais	71
Figura 25 – Gravador Fostex 12.....	74
Figura 26 – Capa do LP Mandrágora	75
Figura 27 – Alguns CDs gravados por Sérgio Gallo.....	76
Figura 28 – Músicos da banda base do festival.....	80
Figura 29 – Teatro de Arena do Espaço Cultural	81
Figura 30 – Final do 1o Festival de Música da Paraíba	81
Figura 31 – Adeildo Vieira interpretando Santo de Casa.....	87
Figura 32 – Chico Limeira interpretando Imprópria	91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FESTIVAIS MUSICAIS NO SUDESTE E NO NORDESTE	17
2.1.	I Festa da Música Popular Brasileira	21
2.2.	I Festival Nacional de Música Popular Brasileira	22
2.3	Coletiva de Música Paraibana	22
2.4	Forró Fest	23
2.5	Festivais do Sesc	24
2.6	Aspectos econômicos dos festivais musicais	26
3	RÁDIO TABAJARA: CULTURA E VALORIZAÇÃO LOCAL	29
3.1	Jornalismo, Cultura e Conhecimento	34
3.2	Rádio expandido: novas formas de produção, escuta e consumo	41
3.3	Hipermediatização do rádio	47
4	I FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA: METODOLOGIA E ANÁLISE	50
4.1	Protagonismo feminino na realização de um sonho	51
4.2	Funesc, Rádio Tabajara e as vitrines para a música paraibana	62
4.3	As primeiras reuniões e a negociação	66
4.4	Pré-Produção - Unindo Forças	68
4.5	As 24 selecionadas – a primeira peneira	70
4.6	Banda Base - A Tradição Da Música Instrumental Paraibana	72
4.7	A noite da grande final do festival	81
4.8	A Premiação	90
4.9	Repercussão	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS	100
	ANEXOS	110
	APÊNDICES	120

1 INTRODUÇÃO

Festivais de música competitivos são oportunidades para novos artistas, compositores ou intérpretes, que desejam ter acesso à exposição de seu trabalho, alcançando grandes públicos, com o intuito de impulsionar suas carreiras artísticas. Nestas ocasiões a plateia costuma ser composta por pessoas de vários segmentos da indústria musical. Além dos fãs, de música e dos concorrentes, que são a maioria, há também promotores e produtores musicais em busca de novos talentos, profissionais da cadeia produtiva como os músicos das bandas base, carregadores, iluminadores, técnicos de som e jornalistas, predominantemente do jornalismo cultural. Vencer um festival pode mudar a vida de um artista completamente.

O jornalismo cultural funciona como um espaço de promoção da arte e cultura produzindo informações sobre eventos musicais, artistas e tendências comportamentais. Por isso essa pesquisa se volta para compreender a importância que alguns programas culturais da Rádio Tabajara têm sobre o fomento da cultura musical em João Pessoa. Para isso, temos como objeto de investigação a criação do Festival de Música da Paraíba em 2018.

Mesmo que vencer um festival não seja o objetivo principal de todo artista que se inscreve neste tipo de certame, o fato de fazer parte da disputa já garante grande visibilidade e exposição. O relacionamento com uma variedade de pessoas da indústria da música pode oportunizar contatos valiosos e proporcionar envolvimento profissionais como contratos de gravação, aparição em programas de televisão e anúncios em comerciais. Tal exposição é fortemente propiciada pelo jornalismo cultural responsável pela cobertura deste tipo de evento. É importante lembrar que o jornalismo cultural vem se transformando e atualmente segue uma lógica comercial que atende a determinados interesses muitas vezes transformando em celebridade artistas que possuem um único sucesso musical.

Os profissionais desta vertente do jornalismo se dedicam a cobrir espetáculos, analisando e informando sobre as músicas concorrentes, sobre seus autores, intérpretes além das tendências culturais instigando o debate e a reflexão. No livro, *Jornalismo Cultural*, Daniel Piza discorre sobre a importância das reportagens sobre cultura como forma de tornar os produtos culturais (dança, teatro, música etc.) acessíveis e compreensíveis para o público em geral (Piza, 2003).

O jornalismo cultural além de levar informações culturais à sociedade também ajuda a promover a arte e a cultura. As reportagens dessa editoria permitem que as pessoas tenham acesso a informações sobre diversos gêneros musicais, sobre as biografias e carreiras dos artistas, além de tomar conhecimento sobre as agendas dos eventos culturais. É com base nessas informações que o público alicerça suas opiniões, se enriquece culturalmente e se sente estimulado a consumir arte, em suas mais diversas expressões, incluídas aí música e shows.

A maneira como certas programações musicais radiofônicas são pensadas pode interferir na forma como os ouvintes dessas determinadas estações são avaliados ou vistos, melhor dizendo, como se representam ao reproduzir discursos com base no que escutam. Stuart Hall salienta que as culturas nacionais são comunidades imaginadas que desempenham papel central na formação da identidade cultural:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 2006, p 51).

A música ao narrar cotidianos é como crônicas promovendo a reflexão e os compositores comportam-se como jornalistas destas épocas questionando o poder, enfrentando dominadores, como Chico Buarque em *Apesar de Você*:

Hoje você é quem manda / Falou, tá falado / Não tem discussão, não /
A minha gente hoje anda / Falando de lado / E olhando pro chão, viu /
Você que inventou esse estado / E inventou de inventar / Toda a
escuridão / Você que inventou o pecado / Esqueceu-se de inventar / O
perdão.

Ou Paulo César Pinheiro em *Pesadelo*, ambos enviando suas mensagens em tempos de ditadura:

Você corta um verso, eu escrevo outro / Você me prende vivo, eu
escapo morto / De repente, olha eu de novo / Perturbando a paz,
exigindo troco / Vamos por aí, eu e meu cachorro / Olha um verso,
olha o outro / Olha o velho, olha o moço chegando / Que medo você
tem de nós, olha aí.

Esses exemplos ilustram como é estreita a relação entre música, cotidiano e jornalismo. Diante do exposto, nosso **problema de pesquisa** concentra-se na indagação: de que forma a criação de um festival de música competitivo pelo Governo do Estado da Paraíba através da Rádio Tabajara e seu jornalismo cultural são importantes para o fomento da cultura paraibana?

Para responder esta pergunta com o desenvolvimento deste trabalho, o **objetivo geral** da pesquisa é analisar como o processo de criação do 1º Festival de Música da Paraíba, por meio do jornalismo cultural praticado pela Rádio Tabajara, contribuiu para o processo de valorização da cultura local. Os **objetivos específicos** são: 1) apresentar por meio de entrevistas semi-estruturadas e de pesquisa documental como se deu o processo de criação do 1º Festival de Música da Paraíba; 2) expor alguns programas da Rádio Tabajara, em atuação no ano de 2018, como exemplo de jornalismo cultural praticado em tempos de rádio expandido; e 3) investigar o impacto da participação nos festivais e nos programas da Rádio Tabajara sobre a carreira artística do vencedor das duas primeiras edições.

É importante salientar que atualmente, janeiro de 2024, o Festival se encontra com seis edições realizadas, no entanto a pesquisa está delimitada na primeira edição para que fosse possível levantar melhor os dados com um número menor de concorrentes e considerando que houve em 2019 mudanças na gestão da Empresa Paraibana de Comunicação com a nomeação da jornalista Naná Garcez para a presidência da EPC.

A partir da definição do *corpus* selecionamos quatro personalidades diretamente envolvidas no processo de criação do Festival de Música da Paraíba, mentores ou concorrentes, a saber: a presidenta da Fundação Espaço Cultural no período junho de 2016 a junho de 2020, Nézia Gomes; a superintendente da Rádio Tabajara entre os anos de 2011 a 2018, Duda Santos; o artista e jornalista Adeildo Vieira, apresentador do programa Tabajara em Revista até outubro de 2023 e o músico e Diretor Musical Sérgio Gallo.

Foi realizada também pesquisa rápida através de formulários digitais *google forms* (aplicativo de gerenciamento de pesquisa), distribuída pela rede social *WhatsApp*, focado em pessoas que residem no estado da Paraíba, com o objetivo de demonstrar quais estabelecimentos com música ao vivo o público pessoense costuma frequentar na capital paraibana e também identificar alguns costumes de escuta musical.

A escolha deste tema foi motivada primeiramente por uma predisposição pessoal ligada à música desde a infância por influência de minha família que contém músicos (amadores e profissionais) o que de forma natural fez com que as práticas musicais estivessem presentes desde os primeiros anos de vida. Por volta dos dez anos já participava de troças de carnaval tocando instrumentos de percussão, aos 12 viajava para cidades do interior da Paraíba como Sapé e Mari tocando em bandas marciais e aos 15 tocando bateria em bandas de garagem.

Durante a graduação de jornalismo a maioria das pautas nos trabalhos universitários discorriam sobre música, como por exemplo, a entrevista do grupo Fulô Mimosa no São Pedro de 2019 para o Espaço Experimental (produto da disciplina Oficina de Radiojornalismo). A escolha do trabalho de conclusão de curso da graduação em 2021 também foi um produto ligado diretamente à música: uma minissérie em formato de *podcast* em quatro capítulos contando a história da criação do Musiclube da Paraíba¹.

Profissionalmente desempenho funções de produtor executivo desde 2011 realizando shows nas cidades de João Pessoa e Recife, predominantemente, e posso citar a título de ilustração alguns eventos já realizados como: show de Lenine em 2016 como parte da turnê de lançamento de seu CD **Carbono** ocorrido na Praça do Povo do Espaço Cultural; concerto violinístico **Arioso** de Elomar e João Omar na Sala de Concertos Maestro José Siqueira do Espaço Cultural; criação do projeto **Quinteto Convida** que trouxe a João Pessoa e Campina Grande nomes como Carlos Malta, Nelson Ayres, Mônica Salmaso e Zeca Baleiro; Erasmo Carlos com a turnê **Gigante Gentil** em 2017 em João Pessoa (Teatro A Pedra do Reino) e em Recife (Teatro Guararapes) e mais recentemente o espetáculo **Lã** do Duo Fred Ferreira e Lívia Nestrovski no Theatro de Santa Roza em outubro de 2022.

¹ Disponível em <https://open.spotify.com/episode/4xKLMi1PKH1eSZ3OSLYWdu>.

Figura 1 - Eventos realizados



Fonte: Acervo do autor

A paixão pela música me fez ingressar no ano de 2022 no curso de Bacharelado de Violão na UFPB para aprofundar os estudos no instrumento, em história da música, harmonia e análise musical. Enquanto faço parte dos grupos Coro de Câmara Villa-Lobos, Maracatu de Nação Pé de Elefante, Orquestra de Violões da UFPB (figura 02) e a Pequena Orquestra Popular (POP) exercitando a prática artística e, eventualmente, realizando a produção executiva de alguns eventos destes grupos.

Figura 2 – Cartaz de Concerto da OVPB em João Pessoa



Fonte: Acervo do autor

Ao escolher uma rota de pesquisa para ingressar no mestrado profissional de jornalismo do PPJ-UFPB, busquei não apenas tratar de assuntos ligados à música mas aproveitar a oportunidade e me debruçar com mais atenção sobre um assunto que sempre me interessou e decidi investigar se festivais musicais que foram tão importantes para a consolidação da música brasileira em meados da década de 1960 ainda tem seu lugar na produção musical e jornalística atual. Para exemplificar que há

manifestações musicais competitivas em formato de festival em outros locais, e manter o olhar sobre o nordeste, cito o Festival MPB 84 (Figura 03) e o Festival Preamp que são realizados respectivamente em Natal e Recife.



Outro fator importante para a escolha do tema foi perceber, após análise dos trabalhos já apresentados pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da UFPB, que as práticas no radiojornalismo foram pouco abordadas em dez anos de existência do Programa. De 112 dissertações ou produtos que constam na página do PPJ na internet até maio de 2023 apenas quatro (3,57%) citam o radiojornalismo em seus títulos. Mesmo ampliando olhar e buscando assuntos ligados à cultura, em diversos campos como dança, teatro, e perfis ou livros-reportagens abordando a vida de personalidades artísticas, percebemos apenas catorze (12,5%) trabalhos publicados (PPJ, 2023).

Podemos dizer que é também nossa intenção com esta pesquisa ampliar os estudos sobre rádio na pós-graduação em jornalismo. Esta mídia ainda tem lugar de destaque nos dias atuais mesmo com as mudanças significativas que o surgimento da internet impôs no cenário da comunicação. Ainda que as mídias digitais tenham se ampliado o rádio continua sendo um meio de comunicação muito utilizado por quem procura informação em tempo real. Seja na forma de notícias ou de agenda cultural.

Ao ocupar hoje o espaço digital e tendo as redes sociais como canal inescapável de comunicação a participação do público se tornou ainda mais fundamental, o que permite que os ouvintes interajam com os programas radiofônicos por meio das redes sociais na internet. Essa interação amplia a experiência da escuta tornando-se ativa e possibilita uma maior diversidade de conteúdo e perspectivas.

O ambiente digital possibilita ao rádio pelo menos duas formas de difusão: o *podcasting* e as webrádios. Segundo Kischinhevsky (2016), duas das modalidades principais via *internet*. Embora sejam distintas, essas formas de transmissão estão se complementando cada vez mais. As emissoras de rádio AM/FM disponibilizam programas e comentários sob demanda que também podem ser ouvidos em *streaming* pela *internet*.

As webrádios são extensões das emissoras AM/FM e não diferem em termos de produção e conteúdo pois a programação é transmitida de forma síncrona para os ouvintes. Por outro lado, o *podcasting*, surgido em 2004, é uma forma de radiodifusão sob demanda assíncrona.

Desse modo, com base nas noções de rádio expandido (Kischinhevsky, 2016); jornalismo cultural (Piza, 2003) e identidades culturais (Hall, 2006), Acreditamos que esta dissertação possui relevância acadêmica quando expõe a maneira contemporânea de produzir alguns programas culturais da Rádio Tabajara a partir das mudanças e avanços impulsionados pela criação e evolução da internet no que atualmente conhecemos por rádio expandido e ao lançar um olhar interdisciplinar unindo o jornalismo à produção musical.

O presente trabalho está dividido, portanto, em **cinco capítulos**, da seguinte forma: este primeiro capítulo é dedicado a introduzir o tema. O segundo capítulo traz um panorama sobre os festivais de música no Brasil e na Paraíba por volta dos anos 1960 com base nos textos de Zuza Homem de Melo (2003), Jairo Severiano (2013), e Expedito Pedro Gomes (2014) que tratam sobre festivais musicais no Brasil e na Paraíba, buscando relações entre eventos como esses para a construção de identidades culturais respaldando-se em textos de Stuart Hall (2006) e (2013).

No **terceiro capítulo** fazemos uma exposição de alguns programas da Rádio Tabajara de maneira a exemplificar o jornalismo cultural praticado em tempos de rádio expandido com o apoio dos teóricos que balizaram a pesquisa no tocante ao jornalismo cultural de Daniel Piza (2003), teorias do jornalismo de Felipe Pena (2018), e rádio expandido em Marcelo Kischinhevsky (2015) e hipermidiático em Débora Lopez (2010).

No **quarto capítulo** demonstramos os caminhos metodológicos percorridos para o desenvolvimento do trabalho, apresentando com mais detalhamento como ocorreu a pesquisa de campo e bibliográfica, bem como as entrevistas semiestruturadas com foco

em descrever a criação do primeiro Festival de Música da Paraíba de 2018 e a cobertura da Rádio Tabajara em tempos de rádio expandido.

Por fim, no quinto e último capítulo evidenciamos as considerações finais trazendo as contribuições da presente dissertação, as limitações da pesquisa, bem como direções futuras para o estudo do tema.

2 FESTIVAIS MÚSICAIS NO SUDESTE E NO NORDESTE

Embora os festivais hoje tidos como mais famosos do Brasil tenham ficado conhecidos pelo período que vai de meados dos anos 1960 ao final dos anos 1970, sabe-se que no início do século XX já existiam concursos de marchas de carnaval, por exemplo. Ou seja, festivais musicais.

Caninha, alcunha de José Luiz de Moraes, um dos mais antigos sambistas da primeira leva do Rio de Janeiro conhecido no meio musical por este apelido por vender roletes de cana na infância nos arredores da Estrada de Ferro Central do Brasil, ganhou um concurso musical na Festa da Penha com a marcha “Me sinto mal” em 1930. Em 1933, Caninha venceu também o concurso oficial de músicas carnavalescas com a música “É batucada”, parceria com o jornalista Horácio Dantas (Diniz, 2006).

O cantor, compositor e radialista brasileiro, Henrique Foréis Domingues, conhecido por Almirante, afirma em livro que o primeiro concurso de sambas e maxixes carnavalescos foi criado pelo Dr. Eduardo França, médico e farmacêutico, que realizou o evento na noite de 16 de fevereiro de 1919, no Teatro Lírico (Rio de Janeiro), proferindo ele mesmo, uma conferência sobre música popular antes que a Banda do Batalhão Naval executasse os números concorrentes de onde saiu vencedor o maxixe “Prove e Beba Vermutin”, de Abdon Lyra que recebeu como prêmio dois mil contos de réis (Almirante, 1977).

Zuza Homem de Mello, músico, musicólogo, jornalista, especialista em música popular brasileira, foi testemunha ocular dos festivais de música popular brasileira realizados nas décadas de 1960 e 1970, trabalhando como engenheiro de som nos programas e concursos da TV Record, onde ingressou em 1959 (Mello, 2007).

Ele relata em seu livro *A Era dos Festivais*, uma parábola, como se deu a criação e as disputas de quatro dos maiores festivais de música popular brasileira entre os anos de 1960 até 1972, quando comenta que a fórmula deste tipo de concurso teria se esgotado com a realização do sétimo Festival Internacional da Canção (Mello, 2003).

Um breve exemplo sobre a importância que os festivais podem ter na vida profissional de alguns artistas é o caso de Lenine, contado por um de seus parceiros musicais: Paulo César Pinheiro. Exemplos de outros artistas serão ilustrados nos próximos capítulos.

Paulo César Pinheiro, poeta e compositor carioca, conta que o cantor e compositor pernambucano Lenine se encontrava muito desanimado com os rumos de

sua carreira no começo dos anos 1990. Apresentava-se esporadicamente, às vezes compartilhando o palco com amigos, sobrevivia com ajuda financeira da esposa, e até escrevendo roteiros para programas humorísticos. O artista pensava diversas vezes em voltar para sua terra natal, o Recife (Pinheiro, 2010). Com aproximadamente 33 anos, já há muito buscava um lugar ao sol, sem obter o sucesso desejado. Tinha lançado um LP em 1983 que foi ignorado por não se encaixar em nenhuma prateleira dos gêneros disponíveis: nem rock nem MPB (Teles, 2023). Cenário que mudou totalmente ao vencer em 1992 o 10º Festival Musicanto na cidade de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, defendendo a música Candeeiro Encantado, parceria com Paulo César Pinheiro e sendo contemplado com um automóvel zero quilometro como prêmio pela primeira colocação (Figura 04).

Figura 4 – Lenine no 10º Festival Musicanto



Fonte: Lenine, 2023

Destino semelhante teve Milton Nascimento, cantor e compositor carioca (mas mineiro por adoção). No início de sua carreira dividia o trabalho burocrático como escriturário com pequenos shows que realizava nos fins de semana em Belo Horizonte (Borges, 2022).

Certa noite ao substituir um cantor e se apresentar em um barzinho em São Paulo, Milton foi interpelado pelo cantor Agostinho dos Santos que impressionado com algumas das canções que ouviu tentou convencê-lo a participar do II Festival Internacional da Canção (FIC) que aconteceria em breve no Rio de Janeiro. Mas Milton, que já tinha participado de outras disputas como essa estava um pouco traumatizado pelo clima competitivo, chegando a pensar em abandonar a carreira musical, não demonstrou o menor interesse recusando-se a inscrever qualquer composição.

Agostinho então o convidou a gravar algumas músicas em seu disco, convite prontamente aceito por Milton. Acontece que de posse das três canções gravadas por Milton Nascimento na ocasião, “Maria, Minha Fé”, “Morro Velho” e “Travessia”,

Agostinho as inscreveu no II FIC sem que o compositor soubesse e todas elas foram classificadas.

Após descobrir com surpresa o ardil, Milton viajou ao Rio (com as despesas custeadas por um amigo pois ele não tinha condições de arcar com os custos de deslocamento e hospedagem), defendeu duas das três composições - Maria, Minha Fé foi defendida pelo próprio Agostinho dos Santos (Severiano, 2013).

Milton Nascimento se tornou a grande revelação daquele festival em 1967 mesmo não se sagrando campeão (Figura 05). Obteve o sétimo lugar com Morro Velho, o segundo lugar com Travessia e ainda foi escolhido o melhor intérprete do festival (Mello, 2003)

Figura 5 - Milton Nascimento no FIC de 1967



Fonte: Acervo Digital Jornal O Globo dia 20 de outubro de 1967

Na Paraíba a repercussão desses festivais nacionais de música ecoou na realização de festivais locais como o Primeiro Festival Paraibano da Moderna Música Popular Brasileira em 1967 (Gomes, 2014), ocorrido no Theatro Santa Roza, na capital João Pessoa, onde se apresentaram diversos compositores e intérpretes dos quais destacamos a participação de um que tem semelhanças com a história de inscrição em festivais como a de Milton Nascimento: Pedro Osmar.

Pedro contou em entrevista para este autor, durante *podcast* desenvolvido como trabalho de conclusão de curso², sobre a criação do Musiclube da Paraíba e os primórdios de seu envolvimento com a música, que por volta dos dezesseis anos ao se matricular em um curso de datilografia teve contato com duas pessoas que escreviam letras de canções e fez para cada uma delas uma música. As duas músicas foram inscritas no festival paraibano de 1970, sem que ele tivesse ideia do que era uma competição como essa, e ambas foram classificadas (Osmar, 2023). Pedro Osmar

² Entrevista concedida para o Liquidificador *Podcast*. Disponível em: Pedro Osmar, sua história e a criação do Musiclube da Paraíba - Liquidificador *Podcast* | *Podcast on Spotify*. Acesso em: 16 mai. 2023.

participou da eliminatória, mas não ficou entre as campeãs. Mesmo assim essa experiência foi determinante para que ele desse prosseguimento à busca por mais conhecimento e reconhecimento através de sua arte.

São festivais como estes que revelaram para grandes públicos artistas como Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Gonzaguinha, Djavan, Jorge Ben, Tom Zé, Mutantes, mesmo que alguns deles não tenham obtido o primeiro lugar, como é o caso de Milton Nascimento, Caetano e Gilberto Gil (Figura 06):

Figura 6 - Festivais e respectivos vencedores entre os anos 1965 e 1972

Ano	Festival	Emissora	Canção	Autoria	Intérprete(s)
1965	1º MPB	TV Excelsior	Arrastão	Edu Lobo e Vinícius de Moraes	Elis Regina
			Canção do Amor que Não Vem	Baden Powell e Vinícius de Moraes	Elizete Cardoso
1966	FNMPB	TV Excelsior	Porta-Estandarte	Geraldo Vandré e Fernando Lona	Tuca e Aírto Moreira
	2º MPB	TV Record	A Banda	Chico Buarque	Chico Buarque e Nara Leão
			Disperada	Geraldo Vandré e Théo de Barros	Jair Rodrigues
			"De Amor Ou Paz"	Adualto Santos Panamá	Elza Soares
			"Canção para Maria"	Paulinho da Viola e Capinam	Jair Rodrigues
1º FIC	TV Rio	Savelros	Dori Caymmi e Nelson Motta	Nana Caymmi	
1967	3º MPB	TV Record	Pontelo	Edu Lobo e Capinam	Edu Lobo e Marília Medalha
			"Domingo no Parque"	Gilberto Gil	Gilberto Gil e Os Mutantes
			"Roda Viva"	Chico Buarque	Chico Buarque e MPB4
2º FIC	TV Globo	Margarida	Guttemberg Guarabyra	Guttemberg Guarabyra e Grupo Manifesto	
1968	4º MPB	TV Record	São São Paulo	Tom Zé	Tom Zé
			"Memórias de Marta Saré"	Edu Lobo e G. Guarnieri	Edu Lobo e Marília Medalha
			"Divino, Maravilhoso"	Caetano Veloso e Gilberto Gil	Gal Costa e Ivete e Ariete
	1º BS		Lapinha	Baden Powell e Paulo César Pinheiro	Elis Regina e Os Originais do Samba
3º FIC	TV Globo	Sabiá	Chico Buarque e Tom Jobim	Cynara e Cybele	
1969	5º MPB	TV Record	Sinal Fechado	Paulinho da Viola	Paulinho da Viola
			"Clarice"	Eneida e João Magalhães	Aginaldo Rayol e Trio Mocotó
			"Comunicação"	E. Alencar e H. G. Mateus	Vanusa
4º FIC	TV Globo	Cantiga por Luclana	Edmundo Souto e Paulinho Tapajós	Evinha	
1970	5º FIC	TV Globo	BR-3	Antônio Adolfo e Tiberio Gaspar	Tony Tornado e Trio Ternura
1971	6º FIC	TV Globo	Kyrle	Paulinho Soares e Marcelo Silva	Trio Ternura
1972	7º FIC	TV Globo	Flo Maravilha	Jorge Ben	Maria Alcina

Fonte: Acervo do autor

É interessante perceber nestes festivais que mesmo alguns artistas que não obtiveram o primeiro lugar, saindo campeão do certame, se beneficiam da exposição e podem vir a se tornarem muito conhecidos e ter uma carreira de sucesso como é o caso de Caetano Veloso e Gilberto Gil que ficaram com o terceiro lugar no 4º Festival de Música Popular Brasileira em 1968, com a música Divino, Maravilhoso. Gil já tinha

concorrido no ano anterior no 3º Festival da Record e ficado em segundo lugar com a música Domingo no Parque (Figura 6).

Adiante apresento um histórico sucinto de alguns destes festivais do sudeste que são considerados como os maiores que já se realizaram no Brasil.

2.1. I Festa da Música Popular Brasileira

É considerado por Zuza Homem de Mello como sendo o primeiro festival competitivo de canções na história da música popular brasileira, promovido no final de 1960, pela Rádio e TV Record. Não se denominou nem festival, nem concurso, mas “festa” da música popular brasileira.

Idealizado pelo radialista, jornalista e diretor do rádio-teatro da Excelsior, Tito Fleury, que em 1959, numa viagem de férias à Europa, conheceu o festival da canção italiana de San Remo. Criado em 1946 e realizado ao ar livre, apenas em 1951 viria a se concretizar após ser produzido no Cassino de San Remo. E ganhar repercussão ao ser transmitido pela televisão italiana em 1954. Na edição de 1959, “Tito Fleury estava na plateia e ficou entusiasmado com a possibilidade de criar um concurso semelhante com canções brasileiras. Tanto que trouxe em sua bagagem uma cópia do regulamento” (Mello, 2003, P. 58).

Tito, após recusa da TV Paulista para transmissão de seu festival, levou a ideia para TV Record cujo dono era Paulo Machado de Carvalho com quem já havia trabalhado em 1936, como locutor da Rádio Record. Como já havia na Record competições como Concurso de Garçons, Concurso de Bandas e até um concurso de resistência carnavalesca (onde casais dançavam durante horas seguidas até a exaustão) a ideia de um concurso de músicas foi bem recebida e Paulo Machado prometeu transmitir o evento pela rádio e pela televisão.

O concurso recebeu mais de 300 inscrições e teve a final realizada no sábado, 03 de dezembro de 1960 com 21 finalistas de onde se sagrou campeã a Canção do Pescador de Newton Mendonça, interpretada por Roberto Amaral.

2.2. I Festival Nacional de Música Popular Brasileira

Após o surgimento da Bossa Nova, com as gravações dos discos de Elizeth Cardoso (Canção do Amor Demais, 1958) e de João Gilberto (Chega de Saudade, 1959) e do golpe militar que depôs o presidente João Goulart em 01º de abril de 1964 instituindo um regime que duraria até o ano de 1985, as músicas foram perdendo uma certa inocência lírica e dando espaço a canções de forte cunho político.

Solano Ribeiro, produtor de espetáculos musicais no Teatro de Arena no início dos anos 1963 foi convidado para trabalhar na TV Excelsior como coordenador de programação. Em pouco tempo levou a diante seu projeto de reunir compositores e interpretes da musica brasileira que circulava nos bares e shows universitários e apresenta-los na televisão. O primeiro Festival Nacional de Música Popular Brasileira foi realizado pela TV Excelsior entre os meses de março e abril de 1965, com eliminatórias nas cidades de Guarujá, São Paulo, Petrópolis e Rio de Janeiro. Idealizado e formatado pelo produtor musical Solano Ribeiro, também teve o Festival de San Remo, na Itália, como modelo, mas com uma diferença crucial:

Quem inscrevia as músicas em San Remo eram as editoras e gravadoras, em função de seu interesse em investir em novos compositores de sua escolha, que assim acabavam dominando o festival. Algumas músicas eram defendidas por artistas estrangeiros, convocados pelo festival, como foi o caso de Louis Armstrong e, mais tarde, de Roberto Carlos. Solano entendia que a competição deveria ser aberta a compositores, portanto eles é que deveria inscrever suas obras. De outro lado, os interpretes, que no fundo eram os astros, seriam escolhidos pela direção do festival, assim como nos programas de TV (Mello, 2003, p. 58).

Com final realizada no dia 06 de abril de 1965, terça-feira, no auditório da TV Excelsior no Rio de Janeiro, a composição Arrastão, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes galgou o primeiro lugar com interpretação da gaúcha Elis Regina, com recém completados 20 anos em 17 de março.

2.3 Coletiva de Música Paraibana

Acontecimento realizado em 4 quartas-feiras de 1976, produzido por Pedro Osmar ao voltar de suas experiências musicais no Sudeste, quando em um dos

momentos foi a São Paulo, inaugurar um teatro em que, depois de ativo, as folgas se davam nas segundas-feiras, e nestes dias, alguns artistas recém chegados na cidade, como o pessoal do Ceará – Amelinha, Ednardo, Belchior etc - ocupavam este espaço para debates sobre mpb daquela época.

Esta experiência, somada às reuniões que frequentou no Rio de Janeiro, no Museu de Arte Moderna (MAM), pelo pessoal do choro, em um movimento que ficou conhecido como Musiclube Ernesto Nazareth, inspirou Pedro a reunir os compositores paraibanos ao retornar para João Pessoa. A ideia inicialmente era ir nas casas dos compositores e fazer rodadas de violão, criando assim uma coletividade. Um dos anfitriões foi o compositor Zé Ramalho que se preparava para voltar para o Rio de Janeiro onde gravaria seu primeiro disco.

Estas reuniões resultaram na Coletiva de Música da Paraíba, realizada no Theatro Santa Roza onde o palco era ocupado por compositores paraibanos no início de suas carreiras em busca de espaço para mostrar suas produções. Evento gregário, como chamou o crítico Mauro Ferreira (2023), e onde Zé Ramalho fez um show antes de se mudar definitivamente para o Rio de Janeiro, onde se encontravam as grandes gravadoras que gerenciavam as carreiras de seus contratados e eram a grande porta para o sucesso daqueles que conseguiam se fazer gravar.

2.4 Forró Fest

João Crisóstomo Moreira Dantas, conhecido popularmente por João Dantas, artista múltiplo (ator, cordelista, compositor, diretor teatral, produtor musical, radialista) produziu o primeiro Festival Nacional de Música de Forró. Produziu também artistas como Capilé, Bibiu de Campina e Amazan (Martins, 2019). Após o término do Festival Nacional de Música de Forró, a TV Paraíba criou o Forraço, em 1987, e em 1991 transformou o evento no Forró Fest.

O Forró Fest era um festival com eliminatórias que percorriam cidades do interior do estado da Paraíba (como Cabedelo, Sousa, Conde e Itabaiana em 2014, por exemplo), selecionando em cada noite as músicas que concorreriam aos primeiros três lugares com a grande final acontecendo tradicionalmente na cidade de Campina Grande na abertura do “Maior São João do Mundo”, como ficou conhecida a festividade junina na Serra da Borborema. Além das músicas vencedoras havia a escolha do(a) melhor

interprete e a entrega do Troféu Asa Branca que desde a primeira edição em 1991 homenageou músicos reconhecidos por seu talento, a exemplo de Dominginhos em 2013 (Plugados, 2023).

Em sua 24ª edição realizada no ano de 2012, as eliminatórias ocorreram nas cidades de Conde (05 de maio), litoral sul paraibano, Guarabira (12 de maio), brejo paraibano, Alagoa Grande (19 de maio), também região brejeira, e a quarta e última eliminatória na cidade de Sousa, alto sertão paraibano. Em cada uma foram selecionadas 03 músicas para concorrerem na grande final do dia 02 de junho na cidade de Campina Grande (Forró Fest, 2023).

Na ocasião a cantora Renata Arruda sagrou-se campeã com a música Xâmeço do Pavio e ainda foi escolhida a melhor interprete, ganhando como prêmio uma moto Honda XRE 300 e R\$ 3.000,00 (três mil reais) em dinheiro (Figura 07).

Figura 7 - Renata Arruda vence 24o Forró Fest



Fonte: Forró Fest, 2023

Após 26 anos de atividades, o Sistema Paraíba de Comunicação, que abriga a TV Cabo Branco em João Pessoa e a TV Paraíba em Campina Grande, cancelou a realização do Forró Fest em 2015 alegando que as prefeituras paraibanas, parceiras importantes para materialização dos festivais, estavam passando por crises financeiras (PB HOJE, 2023).

2.5 Festivais do Sesc

De acordo com o texto de Adeildo Vieira para o jornal A União de 06 de outubro de 2013, a Mostra de Música do Sesc possuía importância significativa para a cena musical local pois o festival era considerado o evento mais agitado e relevante do

cenário musical da cidade, atraindo a atenção do público e da crítica. A Mostra proporcionava um espaço para artistas, tanto veteranos quanto calouros, apresentarem suas criações e receberem apreciação do público e da comissão julgadora composta por jornalistas, músicos, poetas (e até um estilista de moda em uma ocasião).

O evento promovia um clima solidário nos bastidores, onde artistas se encontravam e compartilhavam momentos de muita alegria, superando interesses competitivos. Houve um período em que o festival correu o risco de ser encerrado, mas o movimento cultural local protestou e conseguiu convencer a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Fecomercio) do prestígio do evento, garantindo sua continuidade (Vieira, 2023).

A Mostra do Sesc foi responsável por oxigenar a cena musical local, trazendo público e artistas para participarem do evento. Foi um marco na carreira de Adeildo Vieira, que teve a oportunidade de participar deste evento diversas vezes e, em 2006, venceu a competição, recebendo prêmios de melhor letra e melhor arranjo.

Com o tempo o festival abandonou o caráter competitivo e adotou o modelo de mostra, onde os selecionados tinham suas canções registradas em CDs (Figura 08), contribuindo para a divulgação da produção musical local. A Mostra foi um dos eventos mais marcantes da cena musical local, enaltecendo a história emocionante do Festival e sendo uma oportunidade para a nova geração de artistas mostrar sua criatividade e renovar a música brasileira.

Figura 8 - Capa do CD da Mostra Sesc de 2010



Fonte: Acervo do autor

Portanto, a Mostra de Música do Sesc é mais um exemplo de evento que impulsiona a cena musical, proporciona visibilidade aos artistas e contribui para o fortalecimento e renovação da música paraibana.

2.6 Aspectos econômicos dos festivais musicais

Como dito anteriormente, festivais de música são oportunidades de ampliar o alcance de compositores e intérpretes para grandes públicos. Mas festivais também são motores para movimentar economias.

A realização de um festival de grande porte faz parte da cadeia produtiva de shows envolvendo um enorme conjunto de profissionais que geram impacto significativo na economia ao criar empregos e gerar renda.

Desde o planejamento do evento, que pode reunir produtores musicais, empresários, arquitetos, jornalistas e assessorias de imprensa, engenheiros, técnicos de som, passando pela infraestrutura de palcos, camarins, banheiros, logística de transportes, empresas de marketing que serão responsáveis pela promoção dos eventos, equipes de segurança e diversos serviços de apoio, incluindo alimentos e bebidas, diversas pessoas se envolvem neste processo.

Os cantores e seus músicos são os principais protagonistas nestas ocasiões, mas trazem consigo grandes equipes compostas por dançarinos, técnicos de som e de luz, secretárias particulares, que cuidam de suas agendas de entrevistas, por exemplo. Na montagem de um palco e de camarins, o serviço se assemelha à construção civil e às equipes nela envolvidas, necessitando, inclusive, da presença de engenheiros que se responsabilizem junto aos conselhos de fiscalização, pois a infraestrutura envolve equipamentos de grande porte, como palcos de estrutura metálica, arquibancadas para acomodação do público, torres de iluminação e de som.

Outro setor de muita importância para o sucesso de um evento como este é o marketing, responsável pela promoção e divulgação dos festivais. É fundamental a contratação de agências de publicidade que pensarão a imagem do espetáculo, a contratação de espaço nas diversas plataformas midiáticas, empresas de venda de ingressos *online*. A divulgação é um setor essencial para atrair público.

Alimentos e bebidas é outro setor relevante em um festival, principalmente para trazer receita para os organizadores. Tão importante quanto os ingressos vendidos, alimentos e bebidas costumam gerar muita renda em eventos musicais, principalmente nos de longa duração. E há ainda o setor de segurança, que envolve grande número de pessoal.

São inúmeros profissionais requisitados para fazer a segurança em todos os setores de um evento como um festival, como por exemplo, seguranças espalhados pelo palco, nas entradas dos camarins, próximo aos banheiros, ao lado das barracas de comida e de bebidas, nos postos de saúde, e nos estacionamentos.

Como exposto, a realização de festivais musicais gera muitos empregos diretos e indiretos, em diversas áreas e, como geralmente atraem pessoas de diversos lugares, ainda impulsionam a economia local, quando incluímos gastos com hospedagens, alimentação e transportes. O Rock in Rio é um bom exemplo do potencial turístico para a capital carioca pelo volume de dinheiro que atrai e faz circular, conforme Figura 09.

Figura 9 - Rock in Rio 2022



Fonte: Rock in Rio, 2023

Podemos assim considerar que a criação do Primeiro Festival de Música da Paraíba em 2018 tinha entre seus objetivos gerar renda? Ou o motivo foi mais nobre e altruísta em querer contribuir abrindo caminhos para que vários artistas paraibanos consolidassem suas carreiras? Podemos dizer que os dois aspectos se complementam? Estas questões pretendemos responder ao longo desta pesquisa.

A Rádio Tabajara, emissora vinculada ao governo do Estado, incentivadora e promotora do evento ao lado da Fundação Espaço Cultural (FUNESC), há anos valoriza a música local ao abrir seus autofalantes, priorizando a produção local em vários de seus programas, como o Tabajara em Revista, Palco Tabajara ou Aumenta. Diferentemente de emissoras comerciais que, compromissadas com grandes corporações da indústria musical, atuam com objetivos a determinados interesses mercadológicos, de acordo com o que Felipe Pena chama de Teoria Instrumentalista, pela maneira como montam sua programação (Pena, 2018).

Trazer os aspectos econômicos que circundam a realização de festivais de música de grande porte nos ajuda a compreender aspectos que fazem parte da cadeia

produtiva de eventos culturais e ter ideia do que é necessário para concretizar um empreendimento desta dimensão, a responsabilidade envolvida com a segurança das pessoas que frequentam estes ambientes e conscientizar a população para a importância econômica das cidades, principalmente ao gerar emprego e renda.

No capítulo a seguir, discutiremos mais sobre a estruturação da Rádio Tabajara, na tentativa de compreender como a emissora se constitui e de que forma contribui para impulsionar a cultura local, sobretudo, os músicos, por meio da realização de festivais.

3 RÁDIO TABAJARA: CULTURA E VALORIZAÇÃO LOCAL

A Rádio Tabajara é uma das emissoras de rádio mais antigas em atuação no Brasil. Fundada em 25 de janeiro de 1937 como Rádio Difusora da Parahyba PRI-4, nome alterado poucos meses depois para Rádio Tabajaras da Parahyba, em homenagem aos índios Tabajaras que há séculos habitavam a região (hoje conhecida como a capital da Paraíba).

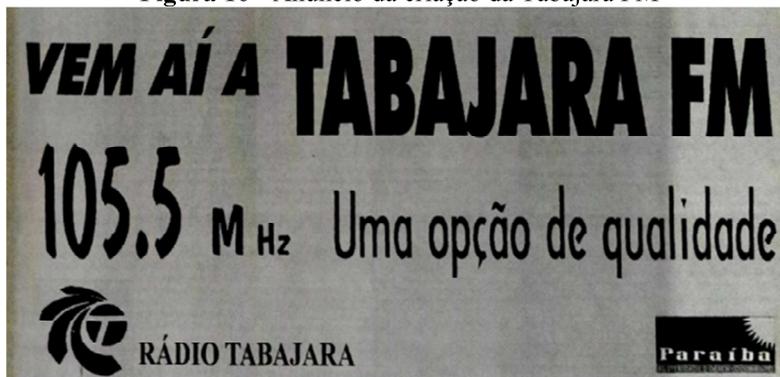
Segundo o historiador José Octávio de Arruda Mello, os índios tabajaras chegaram à Paraíba entre o final de 1584 e início de 1585, oriundos da Bahia, onde se localizavam às margens do rio São Francisco. Após uma emboscada fugiram alcançando as nascentes do Rio Paraíba (atual município de Monteiro), chegaram ao litoral em Itamaracá e passaram a lutar contra os colonizadores. A Paraíba ficou indevidamente conhecida como a Terra dos Tabajaras pois os verdadeiros índios nativos eram os potiguaras (Mello, 2013).

A emissora pertence à Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), vinculada ao governo do estado da Paraíba, juntamente com o jornal A União, único impresso ainda em circulação na capital paraibana. A EPC, por sua vez, foi criada em janeiro de 2019 tendo como sua primeira presidente a jornalista Naná Garcez, que está no cargo até hoje e que durante sua gestão concretizará a migração da Tabajara AM para a Parahyba FM 103,9 voltada para um público mais jovem apoiada nos pilares arte, cultura e entretenimento.

Em seus primeiros 20 anos de existência, a rádio Tabajara foi considerada “uma das mais prestigiosas do país”, com seus programas de auditório por onde passaram artistas de renome nacional e internacional como Nelson Gonçalves, Orlando Silva (“o cantor das multidões”), Emilinha Borba (uma das “Rainhas do Rádio”) e a Orquestra do trombonista norte-americano Tommy Dorsey, para citar alguns (Souto Maior, 2015).

Desde 07 de agosto de 1999, a Rádio Tabajara opera na frequência modulada 105.5 FM (figura 10), destacando-se entre outras rádios em atuação na capital paraibana por ser uma das poucas a privilegiar a música local (10,34%) e oferecer uma programação 100% brasileira, conforme verificamos em pesquisa anterior (Venâncio; Mendes, 2022).

Figura 10 - Anúncio da criação da Tabajara FM



Fonte: Jornal A União de 25 de maio de 1999

Na cobertura esportiva, a Rádio Tabajara também desempenha papel de destaque no Estado, disseminando informações sobre competições esportivas, resultados de campeonatos de futebol, permitindo que os ouvintes se mantenham informados sobre suas equipes favoritas que participam de eventos locais ou nacionais.

Como o esporte, principalmente o futebol, é uma forma de entretenimento muito popular, a cobertura esportiva da Tabajara atrai ouvintes interessados nas transmissões ao vivo dos jogos de seus times, comentários, e entrevistas com atletas e técnicos.

O espaço na programação dedicado à cobertura de eventos esportivos em programas como Cabine Esportiva que vai ao ar nas noites de segunda-feira, Campeonato Paraibano nas noites de quarta-feira e as inserções esportivas diariamente no período da manhã, em programas como Fala Paraíba e Jornal Estadual, ajudam a promover equipes e atletas da região paraibana, aumentando o reconhecimento e apoio à prática esportiva local, incentivando tanto o desenvolvimento dos esportes quanto criando senso de comunidade e pertencimento entre os ouvintes.

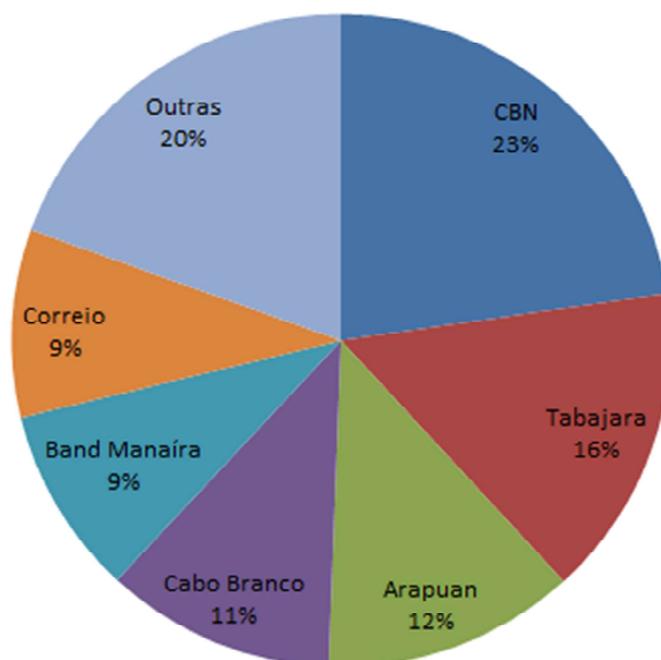
Essa vitrine esportiva pode ser responsável pelo aumento de torcedores do clube Botafogo/PB, que em 2019 foi identificado, após pesquisa, como time detentor da maior torcida entre os times paraibanos (26%) ficando atrás apenas dos torcedores paraibanos fiéis ao time carioca do Flamengo (27%) conforme matéria do Jornal da Paraíba (MAIORES TORCIDAS DO NORDESTE, 2023).

Na música, outra importante forma de entretenimento, a vitrine radiofônica exposta diariamente pela Rádio Tabajara alcança resultados semelhantes à vitrine esportiva ao propagar informações sobre lançamentos musicais, executar músicas nostálgicas, informar sobre festivais, expor biografias de artistas, e divulgar agendas culturais, principalmente locais.

Incluir músicas de compositores paraibanos na sua programação diária, como por exemplo, o Estação 105, que vai ao ar de segunda-feira a sábado das 15h às 17h, ou ainda o Palco 105, programa das noites de terças-feiras, das 20h às 22h, permite que um público amplo tenha contato com essas obras proporcionando exposição valiosa para os compositores e intérpretes, o que pode contribuir para aumentar o reconhecimento com este acréscimo de visibilidade.

A Tabajara é uma emissora com alcance considerável junto à comunidade local. Segundo pesquisa divulgada pelo Observatório Paraibano de Jornalismo (OPJor), organismo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da UFPB, em janeiro de 2022, a Rádio Tabajara é a segunda rádio mais ouvida na Paraíba com 15,5% de audiência (Figura, 11).

Figura 11 - Emissoras mais ouvidas



Fonte: OPJor

Se considerarmos que a CBN é uma emissora predominantemente de notícias, podemos dizer que a Tabajara é a rádio musical mais ouvida do Estado. Mas nem sempre a Rádio Tabajara privilegiou a produção local.

A emissora já precisou enfrentar o protesto de compositores paraibanos que não tendo espaço na programação das rádios decidiram empreender esforços para ampliar o alcance de sua música (a exemplo do Musiclube da Paraíba). Certa vez, ao contestar a explicação de um antigo programador da rádio de que não dispunha de material para

tocar para os ouvintes, levaram e entregaram pessoalmente na rádio, um cesto com mais de 100 discos autorais, como foi dito pelo jornalista, músico e compositor Adeildo Vieira em trabalho anterior realizado por este autor (Vieira, 2023).

Cenário bem diferente dos dias atuais em que estão a serviço da música paraibana o Programa Palco 105 (programa de auditório que recebe artistas locais para apresentações e entrevistas) apresentado nas noites de terça-feira e o Tabajara em Revista, programa que vai ao ar de segunda-feira a sexta-feira, das 14h às 15h.

A Tabajara também mantém em plataformas de streaming de áudio como o *Spotify* alguns programas como o Tabajara em Revista, o Tabajara Entrevista, e Reportagens Especiais que fazem parte da programação da Rádio e são colocados à disposição do ouvinte para escuta sob demanda em formato de *podcast*.

O Palco 105 é um programa de auditório com transmissão ao vivo pela Rádio Tabajara e simultaneamente pelo *facebook*, que tem o objetivo de receber artistas para entrevistas e divulgação de suas obras, com foco principal na música autoral paraibana. Foi criado em outubro de 2017 de forma itinerante ocupando espaços alternativos na cidade de João Pessoa, como o ponto de cultura A Bodega Arte Café, outrora localizado no bairro dos Bancários (Figura 12).

Figura 12 - Inauguração do Palco 105

12 A UNIÃO | João Pessoa, Paraíba - TERÇA-FEIRA, 3 de outubro de 2017

2º Caderno

Rádio Tabajara vai estrear hoje o programa Palco 105

A primeira edição do programa apresentado por Jamarri Nogueira acontece hoje, a partir das 20h, na Bodega Arte Café

Fonte: Jornal A União de 03 de outubro de 2017

A constituição de 1988 em seu artigo 223 determina que é competência do Poder Executivo “outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.” (Brasil, 1988). Isto significa dizer que nenhuma rádio pode operar sem prévia autorização da União e que os poderes privado, público e estatal não são contraditórios entre si, mas complementares.

É tênue a linha que distingue o que é público do que é estatal. De acordo com Zuculoto (2010), uma rádio pública é uma estação de rádio que tem a missão de servir ao interesse público, fornecendo informações, serviços de utilidade pública e entretenimento. É diferente das estações de rádio comerciais que visam o lucro. As estações de rádio públicas são frequentemente associadas a instituições educacionais ou agências governamentais e espera-se que forneçam uma programação educacional, informativa e culturalmente enriquecedora.

Segundo Mário Sartorello, o que diferencia uma rádio pública de uma rádio estatal é a forma de gestão e não a forma de financiamento:

Se você tem uma emissora como a TV Câmara, a Rádio Câmara, por exemplo, que têm gestão compartilhada, que têm uma gestão participativa com a sociedade, ela pode ser considerada pública e não necessariamente uma emissora governamental. Assim como você pode ter emissoras comunitárias que não são públicas. Elas são privadas, se você tem uma emissora comunitária que não abre para a participação da comunidade (Lima, 2023).

A Rádio Tabajara é uma emissora de rádio a serviço do Governo do Estado da Paraíba que em 10 de maio de 2017 deixou de ser autarquia e passou a ser sociedade anônima denominada Empresa Rádio Tabajara da Paraíba S. A. administrada por Assembleia Geral de Acionistas, Conselho Fiscal, Conselho de Administração e por uma Presidência, atualmente a cargo da jornalista Naná Garcez (Brasília, 2017).

Acreditamos que a rádio Tabajara, enquanto rádio pública e, sobretudo, estatal, cumpre sua função educativa, ao manter em sua grade programas como o Detran em movimento (7h às 7h30), Sudema em Ação (7h30 às 8h) e Espaço Ecológico (8h às 9h), que vão ao ar nas manhãs de sábado, auxiliando a sociedade com conselhos e alertas sobre como se comportar no trânsito e cuidados com o meio ambiente.

Outro exemplo do vínculo entre a emissora e a educação está no programa Espaço Experimental, programa produzido por estudantes dos cursos de Comunicação Social da UFPB e que foi veiculado na 1.110AM, nas manhãs de sábado, entre 1995 e março de 2020, quando a pandemia da Covid-19 interrompeu as aulas presenciais e modificou a programação da emissora (Monteiro; Mendes, 2020).

Além destes programas, há os já citados programas esportivos e a vitrine concedida à música paraibana em toda a programação musical, que ocupa mais de 50% de todo o cardápio oferecido pela rádio aos ouvintes, ampliando o conhecimento e a cultura de quem sintoniza na Rádio Tabajara.

Autores paraibanos contam sobre o pioneirismo da rádio e sua importância para a cultura local em obras como *Rádio Tabajara: Patrimônio Cultural da Paraíba* (Carneiro, 2017). Em nossa perspectiva, o registro da história da emissora contribui para ampliar o acesso à informação, preservar o legado da rádio, bem como mostrar o processo de formação profissional que foi se consolidando ao longo dos anos e fez da rádio Tabajara uma verdadeira escola para jornalistas e radialistas ajudando as novas gerações a compreender a importância de noticiar e valorizar o local, seus artistas, sua história, sua cultura.

3.1 Jornalismo, Cultura e Conhecimento

O jornalismo tem o papel de colaborar na formação de conhecimento e contribuir para a construção e organização de valores sociais. É importante que a informação esteja acessível a todos e o jornalismo cultural desempenha papel relevante nesse sentido.

Eduardo Meditsch, teórico do jornalismo, numa conferência em Portugal, refletindo sobre o jornalismo ser ou não ser fonte de conhecimento, sugere que o jornalismo não é puramente objetivo ou neutro, porque envolve posições subjetivas e visão ideológica sobre a realidade:

Todo o conhecimento social, e o jornalismo é um conhecimento social, envolve determinado ponto-de-vista sobre a história, sobre a sociedade e sobre a humanidade. E como Humanidade e História são processos que estão em construção, naturalmente não existe um Jornalismo puramente objetivo, ou seja, um Jornalismo que seja absolutamente neutro. Isso não acontece por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais. Não é porque o indivíduo está psicologicamente envolvido com o fato, mas porque toda a forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Essa é a razão mais profunda, porque o próprio Jornalismo implica uma visão ideológica, implica um posicionamento ético e político sobre a realidade (Meditsch, 1992).

O jornalismo deve ser visto como uma forma social de produção de conhecimento e principalmente o jornalismo cultural. Esta especialidade, dentro do jornalismo, historicamente começou no final do século XVII na Europa (Melo, s.d.) por lidar com assuntos que trazem leveza à existência humana e tem a qualidade de enriquecer o conhecimento intelectual. O jornalismo cultural precisa ser traduzido por

meio de narrativas claras e acessíveis, ao falar sobre obras culturais complexas para o cidadão comum que percebe, na pessoa dos jornalistas, a responsabilidade de atuarem como mediadores culturais, facilitando o acesso à cultura e contribuindo para ampliar o vocabulário estético dos que consomem arte.

Rodrigues (2015) discute a importância da cultura como assunto do jornalismo e como ela é tratada no contexto de rádio, destacando os desafios enfrentados pelos jornalistas culturais na definição e compreensão do termo “cultura” e como ele percebido pelo público, explorando os diferentes gêneros de jornalismo que normalmente lidam com a cultura e demonstra a necessidade de análise crítica e reflexão sobre eventos sociais.

A jornalista e professora universitária, Cida Golin, discute o papel do jornalismo como discurso e forma de conhecimento, destacando sua função comunicativa e sua relação com a produção cultural:

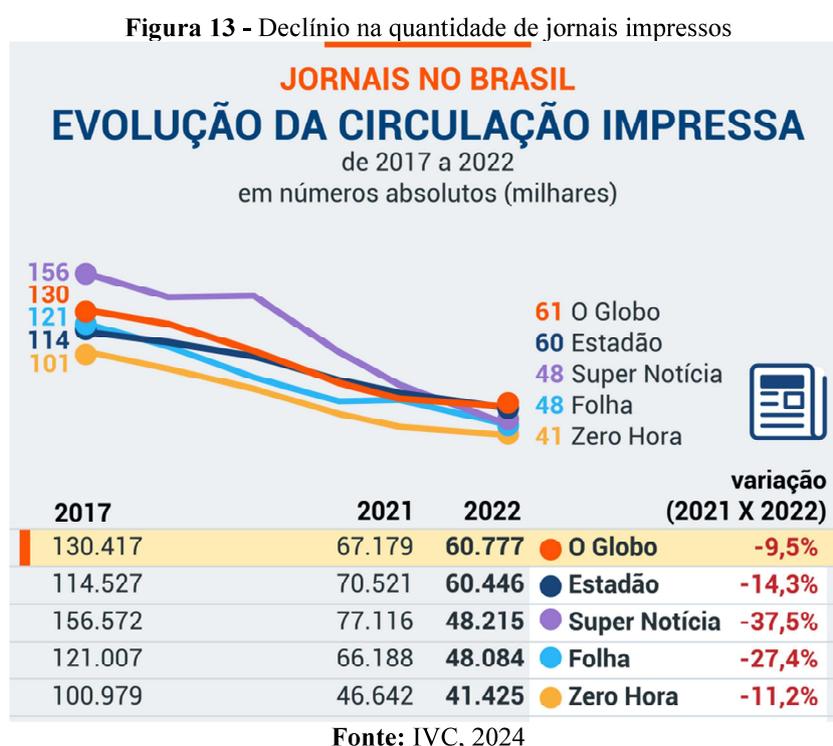
A cultura engloba tanto aspectos materiais como não-materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana: tais sentidos, em vez de meras elucubrações mentais, são parte essencial das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não-materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente as estruturas materiais da organização social, legitimando-as, reforçando-as ou as contestando ou transformando (Golin, 2009).

O jornalismo, através de suas rotinas industriais e práticas culturais de enquadramento, produz uma perspectiva da realidade baseada em critérios como notoriedade, proximidade e novidade. Há uma tensão entre as funções de jornalista e especialista, especialmente em publicações culturais, onde convivem repórteres, intelectuais e pensadores. O jornalismo cultural estrutura a memória simbólica, reforçando ou desafiando cânones estabelecidos. Sua função de mediação é crucial para conectar o público aos bens simbólicos. A crítica jornalística é vista como um exercício de conhecimento e mediação, essencial para a compreensão e a alfabetização visual do público em relação às obras de arte e experiências artísticas.

O jornalismo cultural está há décadas fazendo parte de veículos de comunicação (impressos, radiofônicos ou televisivos) trazendo informação sobre lançamento de discos, livros, exposições que se inauguram nas cidades e se a popularização da internet diminuiu a circulação de jornais e revistas especializadas em cultura e entretenimento

também houve programas e publicações que nasceram e se popularizaram neste ambiente digital.

Segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) divulgados em 2023, houve uma diminuição de aproximadamente 15% dos jornais impressos que circulam em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Pará, Goiás e o Distrito Federal entre 2017 e 2022. Mas mesmo com essa diminuição, 15 veículos relatados na pesquisa são responsáveis por quase 400 mil exemplares diários que vão às ruas, 258.947 conforme os cinco primeiros jornais que constam na figura abaixo:



Em cada um deles há espaço para a cultura com publicações sobre música, cinema, literatura, gastronomia, a exemplo do caderno Ilustrada que vem encartado no jornal A Folha de São Paulo cobrindo “cultura, artes e espetáculos”, conforme seu site (Folha de São Paulo, 2024), onde colaboram jornalistas e críticos de música e arte em geral.

Refletindo sobre alguns veículos que com a chegada da internet foram diminuindo o tamanho de suas redações até encerrar suas atividades e como alguns portais, blogs ou canais em plataformas no *youtube* surgiram após isso com iniciativas de alguns jornalistas e críticos que antes colaboravam com revistas como a Bizz (depois rebatizada para ShowBizz) - que foi inaugurada em 1985, alguns meses após o primeiro

Rock in Rio e que durou até 2007 - destacamos na figura a seguir, onde 30 jornalistas foram convocados a escolher os personagens que se destacaram na música no ano de 1998, alguns profissionais que 25 anos depois ainda se encontram no mercado produzindo textos, matérias para jornais, programas de rádio, muitos se tornaram escritores de livros sobre música e/ou migraram para o ambiente digital (Figura 14):

Figura 14 - Jornalistas especializados



Fonte: Revista Showbizz, edição 164, março de 1999

André Barcinski, nascido em Nova York, jornalista pela Universidade Federal Fluminense (RJ), escreveu para o jornal Tribuna da Imprensa, para o caderno Ilustrada da Folha de São Paulo, para a revista Trip, entre outros. Tem vários livros publicados como ‘Marcelo Nova: o galope do tempo’, ‘João Gordo: viva la vida toska’, ‘Sepultura: toda a história’, ‘Pavões Misteriosos’, ‘Maldito: Vida e o Cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão’, entre outros.

Chris Fuscaldo, jornalista com matérias publicadas em O Globo e na revista Rolling Stone. Fundou a editora Garota FM Books, por onde publicou os livros ‘1979, O ano que ressignificou a MPB’, ‘A todo o vapor: o tropicalismo segundo Gal Costa’, ‘Cantadas: ensaios sobre 35 grandes vozes da música brasileira’, ‘De tudo se faz canção: os 50 anos do clube da esquina’, e ‘Discobiografia Mutante’ (estes dois últimos de sua autoria).

Jotabê Medeiros, paraibano de Sumé, repórter e crítico musical, escreveu para revista *Veja* (SP), para jornais como a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Escreveu os livros ‘Roberto Carlos: por isso essa voz tamanha’, ‘Raul Seixas: não diga que a canção está perdida’, e ‘Belchior - apenas um rapaz latino-americano’, entre outros.

Lorena Calábria, jornalista de cultura, há quase 40 anos, atua e atuou em TV, rádio, web e mídia impressa como as revistas *Bizz* (Editora Abril), *TPM* (Editora Trip) e *Revista da Folha*. Roteirizou ou foi apresentadora de programas, como *Som Maior* (Rede Manchete), *Clip Clip* (Rede Globo), *Cine MTV*, *Metrópolis* (TV Cultura), *Ensaio Geral* (Multishow), *Rádio Café* (Oi FM), e *Sonora Live* (portal Terra). É autora do livro *Chico Science & Nação Zumbi: Da lama ao caos*.

Mauro Ferreira é um dos mais prolíficos profissionais do jornalismo cultural. Escreve diariamente sobre música em sua página no G1, portal de notícias da Globo e também em seu *instagram* onde também comenta sobre novelas, entre outros produtos midiáticos, conforme destaque a seguir:

Jornalista carioca que escreve sobre música desde 1987, com passagens em 'O Globo' e na extinta revista 'Bizz'. No G1, traça um guia do mercado fonográfico para todos os estilos, gêneros e tribos musicais no blog <http://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/>. Seu blog é um guia jornalístico do mercado fonográfico brasileiro com resenhas de discos de artistas nacionais, críticas de shows e notícias diárias sobre futuros lançamentos de CDs e DVDs de todos os estilos, gêneros e tribos musicais. Atualizado diariamente, de domingo a domingo.

Pedro Alexandre Sanches, jornalista paranaense (radicado em São Paulo desde 1995) especializado em jornalismo cultural com textos para a *Folha de São Paulo* e revista *Carta Capital*. É autor dos livros: ‘Como dois e dois são cinco - Roberto Carlos (& Erasmo & Wanderléa)’, ‘Tropicalismo - Decadência Bonita Do Samba’ entre outros.

Pedro Antunes, jornalista (que começou cobrindo esportes), passou pelo jornal *A Tarde* (SP), foi crítico de música e de cultura pop no jornal *O Estado de São Paulo*, e também repórter e redator da revista *Rolling Stone*. Criou o programa ‘Tem um gato na minha vitrola’ que vai ao ar pelos *stories* do *instagram*.

Ricardo Alexandre, foi redator da revista *Bizz* e *Época*, criou o Podcast *Bizz* (antes do formato se popularizar ainda em 2005) e o *Discoteca Básica* onde pratica o jornalismo cultural com muita informação, contextualização histórica, em temporadas semanais e episódios com 60 minutos de duração. Escreveu o livro “Dias de luta: O Rock e o Brasil dos Anos 80” que traça um panorama sobre as bandas e artistas

responsáveis pela cena roqueira brasileira na penúltima década do século XX e “Nem vem que não tem: A vida e o veneno de Wilson Simonal”, biografia campeã no Prêmio Jabuti de 2010 .

Sérgio Martins escreveu para as revistas Bizz, Showbizz, Época, Veja, e nos cadernos de cultura dos jornais Folha de SP, Estadão, Jornal da Tarde. Criou um programa de entrevistas em sua página do *Instagram* e alguns episódios podem ser vistos em seu canal do *youtube*. Atualmente é editor da Revista Billboard Brasil e colabora com a revista Carta Capital.

Tárik de Souza, jornalista e crítico musical carioca, é considerado pelo Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB) “uma das maiores referências do jornalismo musical”. Com aproximadamente 56 anos de carreira já colaborou com inúmeros veículos de comunicação (Folha de SP, Estadão, Pasquim, Revista Isto É, Veja, Show Bizz). É autor de vários livros a exemplo de ‘Tem mais samba’, ‘Rostos e gostos da MPB’, ‘Sambalanço – a bossa que dança: um mosaico’, entre outros. Apresenta o programa Bossamoderna na Rádio MEC.

Zeca Camargo, jornalista e escritor mineiro, iniciou sua carreira aos 24 anos escrevendo sobre música no jornal Folha de SP. Foi diretor e apresentador de programas no canal de televisão MTV. Escreveu vários livros, entre eles De A-HA a U2 - Os Bastidores das Entrevistas do Mundo da Música.

Estes são alguns exemplos de profissionais do jornalismo cultural que há mais de 30 anos aproximadamente se mantem produzindo matérias e resistindo às transformações que o mercado e a tecnologia nos impõe. Em Pernambuco a revista Continente, criada nos anos 2000 continua circulando em versão impressa e vendidas em bancas (na cidade do Recife ainda se encontram algumas bancas pela cidade) e também em versão digital, num exemplo de produção jornalística cultural fora do eixo Rio-São Paulo.

Na Paraíba também se encontram exemplos de profissionais do jornalismo cultural com longa experiência e alguns jovens que já vem trilhando nos últimos anos um percurso de trabalhos competentes como os colaboradores Joel Cavalcanti e Gi Ismael, por exemplo, do jornal A União que compõe com a Rádio Tabajara a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

Gil Sabino, Juca Pontes, Ricardo Anísio e Walter Galvão, (infelizmente todos falecidos entre 2021 e 2023) deixaram uma trajetória de longos anos a serviço da comunicação paraibana. Destes eu destaco Ricardo Anísio que foi editor de cadernos de

cultura do extinto Jornal O Norte e do ainda em circulação A União. Teve programas de rádio onde avaliava e fazia resenhas de lançamento de discos, foi sócio de gravadora (com o professor aposentado do curso de jornalismo da UFPB Carmélio Reynaldo por onde lançaram o CD Avatar, de Cátia de França) e escreveu alguns livros, como por exemplo, MPB de A a Z, e Crônicas Musicais (Osias, 2023).

Silvio Osias atua há mais de 40 anos no jornalismo cultural e escreve diariamente para seu blog hospedado na página do Jornal da Paraíba. É autor do livro Meio Bossa, Nova Meio Rocknroll – Crônicas Musicais.

No ambiente digital é interessante citar alguns *podcasts* produzidos e/ou apresentados por jornalistas e críticos musicais que mantem vivo não apenas o jornalismo cultural mas também o ambiente sonoro das rádios já que o *podcast* é um produto radiofônico (Figura 15).

Figura 15 - *Podcasts* musicais

Podcast	Apresentador
Discoteca Básica	Ricardo Alexandre
Tenho Mais Discos Que Amigos	Rafael Teixeira
Troca o Disco	João Paulo Gomieiro
Vamos Falar Sobre Música	Cleber Facchi
B3 + 1	André Barcinski
Rádiofobia	Leo Lopes
O Som do Vinil	Charles Gavin

Fonte: Music Non Stop, 2024

A Rádio Tabajara possui a missão de difundir a arte paraibana em suas diversas formas como música, teatro ou cinema por meio de sua programação diária em programas como o Tabajara em Revista, por exemplo, e principalmente este que é comandado por dois artistas³, compositores e cantores, que sabem da importância de aproximar o público à obra de seus criadores.

Adeildo Vieira costumava abrir a programação do Tabajara em Revista convocando os ouvintes a explorar as diversas plataformas em que a programação da rádio pode ser acessada, como o exemplo a seguir:

queridas e queridos ouvintes da Tabajara estamos começando sim o nosso Tabajara em Revista (...) você pode ser ouvinte da Rádio Tabajara pela 105,5FM, no seu rádio, você pode também estar no aplicativo do seu celular, do seu *tablet*, você pode estar no *site* da Tabajara também ouvindo a gente em qualquer lugar do planeta ou se você quiser ver o estúdio e a profusão de cores que tem aqui no

³ O jornalista e apresentador Adeildo Vieira se desligou da Rádio Tabajara em outubro de 2023.

estúdio (...) você assiste à gente pelo *youtube* da Rádio Tabajara (Tabajara em Revista, 2024).

Tudo isso se torna ainda mais potente no atual cenário em que o rádio se coloca como meio ainda importante na difusão de notícias, conhecimento e cultura, mesmo em ambiente cada vez mais digital, para onde o rádio transbordou e onde busca ocupar seu lugar.

3.2 Rádio expandido: novas formas de produção, escuta e consumo

O rádio é um veículo de massa centenário. Há relatos de que nos Estados Unidos da América, o inventor Lee De Forest transmitiu de forma pioneira os resultados das eleições presidenciais de 1916 em sua própria estação de rádio no Bronx (Tim Wu, 2012).

Há mais de 100 anos o rádio adentra as casas da população brasileira levando informação e entretenimento. A radiodifusão foi estabelecida no Brasil em 1923 com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro por Roquete Pinto e Henrique Moritze (Saroldi; Moreira, 1984). Este meio de comunicação de massas foi testemunha da chegada de outras tecnologias criadas e que modificaram os costumes da sociedade. A criação da televisão nos anos 1950 e a internet no final do século XX são dois exemplos importantes que forçaram o rádio a mudar suas rotinas produtivas para se adaptar aos novos tempos.

O rádio já foi (e ainda é) um grande meio de difusão da música popular após o surgimento das gravações elétricas em discos de 78 rotações, a partir dos anos 1928. Muito embora sua popularização tenha ocorrido por volta da metade do século XX:

Bem verdade que nos anos 1950 todos os lares tinham pelo menos um rádio, que era exposto, orgulhosamente, sobre o móvel mais “chique” da sala. A rigor, o rádio era a peça mais importante do ambiente (...) oito entre dez sintonizados na Rádio Nacional do Rio de Janeiro (...) [por onde] nos chegavam as vozes e emoções das divas e dos reis das canções (Aguilar, 2013).

Antes das gravações elétricas em discos de 78 rotações já havia gravações de discos no Brasil, mas eram gravações mecânicas, através de sulcos e reproduzidas em fonógrafos (Leminski; Ruiz, 2006). Antes deste artifício de executar as músicas através de discos as atrações musicais eram performadas ao vivo dentro de grandes estúdios

com muitos músicos, e até orquestras, para acompanhar os cantores que por ter que lidar com equipamentos ainda rudimentares de captação de áudio cantavam muito alto se valendo da potência de suas vozes.

Atualmente dado o avanço tecnológico tanto na qualidade dos equipamentos de gravação quanto na melhoria do tráfego de dados móveis o consumo de música foi completamente alterado. As pessoas não dependem mais do rádio exclusivamente para ter acesso às novidades musicais. O ouvinte agora tem o poder de consumir a música de seu artista preferido à hora e no lugar que melhor lhe convier. Este poder foi conferido aos ouvintes com a popularização da internet e a criação de plataformas digitais como o *Spotify*, por exemplo, os chamados serviços de streaming.

streaming é um formato de distribuição de conteúdo multimídia que dispensa o download de arquivos. Em vez de baixar uma música e guardá-la no aparelho, o usuário ouve a música em tempo real como se fosse uma transmissão de rádio- porém por meio de uma conexão com internet (Brigatti, 2013).

O pesquisador Marcelo Kischinhesky cunhou o termo “rádio expandido” ao perceber o surgimento de um novo tipo de mídia social baseada na transmissão de rádio. Inicialmente ele denominou esta nova forma de mídia como “rádio social” que é caracterizada pelo uso de redes digitais para facilitar as interações entre as emissoras de rádio e seus públicos (Kischinhevsky, 2012).

No artigo, Rádio Social: mapeando novas práticas interacionais sonoras, ele argumenta que o surgimento do rádio social representa um momento de transição na história da radiodifusão que se caracteriza tanto pela continuidade quanto pela ruptura nos conteúdos veiculados. Por um lado, o rádio social se baseia nas tradições e práticas da radiodifusão e, por outro lado, está transformando essas práticas de maneiras significativas.

Tais transformações provocam implicações para o estudo da recepção, interação e mediação no contexto da mídia digital. O rádio social representa um local novo e importante para o estudo desses fenômenos e oferece novas oportunidades para os pesquisadores explorarem as relações complexas entre mídia, cultura e tecnologia.

Kischinhevsky apresenta também dois conceitos: o de remediação, usado para descrever a maneira pela qual o rádio social está transformando o processo tradicional de radiodifusão. A remediação se refere à maneira pela qual as novas tecnologias de mídia estão constantemente redefinindo e transformando formas de mídia mais antigas.

E o conceito de radiomorfose, também usado para descrever esse processo de transformação. Radiomorfose se refere à forma como a radiodifusão está sendo transformada pelas tecnologias digitais e como isso está levando a novas formas de interação e engajamento entre as emissoras e seus públicos.

Este engajamento alterou a forma como o público ouve música e tem permitido que o ouvinte tenha ritmos próprios de consumo podendo acessar o conteúdo dos programas armazenados quando quiser e até compartilhar com outras pessoas, deixar mensagens, fazer perguntas, enfim, participar de discussões e trocar opiniões com outros ouvintes/usuários (Kischinhevsky, 2015).

Em pesquisa realizada em 2015 para quantificar a importância do rádio quanto o consumo de música nos dias atuais, Gonçalves e Crepalde analisaram 100 questionários de pessoas com idades entre 17 e 57 anos, maioria de mulheres (52%), maioria com curso de terceiro grau concluído ou em andamento, onde se percebeu que 66% dos entrevistados tem o hábito de ouvir rádio mas o meio que mais utilizam para ouvir música são as mídias sociais (internet).

Os dados revelaram que as mídias sociais, especialmente a internet, se tornaram o principal meio pelo qual as pessoas entrevistadas consomem música. No entanto, o rádio ainda é citado como uma influência significativa na descoberta de artistas favoritos. Isso sugere que o rádio ainda desempenha um papel importante na divulgação e consumo de música, sendo acessível a todas as classes sociais por meio de aparelhos de som e celulares. No entanto, plataformas de *streaming* têm ganhado força, especialmente entre o público mais jovem. Pesquisas mais abrangentes são necessárias para investigar esse fenômeno em maior profundidade (Gonçalves; Crepalde, 2017).

Alguns destes dados foram atualizados a partir de pesquisa rápida realizada para esta dissertação, entre pessoas com idades entre 14 e 81 anos, residentes na capital paraibana, que comprovou que o rádio ainda é um meio utilizado para a escuta (54,9%) e que as mídias digitais são o ambiente preferido para se ouvir música (58,02%). A pesquisa será melhor discutida no Capítulo 04.

Para falarmos sobre as plataformas de *streaming* e o consumo de músicas na era digital precisamos refletir sobre os algoritmos e como eles funcionam. A pesquisadora Patrícia da Cunha Jardim investigou a importância dos algoritmos dentro das plataformas de *streaming* e a relação com os usuários, onde define que os algoritmos são “uma ferramenta que auxilia o usuário nas suas escolhas, tendo o poder de moldar o seu gosto e ainda categorizar as músicas.” (Jardim, 2022)

Os algoritmos funcionam analisando os hábitos e preferências de escuta do usuário, como as músicas que ouve, os artistas que segue e as playlists que cria. Com base nesses dados, os algoritmos criam playlists personalizadas para o usuário, sugerindo novas músicas e artistas que se alinhem com seus gostos musicais. Os algoritmos também levam em consideração o histórico de pesquisa do usuário e outras interações dentro da plataforma para refinar ainda mais suas recomendações.

A investigação realizada com usuários do *Spotify* revela que as pessoas valorizam a personalização das playlists e preferem organizar suas músicas de acordo com seus gostos pessoais. Mas reconhecem que os algoritmos desempenham um papel significativo na organização do conteúdo musical e são considerados uma ferramenta importante pelos usuários.

Não há diferença entre os usuários que ouvem playlists criadas pelo aplicativo e aqueles que as elaboram, quando se trata de valorizar a personalização. O sentimento de posse em relação às músicas é que mudou com o advento do *streaming*, onde o conteúdo pertence à plataforma e não pode ser reproduzido fora dela. Apesar disso, os usuários apreciam o acesso ilimitado ao conteúdo musical existem dentro das plataformas.

Embora os algoritmos do *Spotify* facilitem a descoberta de músicas, eles não substituem completamente a busca feita pelos usuários, especialmente aqueles que valorizam a personalização. As redes sociais também desempenham um papel importante na descoberta de novas músicas, especialmente para aqueles que valorizam o trabalho do algoritmo.

O consumo de música na era digital está voltado para o streaming, proporcionando facilidade de acesso e categorização de conteúdo. Mas há usuários que valorizam a posse das músicas e neste caso tendem a valorizar mais o acesso offline, mesmo que isso signifique um catálogo mais limitado.

O streaming mudou a forma como as pessoas consomem música, oferecendo acesso ilimitado, mas eliminando a posse física das músicas. Os artistas reconhecem a importância do *Spotify* como uma ferramenta de divulgação e interação social, por perceberem que os usuários consomem cada vez mais música através do streaming.

Apesar disso, a pesquisa para a descoberta de novas músicas ainda é realizada pelos usuários, que podem optar por utilizar as playlists personalizadas pelo algoritmo como uma forma de facilitar o consumo de música. Mas há também usuários que preferem descobrir novas músicas através da televisão e do rádio (Jardim, 2022).

Antes do advento da internet, das plataformas digitais e seus algoritmos as vitrines à disposição dos artistas eram a televisão, o rádio e casas de espetáculo para realizar shows, espaços onde podiam expor sua arte e encantar o público. Mas como se dava a seleção para oportunizar estes espaços?

No artigo, *A Divulgação Musical no Rádio Brasileiro: da “caitituagem” aos desafios da concorrência digital*, cujo tema principal é a relação entre emissoras de rádio e gravadoras no Brasil, focando especificamente no papel da promoção e divulgação da música, Daniel Gambaro (2018) discute o desenvolvimento histórico desse relacionamento, incluindo a mudança de relacionamentos pessoais para abordagens mais comerciais e racionalizadas. O autor também explora os desafios impostos pela distribuição digital e o potencial do rádio para servir como curador de conteúdo no cenário atual da mídia.

O artigo sugere que as estações de rádio podem operar como curadoras de conteúdo musical, o que significa que elas têm o poder de desempenhar um papel na seleção e promoção de determinados artistas e músicas para seu público. Esse papel é historicamente significativo, pois as estações de rádio têm sido importantes guardiãs do conteúdo cultural e continuam sendo relevantes no cenário atual da mídia. As estações de rádio podem usar sua posição como curadoras para manter sua legitimidade e competitividade diante da distribuição digital e de outros desafios.

O papel da promoção musical sempre foi importante na indústria musical, com o rádio sendo um fator chave para o sucesso de um artista. A relação entre gravadoras e emissoras de rádio dependia muito do trabalho de promotores musicais, responsáveis por construir relacionamentos com apresentadores de rádio e convencê-los a tocar determinadas músicas.

Durante as décadas de 1960 e 1980, os apresentadores de rádio nas estações AM foram a principal fonte de fama dos artistas, com os promotores musicais usando várias táticas para tocar suas músicas, incluindo oferecer incentivos e construir relacionamentos pessoais. A competição entre gravadoras era acirrada, e alguns promotores musicais usavam táticas às vezes antiéticas para promover seus artistas e sabotar seus concorrentes (Gambaro; Vicente; Ramos, 2018).

Estas táticas antiéticas ficaram conhecidas como “jabaculé”, com o tempo foi abreviada para “jabá”, que é uma derivação da ação de fazer o “caititu”, segundo o dicionário Michaelis, “Pessoa que tenta, de forma insistente, promover composições ou

gravações suas ou de outrem, (...) por meio de constantes visitas às emissoras de rádio.” (Caititu, 2023).

Em entrevista para o portal G1 em 21 de maio de 2021, período pandêmico em que shows ainda estavam suspensos, o cantor Hudson, da dupla formada com Edson fala abertamente sobre a prática de subornar as rádios para que promovam um determinado gênero:

Todos os artistas puseram o pé no freio na questão de investimento em rádios, porque hoje o jabá foi legalizado. Então existe uma tratativa nas rádios, que os artistas pagam para tocar aquela música durante aquele tempo. E o sertanejo está esperando para investir no momento certo (Ortega; Neves, 2023).

Infelizmente essas práticas antiéticas de abrir espaços na programação das rádios por meio de suborno ainda existem e são vistas como procedimentos normais não só por quem tenta coagir os programadores musicais a tocar a música de seu artista tanto quanto por quem se acostumou a se beneficiar deste tipo de incentivo. Quando o poder econômico é muito forte, alguns promotores musicais não se limitam a “comprar” os programadores das grades musicais, mas, em alguns casos, chegam a ser donos de emissoras de rádio ou até de redes de emissoras.

Emanoel Gurgel, empresário de bandas de forró dos anos 1990, como Mastruz com Leite e Limão com Mel, por exemplo, ao perceber que algumas rádios não estavam “honrando” o acordo de tocar as músicas dessas bandas (mesmo recebendo jabá) arrendou algumas estações e montou um esquema onde ele entregava a programação musical de seu interesse. Ao ser informado por um amigo locutor que ele poderia criar uma rede de rádio via satélite a partir da aquisição de um aparelho chamado Constrim, Emanoel criou a rádio Som Zoom Sat que chegou a ter 113 emissoras espalhadas por 15 estados (Marcelo, 2012).

Ter o controle sobre mais de 100 emissoras de rádio em 55% dos estados brasileiros ajudou a consolidar este tipo de música durante boa parte dos anos 1990, ao massificar um único estilo musical que ocupou os espaços em inúmeras rádios pelo Brasil e se transformou num modelo de negócio até os dias atuais, seguido por outros gêneros, como o sertanejo, por exemplo. Outros estudos podem investigar se há práticas antiéticas nos ambientes digitais controlados pelos algoritmos, para onde o rádio migrou e se tornou hipermediático.

3.3 Hipermediatização do rádio

A pesquisadora Débora Lopez (2010), em sua tese de doutoramento, apresenta esta definição para o rádio, ao compreender e explicar sobre as mudanças que o meio sofreu desde seu nascimento até o advento da internet, que impôs novas formas de produzir e consumir programas radiofônicos.

Numa breve viagem ao tempo, lembramos que uma das primeiras e importantes transformações na rotina da sociedade no tocante à radiofonia ocorreu com a criação do transistor e a possibilidade de se fabricar rádios portáteis entre os anos 1947 e 1954. Este avanço tecnológico reconfigurou a relação entre o ouvinte e o rádio, que passou a levar o seu “cúmplice” para todos os lugares. O rádio deixava de ser o centro das atenções nas salas das famílias (espaço que começou a perder com a chegada da televisão nos 1950) e passava a ser companheiro de jornadas de trabalho ou em passeios sociais.

Com a chegada da TV, muitos programas criados e formatados para o ambiente radiofônico, como as atrações musicais que se apresentavam nos auditórios das emissoras de rádio, migraram para os estúdios das emissoras de televisão. Como o Cassino do Chacrinha, por exemplo (Monteiro, 2014). Com a perda de atrações de entretenimento como essas o rádio passa a investir na produção de programas jornalísticos.

A criação da internet e sua popularização a partir dos anos 1990, após a privatização da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) nos últimos anos do século passado, foi outra grande mudança na rotina da sociedade mundial. Para o jornalismo, trouxe muitos benefícios e também dissabores. Muitos postos de emprego foram fechados e impôs uma nova forma de trabalhar a quem soube se adaptar aos novos tempos.

Atualmente, para se manter produzindo um jornalista precisa ser multifunção. Uma característica em sintonia com um ambiente cada vez mais multiplataforma. A noção de jornalismo multiplataforma é apresentada por Salaverria, como “casos em que distintos meios coordenam as suas respectivas estratégias editoriais e/ou comerciais para conseguir um melhor resultado conjunto.” (Salaverria, 2014). Essa ideia de polivalência envolve o domínio de habilidades diversas como fotografia, texto e vídeo, por exemplo e o controle para ocupar vários ambientes digitais.

Nesse contexto, o rádio também precisou mais uma vez se adaptar a uma nova forma de produzir programas e se aproveitar dos ambientes digitais, que foram criados com o advento da internet, como explica Débora Lopez, ao apresentar o conceito de rádio hipermediático, inserido no contexto da convergência de mídias:

Sua construção narrativa apresenta-se como multimídia, mas sempre fundamentada em uma base sonora, por isso se configura como rádio. Esta comunicação sonora pretende garantir a eficácia comunicacional e é complementada pelo conteúdo multimídia de transmissão multiplataforma. O rádio hipermediático insere-se no contexto da tecnologia das informações, sofrendo influências principalmente do rádio digital e da entrada deste meio na internet (Lopez, 2010).

O conceito nos ajuda a entender que por ter base sonora (emitir e transmitir som) é rádio na essência. Por ser hipermediático une em si vários meios proporcionando maior interatividade e maiores possibilidades de difusão. Os profissionais reconhecem que essas tecnologias estão integradas a um processo de revisão e reestruturação do rádio, possibilitando novas dinâmicas de apuração mais ágeis. As mídias digitais têm influenciado diretamente o rádio, resultando em uma interação mais intensa entre os ouvintes e os comunicadores, que agora compartilham espaços e interagem por meio de redes sociais. Essa mudança redefine a relação entre ouvinte e comunicador, tornando-a mais próxima e interativa.

Segundo Lopez, os produtores de conteúdo para rádio têm um desafio:

Repensar o veículo, suas rotinas, seu público, suas estratégias narrativas, seus suportes de transmissão e, de maneira mais pontual, os gêneros radiofônicos. Se antes a discussão era polêmica e apontava para linhas divergentes, agora o rádio passa a ser exigido em relação à definição de uma identidade própria, passa a ser cobrado a assumir seu papel no campo dos gêneros e, a partir disso, a (re)pensar formatos que sejam adequados à sua configuração atual. A produção radiofônica é agora composta por uma narrativa multimídia, direcionada a esse novo público, buscando atender demandas de tempo, disponibilização, linguagem, conteúdo, forma. Trata-se de uma área a ser explorada por comunicadores no mercado e por pesquisadores na academia (Lopez, 2010).

A Rádio Tabajara está inserida neste contexto hipermediático ao se apropriar do ambiente digital e se fazer presente em diversas plataformas. Entre as plataformas de streaming de áudio, destaca-se a presença da emissora no *Spotify*, onde hospeda programas como o Tabajara em Revista no formato de podcasts. Entre as redes sociais, está presente no Instagram, com 17 mil seguidores e também no Facebook, onde realiza

transmissão ao vivo de programas como Palco 105, criado em 2017. Em plataformas de vídeo como o Youtube, a rádio faz transmissões ao vivo das edições do Festival de Música da Paraíba, criado em 2018. A Tabajara mantém um blog com notícias na sua página da internet, onde também é possível ouvir os programas ao vivo tanto da 105,5FM quanto da 1.110AM (Figura 16):

Figura 16 - Página da Tabajara na internet



Fonte: Empresa Paraibana de Comunicação (EPC)

Acredita-se que estes espaços têm expandido e reverberado os conteúdos dos programas, conectando a rádio aos ouvintes, mantendo-a atualizada às demandas e oportunidades do rádio convergente, expandido e hipermidático, no cenário do jornalismo multiplataforma. No entanto, interessa a esta pesquisa compreender o quanto a participação dos artistas paraibanos nestes ambientes digitais tem se beneficiado desta exposição e se esses espaços contribuem para disseminar a música paraibana.

4 I FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA: METODOLOGIA E ANÁLISE

Este capítulo destina-se à exposição dos caminhos metodológicos e análises dos resultados da pesquisa, com o intuito de demonstrar o processo de criação do primeiro de festival de música da Paraíba, realizado em 2018.

Quanto ao objetivo, trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa. O método é estudo de caso, realizado por meio de entrevistas semi-estruturadas e pesquisa documental em jornais, sites e programas arquivados em plataformas digitais. O estudo de caso, segundo Schramm (1971) caracteriza-se por “tentar esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas, e com quais resultados”.

Um estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que se concentra em compreender um fenômeno ou situação em particular em profundidade, normalmente usando métodos qualitativos. Geralmente é usado para responder perguntas do tipo “como” e “por que” e envolve a análise detalhada de um caso ou casos específicos.

Já a entrevista semiestruturada, segundo Marcelo Furtado (2023), é um método utilizado para direcionar e manter o foco no objetivo durante a conversa com o entrevistado. É um tipo de entrevista que se guia por um roteiro de perguntas pré-elaboradas, mas com flexibilidade para realizar outras perguntas ou mesmo refazê-las para melhorar o entendimento.

É a partir das entrevistas que a história da criação do 1º Festival da Música de Paraíba foi contada pelos atores envolvidos neste processo no ano de 2018. Foram realizadas quatro entrevistas com as seguintes pessoas: a presidenta da Fundação Espaço Cultural no período junho de 2016 a junho de 2020, Nézia Gomes; a superintendente da Rádio Tabajara entre os anos de 2011 a 2018, Duda Santos; o artista e jornalista Adeildo Vieira, apresentador do programa Tabajara em Revista até outubro de 2023; e o músico e Diretor Musical do 1º Festival da Música de Paraíba Sérgio Gallo, conforme quadro a seguir (Figura 17):

Figura 17 - Entrevistados

Nome	Cargo	Período
Nézia Gomes	presidenta da Fundação Espaço Cultural	2016 - 2020
Duda Santos	superintendente da Rádio Tabajara	até 2018
Adeildo Vieira	cantor, compositor, jornalista	
Sérgio Gallo	músico e Diretor Musical	

Fonte: Acervo do autor

As entrevistas ocorreram de modo presencial, dias 10 de julho de 2023, 27 de outubro de 2023, 30 de outubro de 2023 e 03 de novembro de 2023. Para a captação das falas foi usado um gravador, a partir do aparelho *Iphone* 13. As gravações renderam 3 horas, 28 minutos e 41 segundos e foram transcritas manualmente.

Na reta final desta pesquisa senti a necessidade investigar, ainda que de modo preliminar, a relação entre os pessoenses e os pontos de cultura focados em música. Para isso, foi realizada uma pesquisa rápida através de formulários digitais *google forms* (aplicativo de gerenciamento de pesquisa), entre os dias 23 e 29 de janeiro de 2024, distribuídos pela rede social *WhatsApp*, focado em pessoas que residem no estado da Paraíba, com idades entre 14 e 81 anos, com o objetivo de demonstrar quais estabelecimentos com música ao vivo o público pessoense costuma frequentar na capital paraibana e também identificar alguns costumes de escuta musical.

Além de contar com o suporte das entrevistas e do material documental, saliento que, nesta dissertação, trago memórias e vivências pessoais, de modo que escrevo este capítulo utilizando a junção dessa narrativa que combina minha trajetória como jornalista, pesquisador, mas também a de produtor musical e músico.

Para facilitar a leitura e a compreensão dos acontecimentos relativos ao 1º Festival de Música da Paraíba, nos tópicos seguintes, apresentamos os resultados das entrevistas realizadas, alinhando as observações deste pesquisador com transcrição de alguns depoimentos das pessoas ouvidas para esta pesquisa e as memórias-vivências pessoais. Buscamos apresentar os dados de uma forma cronológica, iniciando pela trajetória das personagens principais, relatando o desejo de se criar o festival, as etapas para a realização do evento e indo até o dia da final do certame.

4.1 Protagonismo feminino na realização de um sonho

Segundo os filósofos, tudo começa no campo das ideias antes de se materializar. E o 1º Festival de Música da Paraíba começou a tomar forma a partir de um sonho que Maria Eduarda Santos tinha já há alguns anos. Mas como disse o cantor Raul Seixas “sonho que sonha só é só um sonho que se sonha só / mas sonho que se sonha junto é realidade” (Seixas, 1974). Foi preciso a companhia de outra mulher com muita vontade de ajudar e realizar para que esse sonho pudesse se concretizar.

A jornalista Marinézia Gomes Toné iniciou sua vida na gestão pública como assessora de comunicação na Coordenadoria de Políticas Públicas para as Mulheres, nos anos 2000, segundo ela um cargo de muita importância que se transformou em Secretaria no ano 2010. Trabalhos ligados à história das mulheres, direitos humanos, LGBT, pautavam este órgão que tinha como objetivo tratar com cuidado e atenção às minorias. Em 2013 ela assumiu a Secretaria de Comunicação do Governo do Estado.

O governador Ricardo Coutinho, por conhecer as ações de Marinézia como ativista cultural lhe faz o convite para assumir uma pasta na cultura e em 2015 Nézia, como é mais conhecida, se tornou vice-presidente da Fundação Espaço Cultural (FUNESC) compondo a presidência da instituição ao lado de Márcia Lucena. Um grande desafio para a jornalista e radialista formada na UFPB mas com experiência em produções pelo centro histórico de João Pessoa com grupos artísticos, promovendo festas como a Ritmo da Marcha, festa ligada à Marcha Mundial das Mulheres da qual ela fazia parte.

Já no início do ano seguinte, 2016, surgiram rumores de que Márcia Lucena poderia sair candidata à prefeitura do Conde, cidade da região metropolitana de João Pessoa, distante 30 km da capital paraibana. Os rumores se concretizaram e em 31 de maio de 2016 Márcia entregou o cargo de presidenta da fundação colocando Nézia Gomes instantaneamente no comando da Fundação Espaço Cultural.

Na solenidade de prestação de contas de sua gestão Márcia Lucena recebeu do governador palavras calorosas e agradecidas pelo trabalho prestado conforme destaque a seguir:

Márcia Lucena foi uma aposta da nossa gestão, pois apesar da pouca experiência que tinha, era alguém que pensava e fazia diferente. Como gestora sempre teve muita vontade de fazer o melhor pelo povo. Tanto na Secretaria de Educação quanto na Funesc, ela deu conta das funções e se mostrou competente. Não poderia deixar de expressar minha gratidão pelo trabalho exercido durante todos esses anos por Márcia. O Espaço Cultural hoje é algo grandioso, cheio de oportunidades para quem quer opções culturais. E isso se deve muito ao espírito criativo desta gestora, que deixou o local ainda mais vivo. Que ela tenha êxito também na sua nova missão (Marcia, 2023).

Estar a frente de um órgão como a Funesc é desafiador por vários motivos pois além de ser um cargo influenciado fortemente pela política, (a história recente nos mostra que em momentos de crise os primeiros cortes de gastos são feitos nas pastas de cultura), é um lugar para se pensar além das ações culturais por causa da ação de cuidar

das pessoas. Segundo Nézia, “é preciso dar a oportunidade tanto para os artistas sobreviverem quanto para as pessoas se divertirem, terem o direito ao lazer, da melhor forma, da melhor qualidade”. Sem falar em todos os problemas estruturais enfrentados como reparos em construções antigas que são sedes de teatros que sofrem com problemas de infiltração, rachaduras etc.

A sede do Espaço Cultural abriga três grandes teatros: a Sala de Concertos Maestro José Siqueira com capacidade para 550 pessoas; o Teatro Paulo Pontes que comporta 660 cadeiras; o Teatro de Arena com lotação em torno de 1.500 lugares, além da Praça do Povo que já reuniu mais de 11 mil pessoas.

Além dos teatros citados há uma biblioteca, uma sala de cinema, o planetário, a escola de música Anthenor Navarro e vários espaços para exposições e auditórios para palestras. É uma grande estrutura concentrada no bairro Tambauzinho numa quadra que mede aproximadamente 43 mil metros quadrados entre as avenidas Epitácio Pessoa (ao norte), Beira-Rio (ao sul) e à BR-230 (ao oeste). As avenidas ligam o centro da cidade às praias do Cabo Branco e Tambaú e a BR-230 é um corredor viário para quem chega à capital paraibana e segue até a cidade vizinha de Cabedelo onde se encontra o km zero da transamazônica. A seguir, demonstramos isso por meio de imagem extraída do *Google Maps*, conforme figura 18.

Figura 18 - Vista aérea do Espaço Cultural



Fonte: Google Maps

Mas se engana quem pensa que a Funesc é apenas o Espaço Cultural. O órgão gerencia muitos dos equipamentos de cultura do Estado distribuídos nos 223 municípios paraibanos. Imagine tentar dar oportunidade a todos artistas que necessitam de espaço para mostrar sua arte e sobreviver dela. E também lidar com alguns descasos de gestões municipais como foi o caso do Teatro de Santa Catarina que estava sob os cuidados da Prefeitura de Cabedelo mas há muito não tratava de sua manutenção. A Funesc precisou retomar o prédio à força, quebrando cadeado para adentrar em suas dependências com o apoio da polícia. Após passar por grande reforma e requalificação foi entregue novamente à população no ano de 2019 (Figura 19):

Figura 19 - Teatro Santa Catarina



Fonte: Reforma, 2023

Uma das preocupações em fazer com que as oportunidades de exposição das artes paraibanas chegassem a todos os municípios do estado foi sempre trabalhar com editais. Tendo uma forte divulgação estes editais estariam à disposição de quem morasse na fronteira do estado, por exemplo. Alguém que residisse em Cajazeiras teria a mesma chance de mostrar seu trabalho tanto quanto quem morasse na capital. Não havia outra forma de os produtores culturais terem conhecimento do que se produzia em cidades como Patos, Monteiro, Sousa, Alagoa Grande, no sertão, na zona rural se não fosse através da maneira democrática que o edital proporcionava.

Um exemplo disto foi o Agosto das Letras, uma realização do Governo do Estado através da Funesc realizada dentro das dependências do Espaço Cultural reunindo além da literatura, shows, espetáculos de dança, teatro, atividades de interação

com o público como contação de histórias, feirinhas de artesanato e ilhas gastronômicas. Momento para que novos escritores pudessem lançar seus livros para o público paraibano e também de outros estados.

Estandes foram disponibilizados para editoras e livrarias e até escolas públicas e particulares apresentarem seus projetos literários. A edição de 2016 contemplava o Festival de Leitura da Paraíba, o 2º Encontro Regional sobre Histórias em Quadrinhos – Quadrinhos Intuados, Feira de Livreiros, Mostra de Ilustração, Exposições, Feira de Quadrinhos Independentes e o 4º salão Nacional de Humor José Lins do Rego (Cabral, 2023).

A Mostra de Ilustrações divulgou obras dos vencedores do concurso Novos Ilustradores Paraibanos – Prêmio Reinações (o nome homenageia o escritor Monteiro Lobato que entre outros livros escreveu Reinações de Narizinho). Os concorrentes (ilustradores paraibanos ou residentes na Paraíba que não tinham ainda livros publicados e maiores de 18 anos) se inscreviam gratuitamente para disputar prêmios que incluíam desde materiais de pintura e desenho como também assinatura de contrato de trabalho no valor de quatro mil e quinhentos reais (Funesc, 2023).

Outro edital importante (desta vez para o meio musical) foi o edital para selecionar 50 canções de artistas ou grupos paraibanos ou radicados na Paraíba há pelo menos dois anos com trabalho autoral independente: O **Music from Paraíba**. O título deste edital já denuncia o interesse em mirar no mercado internacional (Figura 20).

Figura 20 - Capa do CD Music from Paraíba vol. 3



Fonte: Acervo do autor

Diferentemente do concurso literário supracitado, as músicas não precisavam ser inéditas. E os candidatos podiam inscrever quantas quisessem, mas apenas um seria escolhida. A comissão responsável pela seleção era composta por profissionais de três

setores culturais do Estado, a saber: Coordenação de Música da Funesc, Conselho Estadual de Cultura e da Secretaria de Estado da Cultura (Secult). A meta fundamental desta seleção era divulgar estes artistas numa grande feira internacional realizada no exterior, a World Music Expo (WOMEX) como já ocorrera em anos anteriores no País de Gales (2013), Espanha (2014) e Hungria (2015) (Rádio Tabajara, 2023).

A womex, segundo consta no site oficial da feira, é um dos encontros mais culturalmente diversificado do mundo. A maior conferência da cena musical global com feira, palestras, filmes e shows. Um evento que reúne quase 3 mil profissionais, incluindo mais de duzentos artistas de aproximadamente 90 países o que torna a Womex uma grande plataforma de relacionamentos para a indústria da musica mundial (Womex, 2023).

Figura 21 - Foto de show na 29ª edição da WOMEX



Fonte: AND, 2024

O *Music from Paraíba* de 2016 foi a terceira edição (conforme anexo) de um projeto iniciado em 2013 pela Fundação Espaço Cultural que selecionou artistas do Estado, gravou um CD e o lançou internacionalmente, no mês de outubro de 2013, no País de Gales, nesta que é a maior feira mundial de música, a Womex. O músico Getúlio Salviano comenta sobre a importância de um projeto como este: “O projeto *Music From Paraíba* é importantíssimo porque incentiva os artistas paraibanos e mostra o que está sendo produzido no Estado, divulgando para um maior público artistas independentes” (Cabral, 2014).

As músicas da coletânea *Music From Paraíba* volume 1 estão disponíveis na internet na plataforma *soundcloud* e podem ser acessadas através do *QR-code* abaixo na Figura 22:

Figura 22 - Músicas da coletânea Music From Paraíba vol. 1

Fonte: Soundcloud

Tais ações em forma de editais se mostraram muito mais justas ao oferecer a toda população artística paraibana as chances de apresentarem suas produções em diversos segmentos ao longo de todo o ano. Ao contrário do que acontecia no Festival Nacional de Arte (Fenart) que concentrava em apenas uma semana várias manifestações musicais, teatrais e literárias, por exemplo. E utilizando uma grande dotação orçamentária destinada às artes num período curto que poderia de outra forma ser investida ao longo de um ano em muitos outros setores.

O Fenart foi realizado por treze anos (não consecutivos) até o ano de 2010 (Silva, 2015) concentrando em 7 dias de festival múltiplas ações culturais no campo da música, teatro, dança, literatura, feiras e exposições. Com investimento na ordem de R\$ 810.000,00 (oitocentos e dez mil reais), em 2010, a Funesc presenteou o público com 162 atrações, no referido ano, a despeito da participação de artistas como Lenine, Dominginhos, Hermeto Pascoal, Antônio Nóbrega, Yamandú Costa, João Bosco e Frejat, para citar alguns nomes nacionais mas também com espaço para os artistas nativos como Jessier Quirino, Cabruêra, Clã Brasil, por exemplo (Cultura, 2023).

Sivuca, como ficou conhecido o músico e compositor nascido em Itabaiana, foi o homenageado no ano em que completaria oito décadas de vida e já na abertura teve suas músicas interpretadas pela Orquestra Sinfônica da Paraíba com participação do músico alagoano Hermeto Pascoal (Porto, 2023).

Com tanta visibilidade direcionada à música, e com a presença de tantos artistas de renome nacional com altos cachês era natural que outros profissionais de artes como pintura, dança, teatro e literatura reclamassem dessa atenção unidirecional. A título de comparação, o músico Frejat teve um de seus contratos divulgado recentemente quando se apresentou no Festival de Inverno de Garanhuns em julho do corrente ano ao preço de R\$ 168.000,00 (cento e sessenta e oito mil reais) (Caruaru, 2023).

Fazendo alguns cálculos com base nos salários mínimos de 2023 e 2010 podemos estimar que este cachê girava em torno de R\$ 65.000,00 (sessenta e cinco mil reais) naquele ano. O que prova que os artistas visuais, por exemplo, tinham razão ao questionar que os maiores investimentos iam para a música. Chegavam a dizer que o Fenart não os beneficiava, segundo Nézia. Que a partir destas reivindicações passou a trabalhar mais profundamente uma arte por mês, (ainda com a presença de Márcia Lucena na presidência da Funesc). Focando nas mulheres em março, abril para o teatro e a dança, agosto para a literatura, novembro para as artes visuais, além de algumas vitrines permanentes como os projetos Cambada e o Cardume.

A restrição orçamentária sempre foi uma preocupação constante no fazer da produção cultural. Márcia Lucena que ficou na presidência da fundação de janeiro de 2015 até maio de 2016 comentou em entrevista ao jornalista Jãmarrí Nogueira que precisava de muita criatividade e parceria para poder manter a Funesc funcionando com tão poucos recursos. No ano de 2015 a média de receita disponível foi de R\$ 180.000,00 (cento e oitenta mil reais). Na ocasião ela comenta sobre a necessidade de ter uma política de ocupação cultural permanente (Fama, 2015).

O projeto Cambada foi lançado em janeiro de 2016, inicialmente com atrações para cobrir o mês de férias, entre os dias 13 e 28, em 3 semanas com 2 shows por semana. Os shows de Seu Pereira e Coletivo 401 (13), A Troça Harmônica (14), Wister (20), Trio APX (21), Totonho (27) e Adeildo Viera (28) aconteceram no teatro Paulo Pontes e na Sala de Concertos Maestro José Siqueira, com objetivo de apresentar exclusivamente compositores paraibanos com preços populares para estimular o público a comparecer e conhecer a produção local. No mesmo dia, 06 de janeiro, foi lançado o projeto Cardume (que como o Cambada também tem seu nome inspirado em coletivos, peixes neste caso, caranguejos naquele) focado em apresentações de dança, teatro e circo totalizando mais de 20 espetáculos entre os dias 7 e 29 de janeiro (Atrações, 2023).

Em abril de 2016 o projeto Cambada voltou tendo como atração o grupo ChicoCorrea & *ElectronicBand* já com o compromisso de ser uma exibição mensal sempre às sextas-feiras na Sala de Concertos Maestro José Siqueira. Os artistas tinham como incentivo a liberação da pauta, contavam com estrutura de som fornecida pela instituição e ficavam com uma porcentagem da bilheteria. Os ingressos custavam R\$ 10,00 inteira e R\$ 5,00 estudantes (Governo, 2023).

A maior parte destes artistas que inauguraram o projeto Cambada tem em comum um longa estrada de serviços prestado à música paraibana. Totonho e Adeildo Vieira são integrantes do Musiclube da Paraíba, uma instituição importante na busca de espaços para escoamento da música produzida na Paraíba desde os anos 1980. Chico e Guga Limeira, integrantes da Troça Harmônica cresceram ao som da música produzida tanto por Totonho e Adeildo quanto por Chico Buarque. Alex Madureira, o “A” do trio APX, fez parte da turma que no início da década de 1980 estava no Rio de Janeiro na luta por sua arte. Não admira que Nézia e Márcia tenham se cercado destas pessoas na hora de reverenciar a música da terra.

As artes plásticas também foram lembradas. Um estado que já abrigou artistas do quilate de Pedro Américo, Clóvis Júnior, Flávio Tavares, Mike Deodato sabe a importância de ser selecionado para uma exposição e poder chegar a um grande público. Para isso foi criado o edital ‘Panapaná, Novembro das Artes Visuais’, também em 2016, que objetivou aproximar artistas locais (ou residentes no estado) da comunidade através de exposições, palestras, vivências e intervenções artísticas. Por artes visuais entenda-se pintura, colagens, instalações, desenhos etc. Projeto que também homenageia a coletividade, neste caso, um grupo de borboletas. Para não esquecer nossa ideia aproximada de custos, o investimento total deste edital para o ano de 2023 é de R\$ 24.000,00, um preço muito aquém daqueles 810 mil comprometidos com uma única edição do Fenart de 2010 (Notícias, 2023).

Estes são alguns exemplos de apoios à classe artística praticados pela Funesc, criados ou em voga por volta dos anos 2016/2017. Uma época que Nézia gosta de lembrar que havia aspectos circunstanciais na cidade de João Pessoa que não se percebia há muito tempo. Que era o fato de muitos locais na cidade estarem tocando música de autores paraibanos e atraindo público para prestigiar esses espaços:

muito importante de lembrar a conjuntura daquela época [2017] existia uma coisa que estava acontecendo em João Pessoa que a gente não via há muito tempo. Muitos espaços da cidade tocando música autoral paraibana e as pessoas saindo de casa, parar tudo, se organizar, pra ir pra tal lugar porque “fulano de tal da Paraíba” que vai tocar só musica autoral e você ir com vontade de sentar e prestigiar aquilo. Então a gente tinha muitos lugares (NÉZIA em entrevista ao autor).

Naquela ocasião o circuito onde se podia ouvir esses artistas era formado por bares/pontos de cultura como *General Store*, Vila do Porto e Espaço Mundo no bairro Varadouro; Tamarindeira no bairro Miramar; e Recanto da Cevada e A Bodega Arte

Café no bairro dos Bancários em contraposição às opções de divertimento que eram e são até hoje oferecidas nos bairros da orla pessoense (Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa).

Todos estes pontos de cultura citados nos bairros do Varadouro, Miramar e Bancários tinham entre si muitas semelhanças: eram espaços pequenos com lotação entre 80 a 200 pessoas; locais afastados da orla situados em ruas de pouco movimento; preço de ingresso (ou *covert* artístico) entre R\$ 10,00 (Dez reais) e R\$ R\$ 30,00 (Trinta reais).

Realizamos uma pesquisa rápida através de formulários digitais *google forms* (aplicativo de gerenciamento de pesquisa), entre os dias 23 e 29 de janeiro de 2024, distribuídos pela rede social *WhatsApp*, focado em pessoas que residem no estado da Paraíba, com idades entre 14 e 81 anos, com o objetivo de demonstrar quais estabelecimentos com música ao vivo o público pessoense costuma frequentar na capital paraibana e também identificar alguns costumes de escuta musical.

A pesquisa alcançou 102 pessoas com maioria feminina (62,1%), maioria etária entre 24 e 58 anos (79,2%), residindo na capital paraibana (82,4%), que costumam ouvir rádio (54,9%), preferem as plataformas digitais para ouvir música (58,02%), e que frequentam ambientes com música ao vivo (78,9%).

A média de idade entre as pessoas que costumam ouvir rádio é de 39 anos entre o público feminino e de 41 anos entre os homens. Entre os que utilizam o rádio como meio exclusivo para ouvir música, percebe-se que há pouca diferença entre os públicos, 21,2% feminino e 18,2 masculino, mas entre ouvintes exclusivamente de mídias digitais a porcentagem é de 64,7%.

Dos lugares que as pessoas costumam frequentar para ouvir música, os nomes mais lembrados (as respostas eram abertas) foram: Vila do Porto (8,33%), Usina Cultural Energisa (4,49%), Manga Rosa (3,21%), Sala de Concertos Radegundis Feitosa (3,21%), General Store (5,13%), Espaço Cultural (5,77%), Theatro Santa Roza (3,21%), e bares diversos com música ao vivo (17,95%).

O público também citou o teatro A Pedra do Reino e a casa de espetáculos Domus Hall como opções para música ao vivo (17,31%). Nestes dois os preços de ingresso costumam ser bem mais elevados dado o porte destes estabelecimentos. A Domus Hall se encontra dentro de um *shopping* na capital paraibana, com capacidade para aproximadamente nove mil pessoas. O teatro *A Pedra do Reino* faz parte do

complexo Centro de Convenções com capacidade total para vinte mil pessoas, sendo a lotação do teatro de aproximadamente três mil pagantes.

Estes espaços (Vila do Porto, Usina Cultural Energisa, Manga Rosa, General Store), abriam suas portas para que artistas como Seu Pereira, Totonho, Paulo Ró, Polyana Resende, Natália Bellar, Titá Moura, Guga Limeira, Chico Limeira pudessem apresentar suas criações e estar mais perto do público. Muitos destes artistas estariam em breve pelo palco do festival de música que se criaria em poucos meses. Mesmo que eles ainda não soubessem pois até então ele era apenas uma ideia na mente de sua principal entusiasta.

Maria Eduarda Santos, conhecida como Duda Santos, nasceu na cidade de Araruna, agreste paraibano, distante 170 km da capital. Iniciou muito cedo sua trajetória no rádio, aos 14 anos de idade. Estagiando na Rádio Serrana de Araruna após aprovação em um teste de seleção. Passou por várias emissoras como a Rádio Integração do Brejo em Bananeiras, Rádio Liberdade, Rádio Sanhauá em Bayeux, Rádio Jovem Pan, Rádio Cabo Branco até chegar à Rádio Tabajara em 2011 para assumir o cargo de Superintendente, a convite do governador Ricardo Coutinho (PSB), transformando-se na primeira mulher na direção desta rádio em 74 anos de história (Carneiro, 2023).

Executou múltiplas funções em vários setores dentro das rádios como sonoplastia, locução, cobriu jogos de futebol. Acompanhou as transformações que a internet impôs nas rotinas produtivas dentro das emissoras. Ela mesmo que anteriormente utilizava as cartuchearias com vinhetas durante a narração e que com o advento da internet e modernização dos computadores passou a trabalhar com playlists digitais.

Como Superintendente da Rádio Tabajara manteve-se atrás dos microfones comandando programas enquanto cuidava das demandas burocráticas que o cargo lhe impunha. Unindo a paixão pelo futebol herdada de seu pai ao desejo de ajudar criou o Futebol Solidário onde a população, através de forte campanha, foi incentivada a levar quilos de alimentos não perecíveis para o Estádio Almeidão em dias de clássico, como o do Botafogo contra o Campinense, para serem doados ao Hospital Padre Zé que se encontrava em dificuldades. O hospital foi fundado em 1965 onde antes se encontrava o Instituto São José de apoio aos pobres, obra de toda a vida do padre José da Silva Coutinho falecido em 1973 (A União).

Na ocasião, 20 de março de 2016, antes do jogo oficial foi organizada uma partida entre os craques do passado, jogadores de gerações anteriores, que puderam

reviver os tempos de glória pisando novamente o gramado do estádio e contribuindo para o sucesso dessa campanha que arrecadou mais de 15 toneladas de alimento, conforme relata o então o secretário de Juventude, Esporte e Lazer, Tibério Limeira:

Foi um gol de placa, pois no Almeidão houve uma tarde de muito futebol, tanto profissional como também de ex-atletas que marcaram época na Paraíba. O que mais impressionou foi o grande quantitativo de alimentos arrecadados para ajudar a esse hospital que tanto faz pelos paraibanos e por isso a ideia teve total apoio por parte dos que fazem o esporte aqui no Estado (Futebol, 2023).

4.2 Funesc, Rádio Tabajara e as vitrines para a música paraibana

Duda Santos conta que não mediu esforços para privilegiar a música paraibana dando-lhe a merecida vitrine enquanto comandou a rádio Tabajara. O programa Tabajara em Revista se tornou uma destas vitrines assim que foi posto no ar. Apresentado pelo jornalista Jamarri Nogueira, artistas eram recebidos na bancada para conversar sobre suas obras, sempre com oportunidade de executar algumas musicas. Depois o espaço recebeu também escritores que estivessem lançando livros e artistas de outras áreas como dança e teatro.

O Tabajara em Revista surgiu no início de 2017 por ocasião das comemorações de 80 anos de fundação da rádio (25/01/1937) como uma série de entrevistas. Com o reconhecimento do público entrou para a grade diária de programação com duração de 30 minutos. O apresentador Jãmarri Nogueira ressaltou a oportunidade proporcionada pela Tabajara para a arte paraibana principalmente por reconhecer que as outras emissoras simplesmente ignoravam completamente esse nicho. Além do pouco destaque quase nunca tinham a chance de ser entrevistados nessas empresas.

Outro fator importante para o alcance do programa é sua exibição pelo facebook que permite que o ouvinte acompanhe a atração no momento em que melhor lhe convier, pois ele fica gravado na rede social, e dá a possibilidade de quem assiste ao programa conhecer o entrevistado através da telinha, como expressa Jãmarri:

Ganhou ainda mais força devido ao uso das redes sociais. Diria que a transmissão de vídeo ao vivo pelo Facebook é essencial para a dimensão que o Tabajara em Revista conquistou. Há quem acompanhe o programa diariamente, mas que afirme que ‘não escuta mais rádio’,

assistindo apenas a versão para o Facebook. Com imagem! (Guedes, 2023).

Duda criou o programa Palco 105 poucos meses após colocar no ar o programa semanal Tabajara em Revista e ao lembrar de programas de auditório dos quais ouvia falar na infância e que fizeram sucesso nas rádios brasileiras, como por exemplo o programa César de Alencar (Rádio Nacional), Piadas do Manduca (Rádio Nacional) ou o programa musical E por falar em saudade do radialista Spencer Hartmann, em João Pessoa (Rádio Tabajara).

O objetivo principal era divulgar a música paraibana convidando artistas que residiam no estado da Paraíba, produzindo arte e buscando promover-se. O programa foi lançado na noite de 03 de outubro de 2017, na Bodega Arte Café, um ponto de cultura localizado no bairro dos Bancários, zona sul da capital paraibana.

Apresentado também pelo jornalista Jãmarri Nogueira, a inauguração contou com a participação de convidados com reconhecida importância na cena cultural como Adeildo Viera, Jonathas Pereira Falcão, Milton Dornellas e Pedro Osmar que foram entrevistados e cantaram canções. Como um programa de auditório teve a presença ativa do público que era incentivado a participar fazendo perguntas, interagindo com os artistas. Para aumentar o alcance, não havia a cobrança de ingressos sendo, até hoje, um evento gratuito.

Duda lembra que uma grande equipe da rádio Tabajara foi deslocada para a Bodega para fazer a transmissão do programa que teve veiculação ao vivo e simultânea pela rádio e pelo *Facebook*. Produtores que monitoravam as mensagens pelas redes sociais (*facebook* e *WhatsApp*), técnicos de vídeo e áudio, eletricitas, enfim um time de prontidão para minimizar qualquer falha técnica que pudesse atrapalhar a transmissão.

Em matéria do jornal a União do dia da inauguração do programa Palco 105 Jãmarri enalteceu a importância de Duda Santos para esta realização:

trata-se do interesse, o empenho e o apoio que a diretora-presidente da Rádio Tabajara, Maria Eduarda Santos – também conhecida como Duda Santos - dá ao projeto, o qual amplia o espaço para a divulgação dos artistas paraibanos, sem o qual nada disso estaria acontecendo (Cabral, 2023).

Duda, que chegou a ser chamada de louca por seus colegas ao começar a inserir na grade de programação artistas paraibanos, pois diziam que não ia dar audiência, presenteava a população com mais um programa cultural. Ao assumir a direção da rádio

ela percebia que a música paraibana não tinha destaque, simplesmente ela não era tocada. A criação do Palco 105 e do programa diário Tabajara em Revista mudavam definitivamente essa equação.

Os ouvintes começaram a perceber na grade musical da programação que entre alguns artistas de renome nacional como Caetano Veloso e Gal Costa, por exemplo, tinha algum artista paraibano tocando entre eles. E não apenas em horários de baixa procura como após às 22h mas durante toda a programação em horário comercial, por assim dizer. E não apenas artistas paraibanos consagrados como Zé Ramalho ou Elba Ramalho (há décadas residindo no sudeste) mas artistas paraibanos que nunca se afastaram de sua terra.

Outra ação que merece registro além desta inserção de uma música paraibana entre duas músicas nacionais é o fato de Duda ressaltar o nome do intérprete e também do compositor da obra. Essa rotina fez com que o ouvinte começasse a conhecer artistas como Nathália Bellar ou Titá Moura.

Para quem achava que privilegiar a música paraibana não traria audiência para a Tabajara se surpreendeu ao ver o resultado de uma pesquisa de opinião pública a rádio pontuando tanto a ponto de ultrapassar a principal concorrente do segmento, segundo Duda Santos.

Esse reconhecimento serviu de impulso para criação de programas que referendavam a importância da música local como o programa Tabajara em Revista e o Palco 105, por exemplo.

O fato de o programa Palco 105 ser realizado fora dos limites da rádio também aproximava o público dos artistas além de tornar o momento muito mais informal. Ao querer realizar um programa de auditório Duda se confrontou com um problema básico: o prédio sede da rádio não tinha mais auditório como os tempos de outrora. Como resolver isso? Tornando o programa intinerante!

A escolha pela Bodega Arte Café para receber o programa inaugural do Palco 105 foi um gol de placa. O restaurante administrado pelo casal Antonio Alberto Pereira e Hygia Margareth Sousa (que atendeu prontamente o convite de Duda Santos para receber o Palco 105 quando soube da ideia do projeto: “É comigo mesmo!”), no bairro dos Bancários, surgiu dentro da residência deles em 2015, ocupando o jardim, a garagem e até o quintal. Com ornamentação mesclando a rusticidade e o exoterismo oferecia ao público comidinhas caseiras e um ambiente repleto de fontes, estátuas de

barro, e itens antigos como máquinas de escrever e radiolas de ficha. O ambiente acolhedor em meio a muitas plantas comportava aproximadamente 80 pessoas.

A música privilegiava naturalmente os artistas paraibanos. Hygia tem histórico de envolvimento em ações populares, nutre forte amizade com os irmãos Pedro Osmar e Paulo Ró, e conseqüentemente com o Musiclube da Paraíba. Quando surgiu a ideia de oferecer ao público música ao vivo, além dos alimentos, os membros do Musiclube foram os primeiros a ocupar esse palco. Sobre a riqueza cultural paraibana, Hygia comenta:

Sempre tive o prazer de conviver com vários artistas populares, uns conhecidos outros não. Todos existindo e resistindo à falta de política cultural que os aproxime do povo. Despretensiosamente a Budega tem servido de espaço para divulgação/apresentação das diversas manifestações culturais. A música e a literatura têm estado muito presente. Nosso espaço está aberto para quem faz e quem gosta de apreciar e prostrar da boa arte. Que se tenha outros espaços como este nos diversos bairros e por aí afora (Guedes, 2016).

Durante aproximadamente seis anos de atividade A Budega Arte Café recebeu artistas de vários segmentos, serviu de espaço para lançamento de livros (como o de Débora Gil Pantaleão em 02 de agosto de 2016), exposições como a do artista indígena Jaider Esbell em outubro de 2018, e também serviu de palco para artistas consagrados nacionalmente como o paulistano Edvaldo Santana que lançou o CD Só Vou Chegar Mais Tarde em 30 de novembro de 2017, o também paulistano Renato Braz (que quebrou o recorde de público da casa com ingressos vendidos - pela primeira vez – em apenas dois dias(!) e atrações internacionais como Dois Africanos formado pelo beninês Opai Big e o togolês Izy Mistura (Amorim, 2017).

A Budega Arte Café permaneceu como sede do programa Palco 105 até o final do ano (2017). Mais precisamente no dia 26 de dezembro foi ao ar a última edição da primeira temporada tendo como atrações Gláucia Lima e Escurinho, e como apresentadores o cantor e compositor Jonatas Pereira Falcão e a cantora Val Donato em substituição ao jornalista Jãmarri Nogueira.

O público que frequentava a Budega passou a marcar presença também nas noites de terças-feiras em que ocorriam o Palco 105, mas sempre em maior número, tanto que o espaço lotava facilmente. Foi quando surgiu a ideia de fazer um programa especial para abraçar os turistas que visitam a cidade de João Pessoa durante a estação do verão. Para chegar mais perto desse público o programa teria que ser realizado na orla, segundo Duda Santos.

Em 09 de janeiro de 2018 o Palco 105 migrou para o Alohai Pousada Lounge, bar na praia do Bessa localizado na avenida Argemiro de Figueiredo, 2555 em sintonia com o verão. Para inaugurar esta nova temporada convidaram o compositor Geraldo Vandré para uma conversa com o poeta Lau Siqueira, então Secretário Estadual de Cultura que preparava o lançamento de um livro de poesias do cantor Vandré além das atrações musicais Flotilha em Alta-terra, Banda-fôrra e Flor de Pedra (Figura 23):

Figura 23 - Palco 105 no Alohai Pousada Lounge



Fonte: Facebook da Rádio Tabajara

A presença de Geraldo Vandré, que há décadas não se apresentava na capital paraibana, num evento cultural como esse atraiu uma grande quantidade de pessoas e o Alohai lotou rapidamente. Tanto que o então governador Ricardo Coutinho quando chegou não conseguiu entrar pois não tinha mais espaço!

Depois de consolidado o Palco 105, o próximo passo era realizar outro sonho idealizado por Duda Santos: o Festival de Música da Paraíba. Com a intenção de revelar a cena vigente no estado da Paraíba.

4.3 As primeiras reuniões e a negociação

Desde que assumiu a presidência da Rádio Tabajara Maria Eduarda Santos tinha planos de criar o Festival de Música da Paraíba. Entre seus objetivos estavam o de divulgar a cultura paraibana e dar dignidade aos profissionais da arte que ali trabalhavam. Um festival nos moldes dos que eram realizados nos anos 1960 e transmitidos pela televisão poderiam ajudar a promover a carreira artística dos concorrentes. Mesmo dos que não ficam com os primeiros lugares.

Embora em sua mente o festival estivesse completamente formatado não havia ainda os meios suficientes para realiza-lo. A ideia do festival é anterior à criação do Palco 105 mesmo que este tenha sido realizado antes. Certamente pelo investimento menor e ao menor conjunto de necessidades. Para concretização do festival uma gama enorme de demandas precisava ser dirimida. Toda a estrutura de palco, sonorização, contratação de pessoal, técnicos, julgadores, curadores etc. Duda Santos sabia que era impossível realizar sozinha.

Desde 2011 a proposta de criação do festival era levada para as reuniões com o governador Ricardo Coutinho mas nunca aprovada. Duda apresentava a ideia para outros secretários, mas não encontrava apoio entre eles também. Mas seu papel na direção da rádio e a criação de programas como o Tabajara em Revista de fomento à arte paraibana foram atraindo visibilidade e reconhecimento. O apoio fundamental viria com a aproximação com Nézia Gomes.

Nézia assumiu a presidência da Funesc em maio de 2016 com a saída de Marcia Lucena para disputar a prefeitura do Conde. Um de seus primeiros projetos foi tentar colocar rádio no Espaço Cultural. Um sistema de som que tocasse apenas música paraibana em seus ambientes. E entrou em contato com a rádio Tabajara para tentar viabilizar esse desejo. Aí começa a aproximação da Funesc com a Tabajara, de Nézia Gomes com Duda Santos. Parceria que renderia um dos suportes para a realização do Palco 105. Na época da criação deste programa de auditório alguns dos técnicos de palco da Funesc ajudaram e orientaram a formatação do programa com conselhos sobre direção de palco, além de algum apoio na divulgação.

Em um desses encontros entre Nézia Gomes e Duda Santos o assunto do festival de música veio à tona. Nézia lembra:

Uma das vezes em que a gente estava conversando sobre o Palco 105 Duda falou: “Nézia eu tenho um sonho, eu tenho um sonho que desde que eu cheguei aqui eu tenho vontade de realizar”. Eu disse: “Mulher então fala teu sonho. Eu gosto tanto do sonho dos outros”. Aí ela disse assim: “O meu sonho é fazer um festival da Paraíba, de música da Paraíba porque eu acho que a rádio Tabajara está cumprindo o papel de estimular muito. Primeiro de inserir na maior parte da grade música paraibana, que não tinha isso. A gente já toca muita música, a gente já toca muita música da Paraíba então, a ideia é tirar do rádio e fazer um festival”. Eu me arrepio até hoje! (Nézia em entrevista ao autor).

Com o apoio e a empolgação de Nézia elas foram novamente falar com o governador que inicialmente aprovou em parte o projeto prometendo parte da estrutura

física inicial, como o palco por exemplo. Mas era preciso providenciar patrocínios para cobrir todas as despesas.

O então governador Ricardo Coutinho sempre esteve próximo de alguns membros da classe artística paraibana. Por afinidade política, ele que se filiou ao Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos 1990, (teve dois mandatos de vereador e dois de deputado estadual antes de se tornar prefeito de João Pessoa em 2002), tinha o apoio de alguns integrantes do Musiclube da Paraíba, como Pedro Osmar que no encarte de um CD promocional do ano 2000, divulgando artistas paraibanos, destacava:

Junto ao nome do deputado estadual Ricardo Coutinho, candidato a prefeito pelo PT, somado a todos os companheiros da revolução do cotidiano, [Heriberto Coelho] assume a produção militante deste disco junto com os artistas comprometidos que fazem hoje a linha de frente da nova música da Paraíba (Cantata, 2000).

Este disco, Cantata Popular I, lançado no ano 2000 trazia músicas de Alex Madureira, Jonathas Pereira Falcão, Milton Dornellas, Pedro Osmar, Paulo Ró, Escurinho, Mestre Fuba e muitos outros. Instrumento de divulgação e quase um manifesto pela cultura paraibana já que muitos destes artistas ainda não tinham espaço nas rádios da cidade de João Pessoa.

4.4 Pré-Produção - Unindo Forças

Depois de tomada a decisão de realizar o festival e já com o aval do governador Ricardo Coutinho, formaram-se grupos das empresas e setores de cultura envolvidos para que através das reuniões de pré-produção as demandas fossem direcionadas e resolvidas.

Da Fundação Espaço Cultural (FUNESC) vieram Nézia Gomes, a jornalista e produtora cultural Renata Mora, a chefe do setor de eventos Dora Figueiredo, e os produtores e técnicos de palco Bruno Pires e Rafael Faria. O grupo da Rádio Tabajara era formado por Duda Santos, as produtoras Débora Cristina e Yvina Souto e o produtor de conteúdo Karl Neuman.

Da Secretaria de Cultura (Secult) apenas o Lau Siqueira, chefe da pasta, e da Secretaria de Comunicação (Secom) o Marcelo Máximo que sempre ia para as reuniões e ficou responsável por criar o site do festival.

As necessidades técnicas como palco, sonorização, escolha de músicos para a banda e os arranjadores ficaram a cargo da Funesc e da Secom. A elaboração do edital com todas as informações necessárias para que os participantes se inscrevessem e todas as regras que regeriam o festival ficou sob a responsabilidade da Rádio Tabajara.

O secretário de cultura Lau Siqueira ficou com a incumbência de montar a curadoria do festival que selecionaria as músicas após as inscrições que foi composta por: Priscila Santana (Diretora Geral do Programa de Inclusão Social através da Música e das Artes - Prima), Pedro Osmar (cantor, compositor e instrumentista), Arthur Pessoa (cantor, compositor e instrumentista), o próprio Lau Siqueira (Secretário Estadual da Cultura) e Dinarte Nóbrega (Produtor).

Com o objetivo de realizar um festival estadualizado, ou seja, que abrangesse todos os municípios paraibanos (e por isso o nome 1º Festival de Música da Paraíba) foram feitos contatos com alguns prefeitos (poucos pois assim que esta comunicação era estabelecida o aceite era quase instantâneo) e definiu-se que haveria duas eliminatórias no interior do estado. Uma no alto sertão em Sousa e outra na serra da Borborema em Campina Grande. A final seria realizada em João Pessoa. Sousa e Campina Grande são duas cidades muito importantes para o turismo paraibano. É em Sousa que se encontra o Vale dos Dinossauros com pegadas imensas que acredita-se ser dos animais pré-históricos que habitaram o planeta terra. E Campina Grande além de ser um centro comercial recebe turistas todos os anos por causa do São João, entre outros eventos.

Em cada eliminatória seriam escolhidas 12 músicas para que o corpo de jurados na noite da final fizesse a escolha das três primeiras colocadas entre estas 24 canções previamente selecionadas além de eleger o melhor ou a melhor intérprete.

O primeiro festival de 2018 foi realizado praticamente sem patrocínio algum, segundo Nézia Gomes. Quando se falava que o festival era uma ação do Governo do Estado as pessoas não tinham interesse em financiar o evento. Então os custos foram divididos entre as Secretarias e a Funesc, que se responsabilizou pelos cachês, por exemplo (dos shows ocorridos em cada eliminatória e na final, dos músicos das bandas base e dos arranjos).

Mas houve alguns apoios fundamentais para diminuir os custos de uma produção deste tamanho, segundo Nézia. As hospedagens, por exemplo, foram bancadas em duas localidades onde ocorreriam as eliminatórias. Em Sousa o prefeito garantiu hospedagem e alimentação. Mas em Campina Grande como o prefeito era de oposição a Ricardo Coutinho tudo na cidade foi um pouco mais difícil.

E hospedagem e alimentação são custos significativos quando se trata de um evento desta magnitude com músicos e cantores da banda base (10 aproximadamente), carregadores e montadores de palco, produtores de palco, produtores de conteúdo, as equipes da Funesc e da Rádio Tabajara. Segundo Nézia Gomes, umas 100 pessoas envolvidas.

Depois de definida a premiação esse encargo financeiro ficou sob a responsabilidade da Rádio Tabajara. Vinte mil reais no total sendo dez mil reais para o primeiro colocado. As inscrições ocorreram de forma on-line até o dia 31 de outubro de 2017, com eliminatórias previstas para os dias 13 (Sousa) e 20 (Campina Grande) de janeiro de 2018, e a grande final no dia 27 do mesmo mês na cidade de João Pessoa, conforme edital:

O Governo do Estado da Paraíba, através da Rádio Tabajara, Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Espaço Cultural – FUNESC, tornam públicas as normas e os procedimentos para a participação no Festival de Música da Paraíba, a ser realizado entre os dias 13 e 27 de janeiro de 2018, cujas eliminatórias deverão acontecer nos seguintes locais: Sousa e Campina Grande, e a final em João Pessoa (Edital, 2023).

As inscrições alcançaram o número expressivo e surpreendente de 303 músicas inscritas, conforme divulgado na imprensa. A título de comparação, o Festival Internacional da Canção de 1967 teve apenas 46 músicas inscritas (Memória, 2023).

4.5 As 24 selecionadas – a primeira peneira

Após o a árdua tarefa de ouvir 303 músicas analisando-as sob vários critérios (técnicos, poéticos, contextuais) a curadoria do festival divulgou no dia 21 de novembro de 2017 a lista com as 24 primeiras canções selecionadas para as eliminatórias que viriam a ocorrer nas cidades de Sousa e em Campina Grande em janeiro subsequente (Figura 24).

Figura 24 - Músicas selecionadas para as semifinais

Título da música	Compositor(a)
Aí é pé de serra	Fábio Smith
Alfenim	Bruno Miranda
Aos olhos de Zabé	Ulisses Rocha
Canário do Sertão	Gabriela Grisi
Capitu	Tom Drummond
Chica Negra Gata	Jonhatas Falcão
Decolagem	Febuk
Eu já tentei de tudo, nega	Aldeni Marques
Engrenando	Pedro Henrique
Flor da Luz	Luiz Carlos Luca
Imprópria	Chico Limeira
Incerteza	Jorge José Ferreira de Lima
Lampejo	Lucas Dourado
Lar de Encantos	Elosman Gondim
Liberdade	Regina Limeira
Mano Brown com Gonzagão	João Jaguaribe
Paraíba Mood	Levy Nascimento
Sopro da Loca	Renato Anderson Lima
Sonho de Cantador	Wagner Malta
Tectônica	Marcelo Piancó e Thyego Lopes
Tanto	Wister
Tua Estrada	Daniel Pina
Um Samba a Dois	Poty Holanda
Zabé da Loca	Severino Floriano

Fonte: Acervo do autor

Além destas músicas selecionadas, foi divulgada, em jornais e na Rádio Tabajara, uma lista de suplência com 10 músicas e seus respectivos compositores que estariam aptos a entrar na lista das 24 principais caso algum destes desistissem da competição ou fossem eliminados por algum critério técnico. Esta lista de suplência gerou polêmicas talvez mais por criar expectativas do que propriamente pela intenção de sua divulgação. Mas o futuro mostraria que a organização do festival acertou em divulgar previamente mais dez concorrentes que poderiam participar das semifinais.

Alguns dos critérios que poderiam ser motivo de eliminação conforme, divulgação pela curadoria do festival:

- A obrigatoriedade do candidato não ter vínculo de trabalho com a Rádio Tabajara, Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) e Secretaria de Cultura do Estado (Secult);
- O candidato não ter parentes (em primeiro grau) trabalhando em nenhum desses órgãos governamentais acima citados;
- Ausência de ineditismo da canção inscrita no Festival.

Por isso duas músicas que não atenderam todas as exigências foram substituídas por duas que estavam na suplência. Decolagem e Lar de Encantos deram lugar a Santo de Casa (Adeildo Vieira) e Até Quando O Sertão Virar Mar (Marcos Vinícius).

Para a primeira noite de eliminatórias realizada na cidade de Sousa no dia 13 de janeiro de 2018, foram sorteadas: Mano Brow com Gonzagão, Alfenim, Imprópria, Canário do Sertão, Aí É Pé de Serra, Tanto, ‘Eu Já Tentei de Tudo, Nega’, Santo de Casa, Até Quando o Sertão Virar Mar, Paraíba Mood, Capitu e Liberdade. A comissão julgadora para a 1ª eliminatória foi composta por Geraldo Magalhães, Maycon Carvalho, Eleonora Falcone, Luizinho de Pombal e Helinho Medeiros.

Já para segunda noite de eliminatórias no dia 20 de janeiro em Campina Grande foram apresentadas as músicas: ‘Sopro da loca’, ‘Aos olhos de Zabé’, ‘Zabé da Loca’, ‘Incerteza’, ‘Sonho de cantor’, ‘Tectônica’, ‘Chica Negra Gata’, ‘Flor de luz’, ‘Um samba a dois’, ‘Tua estrada’, ‘Lampejo’ e ‘Chama pelo nome’. Esta última também estava na lista de suplência e substituiu a música Engrenando (Pedro Henrique).

4.6 Banda Base - A Tradição Da Música Instrumental Paraibana

A Paraíba é pródiga em termos de bons músicos. Vem de longa data a profusão de instrumentistas que inscreveram seus nomes no panteão da música instrumental brasileira. Confunde-se com a criação da Rádio Tabajara (1937) o surgimento da Orquestra Tabajara de Severino Araújo por onde passaram vários saxofonistas, trombonistas, pistonistas, bateristas, guitarristas, contrabaixistas e cantores (*crooners*) que ao longo da existência acompanhou “famosos cantores e cantoras da era de ouro do rádio [1940], como Francisco Alves, Orlando Silva, Carlos Galhardo, Jorge Goulart, Emilinha, Marlene e as irmãs Dircinha e Linda Batista” (Lima, 2023).

Em 04 de novembro de 1945 a Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB) foi fundada por um grupo de maestros residentes na capital paraibana e outros entusiastas da música, tendo inicialmente entre seus membros músicos amadores como oficiais do exército, policiais militares, funcionários públicos, comerciantes etc. Com ensaios realizados no Lyceu Paraibano, (colégio tradicional situado no centro da cidade de João Pessoa), e no Teatro Santa Roza, o primeiro concerto aconteceu em 29 de maio de 1946 (Nóbrega, 2009). Mas apenas no início dos anos 1980 é que a OSPB viveria seus melhores dias com a chegada de Tarcísio Burity (1938-2003) ao governo.

Tarcísio de Miranda Burity, culto e amante das artes, assumiu o Governo do Estado da Paraíba em 15 de março de 1979 e ficou no cargo até 14 de maio de 1982, período em que, entre outras realizações, construiu o Espaço Cultural e modificou a gestão da Orquestra Sinfônica da Paraíba estimulando a contratação de músicos profissionais. Este período se mescla com a criação do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba com quem a OSPB firmaria importante parceria. O escritor Biu Ramos ressalta em seu livro *Burity, Esplendor e Tragédia*, a devoção que Tarcísio dispndia à arte paraibana:

O Espaço Cultural foi a menina dos olhos de Tarcísio Burity, a materialização do seu maior sonho como intelectual e educador, como homem de letras e administrador voltado para as carências intelectuais do seu povo. Ele transformou a Orquestra Sinfônica da Paraíba no terceiro maior conjunto de música clássica do país, fazendo com que o povo acorresse às suas apresentações, que tinham como regentes maestros de renome como Eleazar de Carvalho, Aldo Parisot, Carlos Veiga e Arlindo Teixeira. Com isso, ele quis assegurar aos segmentos populares espaço adequado para exibição de sua arte e suas potencialidades criadoras (Ramos, 2008).

Tanto a OSPB quanto o Departamento de Música da UFPB foram catalisadores dos potenciais artísticos de vários músicos que vieram do interior do estado e até de fora do país com a intenção de viver de música. Nomes como Rafael Garcia (Chileno, professor da UFPB entre 1977 e 1986), Yerko Pinto (Chileno convidado para integrar a OSPB e o corpo docente do Departamento de Música da UFPB, membro fundador do Quinteto da Paraíba), Radegundis Feitosa (paraibano de Itaporanga, aluno do recém-criado curso de música na UFPB, mestrado e doutorado nos EUA – primeiro doutor em trombone do Brasil – dá nome a Sala de Concertos da instituição da UFPB), Francisco Fernandes Filho (Maestro Chiquito, nascido em Santa Luzia, ingressou no curso de música da UFPB em 1981 para estudar trompete, fundou a Metalúrgica Filipéia por onde passaram inúmeros instrumentistas e é um grupo ícone do estado até os dias de hoje) são alguns exemplos de músicos de alta performance que dedicaram suas vidas a formar novos músicos e a difundir a música instrumental.

Na época da formatação do primeiro Festival de Música da Paraíba, o nome sugerido para comandar a banda base que acompanharia os intérpretes concorrentes aos prêmios, nas eliminatórias e na grande final, além de preparar os arranjos das músicas e ensaiar com os candidatos foi o de Sérgio Ribeiro da Silva, mais conhecido por Sérgio Galo, músico profissional egresso do Departamento de Música da UFPB e membro da

Orquestra Sinfônica da Paraíba. Além de ser o proprietário de um dos mais tradicionais estúdios de gravação da cidade há mais de trinta anos e com longa experiência como Diretor Musical de outros festivais.

Paraibano nascido na cidade de Serra Branca, cariri paraibana, morou na cidade de Pombal, mudou-se com a família aos 10 anos para Campina Grande, até chegar aos 15 anos em João Pessoa. Só aos 16 anos se interessou por música por influência dos amigos, tocando instrumentos de percussão em reuniões etílicas. Passou para o violão e se dedicou ao estudo do contrabaixo em seguida. Embora tenha iniciado a vida universitária como aluno de engenharia mecânica Sérgio também passou a estudar música mais seriamente. Decidido a ingressar na UFPB para fazer o bacharelado em música se preparou para fazer o vestibular, passou e abandonou a engenharia. No futuro Sérgio se interessaria por outra engenharia: a de som!

Entrou na Orquestra Sinfônica Jovem, passou pela Metalúrgica Filipéia (com o maestro Chiquito) até chegar à Orquestra Sinfônica da Paraíba onde permanece até os dias de hoje no naipe de contrabaixo acústico. Em entrevista para a realização desta dissertação, Sérgio Galo comentou, além de seu percurso acadêmico, como foi a trajetória para criação de seu estúdio de gravação, um dos primeiros na cidade e um dos poucos a se manter em atividade nos dias atuais.

Como muitos dos apreciadores de música até os anos 1990, Sérgio mantinha o hábito de gravar muitas fitas K7 a partir do que ouvia nas rádios. Atividade que foi se aprimorando e criando nele o desejo de investir em equipamentos parte do dinheiro que ganhava por tocar na noite acompanhando cantores. De um amigo que morou uma época na Suíça ele comprou um gravador de 4 canais (ainda morando na casa da mãe), o que lhe possibilitou criar jingles promocionais (Figura 25):

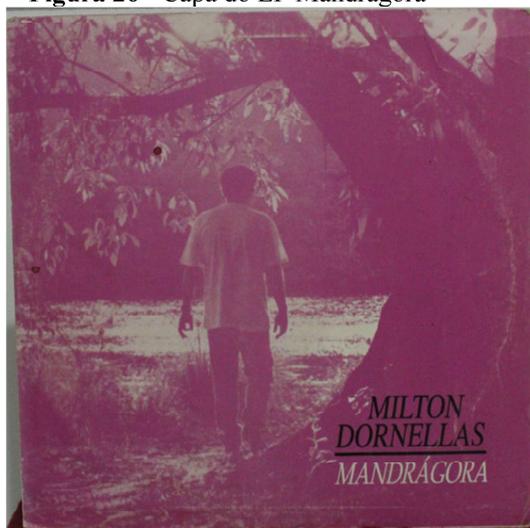
Figura 25 - Gravador Fostex 12



Fonte: Mercado Livre

Depois passou para um gravador de 8 canais, incorporou uma mesa de som e logo passou a fazer gravações para músicos e grupos da cidade. Viajou até Campos do Jordão, em São Paulo, onde fez um curso de gravação de orquestras, que lhe seria muito útil num futuro próximo, enquanto ia gravando de forma independente e autodidata, músicos como Milton Dornellas e seu disco MANDRÁGORA, em 1993 (Figura 26):

Figura 26 - Capa do LP Mandrágora



Fonte: Discogs, 2024

Nestes 30 anos de atividade inúmeros grupos e artistas passaram pelos estúdios de gravação comandados por Sérgio Galo dos quais ele destaca alguns trabalhos que considera muito importante como: Um abraço pra ti pequenina (Xangai e Quinteto da Paraíba), Ancestrais (Milton Dornellas), Avatar (Cátia de França), Armorial e Piazzola (Quinteto da Paraíba), Capiba e Gonzagão (Quinteto da Paraíba), A Pedra do Reino (Quinteto da Paraíba), Orquestra Filarmônica Norte e Nordeste, e Orquestra Sinfônica da Paraíba e Sivuca (Figura 27):

Figura 27 - Alguns CDs gravados por Sérgio Gallo



Fonte: Acervo do autor

Em muitos destes trabalhos Sérgio Gallo fez arranjos para as músicas, fez a direção musical, orientou músicos e cantores que não sabiam ler partitura. Nestes casos é preciso orientar o ritmo, a altura correta das notas para não acontecer desafinações, é um trabalho de condutor mesmo na hora da gravação, quase um regente.

Foi com esta vivência que Sérgio chegou para assumir a Direção musical do primeiro festival de Música da Paraíba em 2018. E também com a experiência de ter comandado bandas bases em festivais anteriores como o Forró Fest (onde dirigiu 16 edições) e o Festival de Música do Sesc, por sete anos. Curiosamente, como lembrou Sérgio Gallo, estes dois festivais encerrariam suas atividades em 2014.

O grupo de músicos e arranjadores selecionado para atuar sob o comando de Sérgio foi evidenciado em publicações na imprensa paraibana como ressaltamos no trecho a seguir:

A banda base foi um dos destaques do festival. Presente em todas as etapas acompanhando os intérpretes, o time tem direção musical de Sérgio Gallo, arranjos de Emanuel Barros, Gallo e Marcelo Villor. A banda base é formada por Sérgio Gallo (baixo), Léo Torres (guitarra), José de Arimatéia (sax), Gilvando Pereira (trombone), Igo Wendel (teclado e sanfona), Emanuel Barros (trompete), Otacílio Feitosa (percussão), Glauco Andreza (bateria), Marceliano (vocal) e Grazi Vilanueva (vocal) (Governo da Paraíba, 2018).

Grande parte deste elenco tem laços ou com o Departamento de Música da UFPB ou trabalhos realizados com a OSPB, além de extensa vivência musical muitas vezes iniciada na infância como destacamos nas minibiografias a seguir:

Emanuel Barros, apesar da pouca idade já é arranjador afamado na cidade de João Pessoa com trabalhos significativos como realçou a jornalista Angélica Nunes em matéria de 2019: “A ‘Abertura Jack É Centenário’, composição do jovem trompetista paraibano Emanuel Barros, abre o concerto [“Orquestra Sinfônica Jovem (especial Jackson do Pandeiro)]” (Nunes, 2019). Nascido na cidade de Condado, interior do estado de Pernambuco, se iniciou cedo nos estudos musicais, aos 05 anos, orientado por seu pai. Fez curso profissionalizante em música na cidade do Recife até ingressar no curso de Licenciatura em Música da UFPB em 2013 para estudar trompete com o professor Ayrton Benck.

Em 2016 foi o autor de todos os arranjos das músicas de Zé Ramalho quando este gravou com a Orquestra Sinfônica da Paraíba show realizado e gravado ao vivo no dia 05 de agosto no Teatro A Pedra do Reino (Orquestra, 2016).

Já se apresentou como convidado com a Metalurgia Filipéia, Orquestra Sinfônica da UFPB, Rubação Jazz entre muitos outros grupos. Tem arranjos para grupos de câmara como o Quinteto da Paraíba e é arranjador da Banda Sinfônica José Siqueira (Barros, 2023). Emanuel foi um dos arranjadores além de tocar trompete no naipe dos metais da banda base do festival.

Marcelo de Araújo Vilor, nascido em João Pessoa, faz parte da terceira geração de músicos iniciada por seu avô, o Maestro Vilô, paraibano de Serra Branca (mesma cidade de Sérgio Galo) que comandou por quarenta anos uma orquestra de frevos. Ao falecer, seu neto assumiu a regência do grupo.

O estudo mais formal de música se deu quando Marcelo passou a frequentar as aulas de clarinete nos Cursos de Extensão do Departamento de Música da UFPB Por volta dos anos 1980. Muitos anos depois ele se decidiria pelo Bacharelado de Música já tocando saxofone.

Depois de décadas de dedicação à música foi um dos homenageados num concerto da Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Paraíba (OSUFPB) em 2016 quando esta instituição passou a contemplar a produção de seus professores e/ou alunos. Em matéria para a divulgação do concerto, Marcelo Vilor teve sua atuação como músico e arranjador ressaltada, como destacamos a seguir:

Vilor realizou diversos cursos de improvisação e arranjo, ministrados pelos professores: Carlos Malta, Roberto Sion, Ian Guest e Hector Costita. Atuou como músico na Orquestra do Maestro Vilô, Orquestra Metalúrgica Filipeia, PB Jazz, Orquestra Mistura Fina, Orquestra Sanhauá, Grupo Oitavando, Grupo Canto Novo e Banda de Música do 15º BIMtz. Tem composições e

arranjos gravados pelos grupos Quarteto de Trombones da Paraíba, Quinteto Brassil, Quinteto Potiguar, Banda Pequi, Octeto de Saxofones do Departamento de Música da UFRN e JP Sax; com participação em diversos CDs, incluindo “Azeitonizando”, “Maestro Vilô - 40 Anos de Frevo”, “Um Século de Saxofone”, “Folia de Rua 2000”, “Beto Tavares - Labirinto”, “Roberto Araújo - Passarada”, “Duas Palhetas” do saxofonista Costinha e pelo Projeto selo Coisa Fina, de São Paulo (Concerto, 2024).

Marcelo Vilor foi um dos arranjadores ao lado de Emanuel Barros e Sérgio Galo de algumas músicas que concorreram no Festival de Música da Paraíba. E mais um exemplo da excelência de alguns músicos paraibanos.

Léo Torres, natural da cidade de Esperança (distante 160 km da capital paraibana e a apenas 26 km de Campina Grande), é guitarrista com Bacharelado em Música e Especialização em Educação Musical. Professor e músico com aproximadamente três décadas de experiência e com trabalhos realizados ao lado da Orquestra Sinfônica da Paraíba em concertos acompanhando artistas como Chico César, Zé Ramalho, Cátia de França e Genival Lacerda, por exemplo.

José de Arimatéia Formiga Veríssimo, nascido na cidade de Pombal, sertão paraibano, é mais conhecido como Teinha. Ingressou em 1982 no Departamento de Música da UFPB onde atualmente é professor de sax e clarinete. Integrou a Metalúrgica Filipéia do Maestro Chiquito nos anos 1980. Mas Teinha e Chiquito já eram conhecidos desde os tempos de convivência em uma banda de música na cidade de Patos desde 1979 (Vieira, 2017).

Teinha é um dos fundadores do grupo JP Sax ao lado dos músicos João Leite Ferreira, Rivaldo Dias e Heleno Feitosa Costa Filho com quem gravou os CDs JPSAX Quarteto, Brasil: Um Século de Saxofone e Solto na Buraqueira. Além de atuar na banda base do Festival de Música da Paraíba integra a Banda Aquariana e é regente da Orquestra Sinfônica Jovem da UFPB.

Gilvando Pereira da Silva iniciou sua relação com a música aos 13 anos de idade em sua cidade natal, Itaporanga, interior da Paraíba, na Banda Filarmônica Manoel Firmino. Em seu primeiro encontro com o Maestro Chiquito ganhou dele o apelido de Azeitona, pelo qual é conhecido até hoje. Em 1986, aos 15 anos, entrou para a banda da então Escola Técnica Federal da Paraíba para tocar bombardino. Por influência de amigos ao saber que trocando de instrumento poderia no futuro integrar orquestras sinfônicas migrou do bombardino para o trombone.

Ingressou na UFPB em 1990 para cursar o bacharelado em Trombone onde estudou sob a orientação dos professores trombonistas Sandoval Moreno e Radegundis Feitosa. Integrou a Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba, depois a orquestra principal, entre 1989 e 1996 fez parte da Metalúrgica Filipéia sob o comando do Maestro Chiquito e foi um dos fundadores do Quarteto de Trombones da Paraíba.

Participou da gravação dos CDs 4+Uns e Paraquedistas do Quarteto de Trombones; de Desafios e Um Pouquinho do Brasil com o *Brazilian Trombone Ensemble*; além de acompanhar artistas como Adeildo Vieira, Lis Albuquerque, Pinto do Acordeon, Cátia de França, Alceu Valelnça, Jorge de Altinho, entre muitos outros (Paraíba Criativa).

Igo Wendel, multi-instrumentista, arranjador e produtor musical, atualmente estuda na UFPB no curso de Licenciatura em Música mas há vários anos que atua no mercado como músico ou arranjador. Foi o produtor musical do espetáculo Eternamente Gal onde a cantora Grazi Vilanueva, sua esposa, interpreta canções de Gal Costa.

Glauco Andreza nasceu na capital paraibana em 1966. Seu pai era integrante da banda de música da Polícia Militar da Paraíba. Por volta dos 14 anos já se mostrava interessado em música tendo aulas com os criadores do Jaguaribe Carne, os irmãos Paulo Ró e Pedro Osmar. Frequentou os cursos de extensão da Universidade Federal da Paraíba com o professor de percussão e membro da Orquestra Sinfônica da Paraíba, Odair Salgueiro de quem se tornou discípulo e amigo.

Integrou a Metalúrgica Filipeia do maestro Chiquito e é responsável pelo ingresso de Sérgio Galo neste grupo. Eles já tocavam juntos em outros grupos musicais e Glauco fez o convite para Sérgio substituir Odair Salgueiro que tocava baixo na Metalúrgica. Sérgio aceitou o convite que teve importância fundamental nos caminhos profissionais que seguiria a partir dali se decidindo por abraçar a música profissionalmente. Glauco também é responsável pela alcunha pela qual Sérgio é conhecido até hoje. Ao perceber um constante desalinho nos cabelos do amigo que lembrava uma crista de galo o batizou de Sérgio Galo (Vieira, 2017).

Grazi Vilanueva, sul-mato-grossense de Campo Grande, reside em João Pessoa há mais de 20 anos. Canta desde a infância por influencia da família. Seu avô era músico e sua mãe cantora. Já aos 15 anos inicia sua carreira profissional cantando em bandas. Tem um CD gravado além de participação em discos e shows de outros artistas. Estuda canto popular no curso de Licenciatura em Música da UFPB desde 2021.

Participou do programa televisivo *The Voice* Brasil no ano 2023 escolhendo o cantor e compositor Lulu Santos como seu técnico após interpretar a canção Baby de Caetano Veloso e imortalizada na voz de Gal Costa, artista que Grazi já homenageia nos palcos há alguns anos em shows com a produção musical de seu companheiro Igo Wendel.

Trabalhar com um time de músicos deste nível profissionaliza bastante o processo, todos se guiam por partituras musicais previamente escritas, chegam com suas partes já estudadas. Segundo Sérgio Galo alguns concorrentes “até se intimidam de cantar diante de um grupo assim” (Figura 28):

Figura 28 - Músicos da banda base do festival



Fonte: Jornal A União

Já o trabalho do diretor musical começa bem antes da realização dos ensaios com a banda base. Após receber as músicas que irão para as eliminatórias ele escuta cada uma delas, confere os tons com os concorrentes (para que eles cantem na região mais confortável possível), distribui as músicas entre os arranjadores (que irão “vestir” a música, por assim dizer) e duas semanas antes das eliminatórias a banda se reúne para ensaiar.

Durante a entrevista, Sérgio lembra que na semana das eliminatórias são 3 ensaios por dia! Num deles Sérgio grava a música de cada um dos concorrentes e envia para que na hora da passagem com a banda eles já cheguem com mais segurança. Mas ainda assim acontece que um ou outro não se sinta à vontade em se apresentar com um grupo tão grande e tão profissional. E a única opção é cantar se acompanhando ao violão.

4.7 A noite da grande final do festival

O Teatro de Arena é um dos quatro grandes ambientes de espetáculos que compõem o Espaço Cultural, localizado no bairro de Tambauzinho. Tem a forma de um tronco de pirâmide invertido cujos lados em declive formam uma arquibancada de concreto. No teto há várias placas acústicas que melhoram a reverberação do som (Figura 29):

Figura 29 - Teatro de Arena do Espaço Cultural



Fonte: Matheus Jampa da Silva

Na noite da grande final do Primeiro Festival de Música da Paraíba, 27 de janeiro de 2018, o público lotou o ambiente. Havia torcidas organizadas exibindo faixas com os nomes das músicas para a qual faziam campanha e pediam aplausos. Tal qual as noites das duas eliminatórias que presentearam as pessoas presentes com shows de Val Donato e Os Fulanos, respectivamente, estava previsto o show de Chico César para encerrar este primeiro festival com músicas da Paraíba (Figura 30):

Figura 30 - Final do 1o Festival de Música da Paraíba



Fonte: Governo da Paraíba, 2024

O ator e diretor Daniel Porpino foi o mestre de cerimônias desta primeira edição. Com formação em Comunicação social e especialização em teatro pela Universidade Federal da Paraíba, e atuação no filme *Aquarius*, do diretor Kleber Mendonça de 2016, foi o responsável por apresentar cada concorrente, comentando sobre a trajetória artística de cada um e mencionar sempre que possível o que inspirou a composição das músicas.

O primeiro concorrente a subir no palco foi o paraibano nascido em João Pessoa, Titá Moura, compositor de **Chame Pelo Nome**. Embora envolvido desde os 15 anos com a música, só aos 29 anos é que Titá focou suas forças na música autoral. Neste intervalo temporal foi atleta (chegou a integrar a seleção paraibana de futebol de salão), cantor em grupos de samba e também de forró. Na época do festival preparava o lançamento de seu primeiro CD, *Cantos Pra Se Dançar De Azul*, que se concretizou em março de 2018.

Titá teve a difícil tarefa de abrir a noite da grande final. Sempre um momento de muito nervosismo a ser vencido, enfrentar uma plateia fria, ansiosa por ouvir seus concorrentes preferidos mas ele se portou muito bem, como pude perceber. Assim que adentrou o palco montado no Teatro de Arena Sérgio Galo, como um regente, deu o comando para que Igo Wendel desfilasse os dedos pelo teclado numa escala cromática descendente até entregar o tom com o qual Titá Moura atacou precisamente a nota inicial de sua música.

Nas palavras do apresentador Daniel Porpino, ao anunciar a primeira concorrente da noite, “O título da canção vem da indignação do autor com os discursos de ódio nos espaços midiáticos e foi composta como grito musical para que as coisas sejam mostradas como são”. Talvez inspirado pelo filme “*Me Chame Pelo Seu Nome*”, lançado em 2017, onde o protagonista vive os conflitos com a descoberta de sua sexualidade, Titá batizou seu libelo com o título **Chame Pelo Nome**.

Titá encerrou sua participação exaltando a música de sua terra e seus ídolos gritando a plenos pulmões: “salve a música da Paraíba, salve o Musiclube, salve a guerrilha cultural, resistência! Resistência!”.

O segundo concorrente da noite foi o contrabaixista da Orquestra Sinfônica da UFPB, Daniel Pina. Paraibano de Campina Grande é também compositor e cantor com trabalhos em parceria com as cantoras Val Donato, Lucy Alves e com o cantor Lenine. Para o festival Daniel inscreveu e defendeu a música **Tua Estrada** que é uma declaração de amor à pessoa amada.

A canção tem letra poética que ressalta um eu lírico apaixonado, arranjo onde se destacam as linhas de baixo e de sax. Daniel canta de modo suave prolongando as notas (e as sílabas) nas terminações de algumas frases. Como se estivesse numa conversa com o ser amado transmitindo pureza e ternura. Também termina sua participação enaltecendo a música paraibana.

Em seguida o Quarteto Avuô (formado por Nara Limeira na zabumba, Naldinho Braga na caixa de guerra, Renato Oliveira e Renan Rezende nos pífanos) adentrou o palco sob forte apoio da torcida, que levou até faixa expondo sua preferência, para defender a música **Sopro da Loca**, de Renato Oliveira.

Paraibano de Campina Grande, Renato foi apresentado pelo locutor como multi-instrumentista, produtor musical e pifeiro. A música, assim como o Festival de Música da Paraíba, homenageia a também pifeira Zabé da Loca e foi composta após uma visita que o compositor fez à cidade de Monteiro onde a artista residia.

No início da apresentação um pequeno atraso para passar o som dos microfones adicionais já que era a primeira formação com quatro cantores simultaneamente no palco ao contrário dos dois cantores que se apresentaram individualmente antes deles. Enquanto Renato cumprimentava o público saudando Zabé da Loca e todas as bandas de pife do interior do estado, Naldinho percebeu que seu microfone não estava funcionando.

Sanado o problema Nara começa a marcar o ritmo em sua zabumba, seguida por Naldinho Braga na caixa de guerra fornecendo a cama rítmica para que os pífanos apresentem a melodia da canção. Nara com sua experiência de contadora de histórias narra, em trecho falado, a trajetória de Zabé que nasceu na cidade de Buíque (Pernambuco) e migrou para Paraíba, onde ficou conhecida por morar numa caverna (loca). A música termina com palmas ritmando o texto e convidando o público a participar, que aplaudiu com veemência pela primeira vez na noite.

A quarta música da noite chama-se **Um Samba a Dois**, uma composição do cavaquinista e arranjador Potyzinho Lucena, pessoense que atua na música desde 1994, compondo e tocando em grupos de samba. Neste samba, nas palavras do apresentador Daniel, “é celebrada a harmonia entre o compositor e a canção, o amor na cadência de um samba, cheiro de fantasia embalando o desejo e a paixão na lucidez da loucura” mas pode-se também interpretar como uma celebração entre o compositor e a intérprete Polyana Resende que defendeu o samba no festival e com quem mantém uma relação de quase uma década de parceria, até aquele data.

Polyana é cantora e compositora com forte atuação na cidade de João Pessoa, tem um CD lançado (2017) chamado Samba Teimoso e foi a primeira mulher a compor um samba enredo para uma escola de samba da capital paraibana. A Magia dos Deuses foi samba enredo da Escola de Samba Malandros do Morro de 2017, composição de Polyana e Potyzinho (Resende, 2024).

Um Samba a Dois trouxe arranjo bem elaborado com saltos que não são muito comuns na música popular brasileira como por exemplo, o salto de 6a maior no refrão “Eu e você / somos o céu e o mar infinito / de prazer” como se representasse a musa (você) e o céu nas alturas. Ideia que se repete em “vamos viver / como o sol e a lua à noite / amanhecer”. A música inicia e termina com frases de cuíca tocada pelo percussionista Otacílio Feitosa. Também agradou bastante o público que também exibiu faixa de apoio à Polyana Resende.

Dando prosseguimento ao festival foi chamado ao palco para defender a quinta música da noite o carioca radicado na Paraíba, Levy Nascimento com a canção **Paraíba Mood**. Levy é integrante da banda *In The Mood Hard Blues* que como o nome denuncia investe no *rock* e no *blues* mais pesado, mais “*hard*”.

Paraíba Mood começa com *power chords* na guitarra em sintonia com as raízes roqueiras do compositor mas migra para ritmos nordestinos margeando a letra que homenageia tanto o xote e o baião quanto alguns artistas paraibanos como Totonho, Zabé da Loca, Cabruera, Escurinho e o Jaguaribe Carne de Pedro Osmar e Paulo Ró.

Logo depois foi chamado ao palco o cantor Thiago Almeida para cantar **Chica Negra Gata**, composição de um dos melhores artistas surgidos na Paraíba nos últimos 20 anos: Jonathas Pereira Falcão, mais conhecido como Seu Pereira. Com uma carreira na composição que se iniciou ainda na década de 1990, Jonathas teve uma música gravada pela cantora Gláucia Lima, no CD Cantata Popular de 2000: Contos da Oca Oca onde já demonstrava uma preocupação com questões ambientais e com minorias marginalizadas. Tem 03 CDs gravados: Seu Pereira e Coletivo 401 (2012), Eu Não Sou Boa Influência Pra Você (2017) e um EP com 04 canções, Musa Caliente - Canções de Verão (2015).

Thiago Almeida é cearense nascido na capital, estudante de música na UFPB (à época do festival), com trabalhos autorais; é compositor e vocalista da banda Pé de Coco. Como cantor profissional que é, demonstra domínio de palco explorando toda a sua extensão enquanto se apresenta com desenvoltura. Um forte candidato ao posto de melhor intérprete.

A letra de Chica Negra Gata faz analogia entre o comportamento de políticos corruptos e a conhecida injustiça social. A personagem é uma anti-heroína exterminadora de ratos que persegue ratazanas gordas com gravatas: “já que a justiça é semicega e só enxerga o que lhe é conveniente, Chica Negra Gata espia do telhado, só pensa em defender sua gente”. O arranjo é marcante com forte presença dos metais em diálogos com o baixo de Sérgio Galo. A performance da sexta concorrente encerrou a primeira metade da final do festival.

Até Quando O Sertão Virar Mar E O Mar Virar Sertão é a 7ª música a ser apresentada no palco do Teatro de Arena. Composição de Marcos Vinícius que não estava na lista inicial das 24 selecionadas pela curadoria do festival mas integrava a lista de suplência. Com a desclassificação de duas participantes ele foi convocado para a primeira eliminatória (na cidade de Sousa) e ficou entre as 6 melhores colocadas, tendo o direito de participar da final.

A letra fala de um amor utópico, que vai durar até o sol encontrar a lua, um tempo onde a música pode não existir, e faz referência ao poema O Violão e o Vilão (Cecilia Meireles). Tem um belo arranjo de metais.

A oitava música da noite é de um compositor tarimbado com muitos anos de dedicação à composição e à *performance* instrumental. Tom Drummond começou a estudar música aos seis anos de idade se dividindo entre o piano, a flauta e o violão. Ingressou na UFPB para estudar violoncelo e integra atualmente o naipe deste instrumento na Orquestra Sinfônica da referida instituição (OSUFPB). Até 2015 tinha já 06 CDs gravados, sendo o mais recente totalmente com músicas de sua autoria e contando com o cantor e violonista Paulinho Moska em uma das faixas.

Capitu é uma canção de amor que faz referência ao romance Dom Casmurro de Machado de Assis e traz um arranjo com texturas diferentes de todas as músicas apresentadas até então. Emanuel Barros troca o trompete pelo *Flughorn* que tem uma tessitura mais grave de sonoridade mais suave, mais aveludada. Teinha utiliza nesta canção o sax tenor que também é mais grave que o sax alto utilizado nas outras músicas. E há a presença de uma sanfona que junto ao triangulo tocado por Otacílio emolduram o xote tão familiar aos nordestinos. É forte concorrente aos primeiros lugares da competição.

Adeildo Vieira foi o nono concorrente a subir no palco para defender sua canção. Velho conhecido do público e também dos festivais. Provavelmente o mais experiente neste tipo de concurso. Participou de 13 edições do Festival de Música do

Serviço Social do Comércio (SESC), venceu festivais na UFPB e no Centro Federal da Paraíba (CEFET), antiga Escola Técnica Federal da Paraíba (ETFPB) onde cursou mecânica assim que chegou a João Pessoa vindo de Itabaiana, sua terra natal (e também de Sivuca como gosta sempre de ressaltar).

O bairro de Jaguaribe (onde está situada a antiga Escola Técnica) tem importância fundamental na carreira musical de Adeildo pois ao se mudar para a capital paraibana este foi o bairro escolhido por sua família para morar. E se eles não tinha o mar no horizonte próximo, Adeildo Vieira tinha Pedro Osmar do outro lado da rua. Foi com os irmãos que fundaram o Jaguaribe Carne e depois o Musiclube da Paraíba que Adeildo se atreveu a compor e a mostrar suas músicas.

A grande inspiração musical ele tinha e ainda tem dentro de casa: seu irmão Antonio de Pádua, “um músico nato” nas suas palavras. Mas foi morando em João Pessoa e já com 18 anos que inicia a caminhada que o levaria a subir num palco pela primeira vez em 1984 influenciado pelas experimentações que Pedro Osmar e Paulo Ró provocavam. Esta convivência é também responsável por uma forte formação política e de questionamentos dos poderes estabelecidos. Um trabalho que ficou conhecido entre outras iniciativas, como Guerrilha Cultural, o de abrir espaços para a música produzida localmente e buscando conscientizar o público com o qual tinham contato da importância de valorizar o que é seu.

Em sua trajetória Adeildo Vieira acumula quatro CDs: Diário de Bordo (2000), Há Braços (2010), África de Mim (2016) e O Presente (2023). Lançou um livro em 2016 contando as histórias de vida do Maestro Chiquito, o Metalúrgico dos Sons, fazendo referência já no título ao grupo musical criado pelo maestro e que fez muito sucesso em João Pessoa nos anos 1980. Este livro-reportagem serviu também de Trabalho de Conclusão do Mestrado em Jornalismo concretizado por Adeildo na UFPB. Como jornalista comandou os microfones do programa Tabajara em Revista durante 5 anos, recebendo diariamente das segundas às sextas, incontáveis artistas paraibanos para que aproveitassem a vitrine radiofônica do radiojornalismo cultural da Tabajara para apresentar suas obras.

A canção escolhida por Adeildo para participar do primeiro Festival de Música da Paraíba foi **Santo de Casa**. Nas palavras do Mestre de Cerimônia, Daniel, “a música questiona aquele velho ditado que diz que santo de casa não faz milagres”. Segundo o autor, ‘nós somos os santos e nós somos a casa, e que se a gente não acredita na gente mesmo não adianta apelar pros santos do céu’.

Esta música tem um dos arranjos mais elaborados da noite com mudanças de ritmos e texturas. Para se ter uma ideia da dificuldade, enquanto o apresentador Daniel fazia a convocação de Adeildo e tecia um rápido comentário sobre a música, o baterista Glauco Andreza mostrava sua preocupação em orientar o percussionista sobre o andamento, e os vocalistas, Marceliano e Grazi Vilanueva, que faziam dueto com Adeildo à *Capella* (sem acompanhamento de instrumentos) abrindo a apresentação: “meu santinho de minha fé / cobri com vosso manto / a cumeira de minh’alma / agora e na glória / da nossa mata do / amém”.

Outra música com saltos melódicos (quando se pula uma nota vizinha na melodia, por exemplo: Dó – Mi, ou Fá-Si). A primeira frase se apoia num acorde arpejado de Si diminuto (começando na 3ª do acorde – Ré – caindo para Si e ascendendo a Fá), que não é muito comum na música popular mas é uma característica da “escala nordestina”. E este salto de 5ª diminuta, de Si para o Fá, não é tão fácil de afinar, o que demonstra a ousadia do compositor.

Em seguida entram os instrumentos de percussão com tambores que lembram os terreiros de candomblé, dando um caráter ecumênico a esta música que começou com trecho que remete aos hinários das novenas e conclui com a palavra amém. Santo de Casa tem uma das letras mais longas e de maior duração (5 minutos) e confirma o cuidado com que Adeildo compõe suas músicas. Para terminar, ele deixa um recado para o público: “ajoelhe-se diante de você mesmo porque a casa e o santo de casa são vocês, somos nós” diante do naipe de metais de joelho em “oração” (Figura 31):

Figura 31 - Adeildo Vieira interpretando Santo de Casa



Fonte: TV UEPB

A décima música a concorrer é **Tectônica**, uma composição de Marcelo Piancó e Thyego Lopes, e teve como intérprete a cantora Cida Alves, baiana mas que reside na Paraíba há vários anos. Cida é cantora, compositora e violonista. Lançou em 2020 seu primeiro CD com 9 canções, que leva o nome da canção que defendeu no festival e tem músicas de sua autoria e também de outros compositores, a exemplo de Divina Queda de Adeildo Vieira (G1, 2020).

Marcello Piancó, que carrega em seu nome artístico a cidade do interior da Paraíba onde nasceu, era publicitário, radialista, com formação em engenharia, e conhecido pelos longos anos em que atuou como humorista embora tivesse uma carreira consolidada numa das maiores agências de publicidade da capital paraibana, a Antares que tem mais de 30 anos de atuação. Marcelo Fábio Montenegro Bento de Sousa faleceu em março de 2020.

Thyego Lopes, nascido em Caruaru, Pernambuco, mas residindo em João Pessoa desde o ano 2001, é também publicitário, diretor e redator. Tem parceria com outros compositores paraibanos como Chico Limeira. Compôs Tectônica quando se encontrava com Piancó numa cidade da América Central onde os terremotos são frequentes e eles resolveram fazer uma analogia com os abalos que a paixão é capaz de causar nos seres humanos. É interessante ressaltar que a música inicia com a repetição de algumas notas bem agudas que lembram sirenes. Da mesma forma que ambulâncias e carros de bombeiro fazem uso deste artefato para abrir caminho no trânsito, em situação de ataques aéreos são sirenes que alertam a população para que se evacuem para locais seguros, o mesmo acontece em situação de tremores de terra.

Imprópria é o título da penúltima música a ser apresentada. Quem a defendeu foi seu autor, Chico Limeira, que pode-se dizer já nasceu em berço artístico. Ele é neto de Pedro Santos, maestro que fundou o coral universitário da UFPB, cujas filhas (mãe e tias de Chico Limeira) integraram e ainda fazem parte de corais na cidade de João Pessoa, a exemplo do Coral Voz Ativa. Chico nasceu em meados da década de 1980 mas ao contrário de seus contemporâneos não enveredou pelo *rock* vigente no Brasil e sim pelo samba, gênero que o atraiu logo cedo, seja pelas canções dos Demônios da Garoa ou pelas letras de Chico Buarque, seu xará.

A canção Imprópria nasceu de um passeio num final de tarde pelo centro da capital paraibana. Ao contemplar o pôr do sol Chico se deu conta de que na rua onde se encontrava havia uma homenagem a um general o que para ele parecia um disparate unir o peso de uma memória bélica à beleza de um entardecer. Com isso, resolveu

criticar através da música o costume de se nomear logradouros, bairros e praças com nomes de políticos e militares.

O forte desta canção é a letra. Uma mensagem direta sem metáforas que expressa a indignação de viver em uma cidade onde muitas das ruas rende homenagens a políticos como João Pessoa, Epitácio Pessoa, Ruy Carneiro; praças, parques e bairros (além de alguns políticos como o parque Solon de Lucena) também homenageiam militares como o Geisel, Castelo Branco etc.

Vale lembrar o contexto político em que o Brasil se encontrava na época do festival (janeiro de 2018). Há menos de dois anos tinha ocorrido o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff que foi impedida de terminar seu segundo mandato e teve o cargo cassado em 31 de agosto de 2016, quando seu vice assumiu imediatamente o cargo, Michel Temer (Câmara dos Deputados, 2024).

Para muitos uma traição. A operação Lava Jato praticamente perseguia um único partido sob o pretexto de combate à corrupção e em julho de 2017 o ex-presidente Lula seria condenado a 9 anos de prisão envolvido em um caso mal explicado de posse de um apartamento tríplice na cidade de Guarujá. A reboque deste cenário se desenhava no horizonte próximo a possibilidade de os militares voltarem ao poder nas próximas eleições (outubro de 2018) o que viria a se concretizar com a eleição de um ex-capitão do exército para assumir a presidência do Brasil em janeiro de 2019.

Imprópria era uma das poucas canções de conotação política que fazia um claro protesto rechaçando a homenagem a militares nomeando ruas, praças, avenidas na cidade de João Pessoa e ganhando a admiração do público que se manifestou várias vezes durante a execução da música.

A décima segunda e última canção a ser defendida no 1º Festival de Música da Paraíba é de autoria de Wister e chama-se **Tanto**. Wister nasceu na capital paraibana e em 2018 completava 10 anos de carreira contada a partir do lançamento de seu primeiro disco apresentado em 2008. Segundo o próprio compositor, tanto é uma ode à vida, fala sobre a vontade de fazer e mudar as coisas. Wister foi o único intérprete que se dirigiu ao público antes de começar a cantar. Justificou que é justamente a plateia a razão de existir dos artistas. A principal razão para eles estarem no palco. E seguiu bem à vontade, como se estivesse em um show, conclamando as pessoas a participar batendo palmas. Assim se encerrou a noite da finalíssima. Restava apenas saber a decisão dos jurados.

4.8 A Premiação

A comissão julgadora, que teve o paraibano Geraldo Vandré como presidente de honra, contou com um time formado por músicos, produtores e críticos musicais para analisar as músicas e escolher quais as melhores, a saber:

Fernando Santos – violonista e pesquisador cultural, produtor do festival Prosa Sonora e Diretor Geral da Pandarus Música Brasileira. O Festival Prosa Sonora existe desde 2015 e é realizado no estado de Goiás com foco em artistas que valorizam as manifestações regionais. A Pandarus Música Brasileira é um mix de produtora, selo musical e estúdio de gravação atuando há quase duas décadas produzindo eventos e gerenciando artistas;

Hernan Halak – argentino, produtor, diretor e curador do festival Mucho e coordenador da produtora cultural Mundo Giras. O Festival Mucho chega em 2024 a sua 8ª edição unindo a música brasileira ao que é produzido na América Latina. A produtora Mundo Giras atua tanto na música quanto no teatro, circo, dança e festivais unindo vertentes de diferentes culturas. É sediada em São Paulo e em Buenos Aires;

José Teles – jornalista, escritor e pesquisador de música popular, nasceu em Campina Grande na Paraíba mas vive em Recife há muitas décadas com passagem pelo Jornal do Comércio como crítico musical e tem vários livros lançados, como Do Frevo ao Manguebeat que traça um panorama da música produzida no Brasil (com foco em Pernambuco) no século XX e o mais recente Soparia: De boteco a Palco de Todos os Sons, lançado no final de 2023 contando a história de um bar criado pelo agitador cultural Roger de Renor que movimentou a cena recifense nos anos 1990;

Marcello Penedo – carioca, produtor e empresário, presidente da gravadora Penedo Music e da Penedo Produções;

Renato Bandeira – pernambucano, compositor, arranjador, produtor musical, violonista e guitarrista da Spok Frevo Orquestra. Acompanhou cantores e cantoras como Dominginhos, Alceu Valença, Gal Costa, Silvério Pessoa, Chico César, Geraldo Azevedo, Elba Ramalho, Sivuca, e Ney Matogrosso, entre outros e se apresentou em palcos fora do Brasil como Suíça, França e Holanda, por exemplo.

O momento mais esperado da noite após a apresentação das 12 músicas concorrentes foi desvendado com narração do Daniel Porpino que iniciou convocando o melhor intérprete: CHICO LIMEIRA que subiu ao palco demonstrando surpresa em ser o escolhido. Quem assistiu ao festival pode conferir que ele estava muito à vontade ao

cantar, simulando pequenas coreografias de bailarinas e aves, por exemplo, ao citar essas palavras de sua música.

Em terceiro lugar o QUARTETO AVUÔ que homenageou Zabé da Loca não apenas na letra (e no título: Sopro da Loca) mas também nos instrumentos pelos quais Zabé ficou conhecida em sua carreira artística que são os pífanos e a zabumba.

Em segundo lugar foi escolhido um dos arranjos mais belos da noite: Capitu de TOM DRUMMOND. Que trouxe uma sanfona para somar aos instrumentos da banda base.

E em primeiríssimo lugar: CHICO LIMEIRA com a canção Imprópria! Esta música realmente teve maior respaldo do público dada a empolgação com que aplaudiram a performance de seu intérprete. Chico subiu ao palco e suas palavras reforçaram a preocupação com o comportamento político dos brasileiros naquele ano que se iniciava: “2018 é um ano que vai exigir da gente enquanto pessoa e ser humano. Vamos trabalhar, vamos nos juntar, vamos transformar, vamos nos posicionar!”

Após a divulgação do resultado Chico Limeira foi convidado a cantar novamente sua canção. No meio da exibição alguns concorrentes invadiram o palco e abraçaram ou cantaram junto com o campeão demonstrando o clima de camaradagem que permeou todo o certame (Figura 32). Afinal de contas muitos dos concorrentes já se conhecem há anos, muitos deles são parceiros musicais, alguns são até parentes como era o caso de Nara Limeira, tia de Chico:

Figura 32 - Chico Limeira interpretando *Imprópria*



Fonte: TV UEPB

Duda Santos comentou sobre este clima de não competitividade que foi a tônica de todo o festival desde as eliminatórias até a grande final. Para muitos, mais que a premiação valia a divulgação de seus trabalhos. A chance de alcançar grandes públicos, tornar as músicas conhecidas. Duda Citou inclusive um caso de um concorrente que ficou no mesmo quarto que Adeildo Vieira na cidade de Sousa, na primeira eliminatória, e não estava acreditando que estava ao lado do ídolo, de quem era fã, mas ao mesmo tempo estava concorrendo com ele:

muito mais do que essa história da premiação em dinheiro, a gente promoveu o encontro de cultura, o encontro de artistas, né? A magia que aconteceu no festival. E, o bonito também do festival era que a gente fazia isso com toda a dignidade que a arte paraibana merece. Com toda a dignidade! (Duda Santos em entrevista ao autor).

Realmente não se pode acusar os organizadores do festival de privilegiar algum concorrente em detrimento de outro ou de que faltaram condições para que as músicas fossem apresentadas e defendidas dignamente. As equipes técnicas dividiam os mesmos hotéis que os concorrentes o que favorecia tanto a fiscalização dos serviços prestados à produção quanto a aproximação entre músicos e compositores que mesmo antes das disputas no palco já inauguravam algumas parcerias.

A equipe responsável por julgar as músicas e as performances dos finalistas na noite de 27 de janeiro de 2018 foi composta exclusivamente por profissionais que não tinham relações próximas com a música produzida na Paraíba e que não residiam no estado o que para alguns poderia até trazer alguns problemas como desconhecer a cultura local, mas certamente afastava acusações de favorecimento em relação a algum intérprete.

O 1º Festival de Música da Paraíba cumpria sua missão de divulgar a música produzida localmente, apresentar novos compositores e novos intérpretes em meio a concorrentes já acostumados com esse tipo de competição. Ampliando os horizontes de escuta para um público habituado ao mundo digital, mas que também usufrui das mídias contemporâneas para interagir, compartilhar, sugerir e ouvir sob demanda seus artistas preferidos.

A Rádio Tabajara com boa parte de seus programas sendo transmitidos e ficando hospedados em plataformas como o *Facebook* e o *Spotify* demonstra que se adequou processo de modernização das mídias digitais expandindo sua programação radiofônica para além dos ambientes limitados pelas ondas hertzianas.

O Festival de Música da Paraíba realizou até o momento 6 edições entre 2018 e 2023, recebendo 1.366 inscrições e distribuindo R\$ 146.000,00 (Cento e Quarenta e Seis Mil Reais) em prêmios.

4.9 Repercussão

A partir de pesquisa documental em *sites*, jornais e entrevistas para rádio Tabajara foi possível refletir sobre o impacto e efeitos colaterais que vencer o Primeiro Festival de Música da Paraíba teve na carreira do artista Chico Limeira:

Potencializou a minha música, falo especialmente de “Imprópria”. O Festival conseguiu deixar ela ainda maior e fez com que eu chegasse em outros lugares, ainda mais longe; Eu tinha lançado um disco seis meses antes do Festival e esse disco também repercutiu grandemente depois do evento, foi muito importante mesmo. Até hoje me arrepio quando lembro (...) Eu acho que todo mundo que cria pensa no momento do escoamento do seu trabalho. O Festival é esse mecanismo que dá um zoom nas canções, com o júri especializado, até mesmo o público, é sempre uma grande oportunidade (Chico, 2024).

Vencer o festival em janeiro de 2018 fez com que todos os mais de mil quinhentos presentes no Teatro de Arena do Espaço Cultural passassem a conhecer o cantor e compositor Chico Limeira, muitos ali estavam por sua causa e torcendo para que ele vencesse. Participar do festival, e no caso dele, vencê-lo, fez com que sua agenda de shows contasse com apresentações fora dos limites da capital paraibana a partir dali.

Mas Chico também enfrentou o ódio de algumas pessoas pelo teor da letra de *Imprópria*. A música questiona a necessidade de se nomear ruas, logradouros, praças com nomes de políticos e alguns descendentes de personalidades citadas na canção se incomodaram a ponto de confrontar o compositor numa casa de shows da cidade da capital paraibana e até sugerir que o prêmio deveria lhe ser tomado. Assustado, Chico Limeira saiu da cidade por uns dias para digerir tudo o que estava acontecendo⁴.

A repercussão com essa canção, todos os cumprimentos e felicitações, mas também o efeito nocivo de um discurso belicoso ameaçando seu bem-estar fez com que Chico Limeira repensasse a participação em festivais, e inspirado por uma conversa

⁴ Entrevista para o Fala Paraíba, programa jornalístico da Rádio Tabajara.

com sua mãe, Maria Déa, escreveu uma canção em forma de carta dizendo que não queria fazer música para ganhar festival. Em 2019, no Segundo Festival de Música da Paraíba, a canção Carta para Maria daria a Chico Limeira, mais uma vez, os prêmios de campeão e de melhor interprete do festival.

No capítulo a seguir, trazemos as considerações finais desta pesquisa, refletindo sobre os efeitos e impactos do Festival, bem como a importância do jornalismo cultural no processo de difusão do evento e da música paraibana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma semente foi plantada com a intenção de florir e reverberar a produção artística paraibana. A primeira edição do Festival de Música da Paraíba deixou a impressão em muitas pessoas de que não havia clima de competição, que pode ser comprovada pelo público que compareceu à final e viu muitos dos concorrentes subindo ao palco para abraçar e cantar junto com Chico Limeira, o vencedor da edição 2018 (e que seria também o campeão de 2019).

O primeiro Festival de Música da Paraíba nasceu no momento certo. Um momento de efervescência da música autoral paraibana. Foi gerenciado com muito respeito pelos profissionais da Rádio Tabajara e da Fundação Espaço Cultural e foi prestigiado tanto pelos artistas, produtores, jornalistas quanto pelo público que lotou a noite da final no Teatro de Arena do Espaço Cultural, em 27 de janeiro de 2018. O momento em que o festival foi criado era muito propício pelo que se percebia na cidade: pessoas saindo de suas casas para prestigiar os artistas paraibanos. Vários pontos de cultura surgindo em locais alternativos ao que se encontrava normalmente na orla pessoense.

Embora fosse um período complicado politicamente em que a classe artística que já tinha vivido experiências passadas de perseguição, censura, tortura em tempos de ditadura, pressentia o que poderia acontecer nas eleições de 2018, dada a cassação do segundo mandato da presidenta Dilma Rosseff. Mas já se percebia alguns cantores expondo suas opiniões políticas em plataformas como o *twitter* e/ou *instagram*, por exemplo, tanto reforçando a esperança em seus fãs quanto o ódio de pessoas de direita. Este sentimento de preocupação e cobrança perante a sociedade pode ser encontrado em pelo menos duas das músicas que concorreram no festival, inclusive na música campeã.

Esta pesquisa nos mostra que o Festival de Música da Paraíba é uma vitrine para a música produzida localmente. A Paraíba tem um histórico muito forte de grandes nomes da música. Nomes como Chico César, Zé Ramalho, mesmo tendo que sair de seu estado para buscar oportunidades e reconhecimento levam consigo o nome de sua terra natal. A iniciativa de se criar o primeiro Festival de Música da Paraíba é muito importante para oportunizar a pessoas que não tem onde mostrar sua arte tenham um palco de visibilidade e o suporte de uma banda formada por músicos de excelência reconhecida mantendo acesa a fama de que a Paraíba tem muitos compositores e cantores bons. Por isso o festival é um canal necessário.

Outro fator interessante do festival são os artistas que se encontraram e passaram a cantar juntos. Fazendo música juntos. Lançando CDs juntos, lançando uma música em parceria. Ou seja, o festival é também um lugar de encontros para que as pessoas conheçam novos artistas. Inclusive os próprios artistas. Mesmo quem não vence tem o aval do festival, sua obra passou pela curadoria para estar na semifinal.

O Festival de Música da Paraíba fomenta a cultura e a diversidade local com profissionalismo, oferecendo equipe de arranjadores e músicos de competência reconhecida, som e estrutura de palco de grande calibre. Está à disposição de quem é nativo do estado ou mora há alguns anos no local. E permite a quem vive em qualquer um dos mais de 220 municípios paraibanos poder participar.

Imagine a possibilidade de algum artista que vive nos limites do estado sobrevivendo de sua arte numa região, como por exemplo, em Poço de José de Moura, que tem segundo os dados do Censo de 2022, apenas 4.006 habitantes ter a chance de se apresentar numa final de festival para mais de mil pessoas interessadas em conhecer novos artistas!

Mas, como reconhece o músico e jornalista Adeildo Vieira, o festival não projeta o artista para fora dos limites do estado por falta de políticas públicas. Quem quiser participar de um festival fora do estado ou mesmo do país precisa arcar com todas as despesas para poder se apresentar. Não há apoio para circulação com shows nas cidades / estados vizinhos.

O festival poderia premiar com uma turnê, em seis capitais, por exemplo, nos teatros de outras cidades. A divulgação proporcionada por uma circulação deste tipo ampliaria os horizontes de sucesso na carreira. E o custo para essa iniciativa não é tão grande se pensarmos nas possibilidades de parceria com as prefeituras locais ou mesmo em intercâmbios culturais.

A Rádio Tabajara cumpre seu papel de rádio pública ao privilegiar a música paraibana em sua programação. A música local ganhou forte aliada com a criação da FM e o programa Palco 105 (atualmente Palco Tabajara), um programa radiofônico de auditório que por causa da tecnologia é também um programa de TV pois as imagens captadas são transmitidas em plataformas como o *facebook* e o *youtube*, exemplo de rádio expandido como conceituou o professor Marcelo Kischinhevsky.

Além disso a Rádio Tabajara “tem *fanpage* no *Facebook* com 15 mil curtidas e 18 mil seguidores. (...) Tem perfil no *Instagram* que contabiliza 5.959 postagens e conta

com 16,9 mil seguidores (...) *Twitter*, com 31,5 mil posts, tem 18 mil seguidores (...) o canal no *Youtube* tem 7,69 inscritos e conta com 1,1 mil vídeos” (Meireles, 2023)

O presente trabalho teve o objetivo principal de contar a história por trás da criação do Primeiro Festival de Música da Paraíba, apresentando paralelamente a trajetória de alguns personagens que se tornaram peças importantes na consolidação do evento, como os músicos da banda base, por exemplo.

Também apresentamos o percurso das duas mulheres que juntas levaram à frente o projeto inicialmente pensado pela comunicadora Duda Santos e que com a colaboração de Nézia Gomes, convenceram o então governador Ricardo Coutinho a apostar no festival e criaram um produto que é reconhecido como sendo da Rádio Tabajara e também da Funesc com total apoio do Governo do Estado da Paraíba. E que já se encontra na sétima edição (2024) sob a gestão da jornalista Naná Garcez.

Expusemos alguns programas da Rádio Tabajara que se tornaram vitrines importantes da música paraibana como o Tabajara em Revista e o Palco 105 / Tabajara que se tornaram paradas quase obrigatórias para os artistas que vivem exclusivamente de música na cidade. E também para outros artistas que estão de passagem pela capital paraibana e frequentam os programas para divulgar seus shows.

Demonstramos a importância que o jornalismo cultural ainda tem nos dias de hoje pela resistência de alguns veículos que mesmo sofrendo a diminuição de publicações impressas por causa da constante popularização da *internet* ainda há revistas especializadas em cultura circulando, como por exemplo, a Revista Continente em Recife ou os suplementos de cultura em jornais impressos como a Folha de SP ou A União na Paraíba.

Os festivais de música são oportunidades que artistas, compositores e/ou interpretes, tem de expor sua obra para um grande número de pessoas. Se estes festivais forem transmitidos via rádio, ou em plataformas como o *facebook* e *youtube*, por exemplo, essa audiência ganha uma proporção difícil de mensurar. Vencer um festival pode mudar completamente a carreira de uma pessoa.

O rádio é ainda um veículo de comunicação importante para divulgação não só de notícias mas de escoamento de obras culturais, sobretudo das artes musicais. Com o advento da *internet* e a apropriação de espaços digitais em plataformas de escuta assíncrona, o rádio tem não apenas se adaptado às novas rotinas produtivas, como criado maneiras de interação com seus ouvintes a ponto de trazê-los para dentro da programação até como coprodutores quando estes sugerem pautas.

Em pesquisada para esta dissertação realizada entre os dias 23 e 29 de janeiro de 2024, com pessoas com idades entre 14 e 81 anos, público 62,1% feminino, percebe-se que o rádio ainda é ouvido por 54,4% deste público. Quando confrontado com plataformas digitais como o *spotify* (58,3%) ou o *youtube* (19,6%) o rádio ainda tem um público expressivo de 35% de audiência.

Esta pesquisa nos mostra ainda a importância de pontos de cultura na capital paraibana como Vila do Porto, Usina Cultural Energisa, Manga Rosa, Sala de Concertos Radegundis Feitosa, General Store, Espaço Cultural, Theatro Santa Roza, e bares com música ao vivo (onde há espaço para a música autoral paraibana) que são responsáveis por 38,46% das opções de entretenimento na capital paraibana (o que corrobora o sentimento de que desde o final de 2016 o público pessoense sai de suas residências para privilegiar os espaços que tocam a música de compositores paraibanos), contra 17,31% formado pelo Teatro A Pedra do Reino e a casa de espetáculos Domus Hall (onde quase não há espaço para a música paraibana).

O Teatro A Pedra do Reino foi inaugurado em 05 de agosto de 2015 e tem capacidade para quase três mil pessoas e faz parte do complexo conhecido como Centro de Convenções da Paraíba com capacidade total para vinte mil pessoas. A casa de espetáculos Domus Hall se localiza dentro do Shopping Manaíra e foi inaugurada em novembro de 2009, tem capacidade para aproximadamente nove mil pessoas.

Tanto a Domus Hall quanto o teatro A Pedra do Reino costumam receber shows de nomes consagrados da música brasileira a exemplo de Ney Matogrosso, Djavan, Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil, por exemplo, quando os ingressos chegam a custar R\$ 480,00 (quatrocentos e oitenta reais). São dois locais claramente destinados à classe mais abonada da capital paraibana.

Entende-se, portanto, que este trabalho de pesquisa contribui com o jornalismo ao mostrar o processo de investigação, apuração e análise dos dados coletados através das entrevistas, e da pesquisa documental para contar a história da criação do festival, objeto de estudo desta pesquisa.

Acredita-se ainda que por se tratar de um estudo que envolve a Rádio Tabajara, parceira da UFPB no processo de formação dos estudantes de radiojornalismo através do Programa Espaço Experimental, aumente o interesse por trabalhos futuros do Programa de Pós-Graduação (PPJ).

Acreditamos que a Rádio Tabajara ao privilegiar a música local em sua programação contribui para um processo de valorização da música paraibana ainda mais

quando exhibe o nome dos compositores de algumas músicas dividindo as atenções com os intérpretes e aproximando-os do público. O programa Tabajara em Revista é uma vitrine radiofônica diária à disposição de artistas que estejam lançando novos produtos sejam discos, shows, livros, peças de teatro ou espetáculos de dança.

Pretendemos após a defesa deste trabalho, analisar as outras edições do festival de música da Paraíba e transformar a pesquisa num livro reportagem e que esta investigação sirva para atrair os olhos e ouvidos para a música que é produzida aqui em nosso estado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. C. **Os reis da voz**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

ALEXANDRE, R. **O Programa - Discoteca Básica**. Podcast Discoteca Básica, 2024. Disponível em: <https://podcastdiscotecabasica.com/o-programa/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

ALMIRANTE. **No tempo de Noel Rosa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

AMORIM, R. **Banda Dois Africanos faz show hoje em João Pessoa**: Apresentação intitulada World Afro Pop acontece a partir das 19h30, na Bodega Arte Café. A União, João Pessoa, 27/06/2017.

PIRANHA ARTS. **And it's a wrap! WOMEX**, 2023. Disponível em: https://www.womex.com/virtual/piranha_arts_1/news/and_it_s_a_wrap. Acesso em: 17 jan. 2024.

MOURA, Fabiane. **Entrevista: Pedro Antunes, Rolling Stone e Groover**. Blog da Groover, 3 jul. 2023. Disponível em: <https://blog.groover.co/pt/bate-bapo-com-influenciador/groover-pedro-antunes-rolling-stone/>. Acesso em: 5 jul. 2024.

A UNIÃO. **A União - 07 de janeiro de 2016**. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2016/janeiro/a-uniao-07-01-2016/view. Acesso em: 05 jul. 2024.

BARCINSKI, André. **André Barcinski**. Disponível em: <https://www.andrebarcinski.com.br/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

BORGES, M.; FUSCALDO, C. **De tudo se faz canção: 50 anos do clube da esquina**. Rio de Janeiro: Garota FM Books, 2022.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Diário Oficial da União**. Publicado no D.O.U. de 11 de maio de 2017.
BRASIL. Medida provisória nº 258, de 10 de maio de 2017.

BRIGATTI, G. **Cresce o consumo do streaming, serviço de músicas por assinatura na internet**. 2013. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/08/cresce-o-consumo-do-streaming-servico-de-musicas-por-assinatura-na-internet-4223776.html>. Acesso em: 01 jul. 2023.

CABRAL, G. **Agosto das Letras inicia hoje e traz literatura, música, dança e cinema**. A União. João Pessoa. 11/08/2016. Cultura. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/festival-agosto-das-letras-inicia-hoje-e-traz-literatura-musica-danca-e-cinema. Acesso em: 11 de nov. de 2023.

CABRAL, G. **Rádio Tabajara vai estrear hoje o programa Palco 105**: A primeira edição do programa apresentado por Jamarri Nogueira acontece hoje, a partir das 20h, na Bodega Arte Café. 03/10/2017. 2º Caderno. Disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Downloads/Jornal%20em%20PDF%2003-10-17-1.pdf>. Acesso em 06 de dez. de 2023.

CABRAL, G. **Sons no alto sertão**: A banda Coiteiros se apresenta pela primeira vez no projeto Music From Paraíba em show hoje, no CCBNB em Sousa. João Pessoa. 25/02/2014. 2º Caderno. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2011-a-2015/2014/fevereiro/a-uniao-25-02-2014.pdf. Acesso em 15 de nov. de 2023.

CAITITU. In: **DICIONÁRIO da língua portuguesa**. Brasil, Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=caititu>. Acesso em: 02 de jul.2023.

CALÁBRIA, Lorena. **Lorena Calábria**. Editora Cobogó. Disponível em: <https://www.cobogo.com.br/lorena-calabria>. Acesso em: 05 jul. 2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Michel Temer toma posse como presidente da República**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/497259-michel-temer-toma-posse-como-presidente-da-republica/>. Acesso em: 16 de jan. de 2024.

CANTATA POPULAR I. João Pessoa: Gravadora, 2000. CD

CARNEIRO, J. **Maria Eduarda, de ouvinte a superintendente da Rádio Tabajara**. Disponível em: <http://radiotabajarapb.blogspot.com/2012/02/maria-eduarda-de-ouvinte.html>. Acesso em 08 de dez. de 2023.

CARNEIRO, J. **Rádio Tabajara: Patrimônio Cultural da Paraíba**. João Pessoa, 2017

CARUARU. **Cachês de até R\$ 370 mil: confira quanto ganharam as atrações do FIG 2023**. Este ano o evento conta com atrações como Simone Mendes, Baiana System, Tiago Iorc, Frejat e Nação Zumbi. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/festival-de-inverno/2023/noticia/2023/07/26/caches-de-ate-r-370-mil-confira-quanto-ganharam-as-atracoes-do-fig-2023.ghtml>. Acesso em 14 de nov. de 2023.

RÁDIO TABAJARA. **Chico Limeira apontou para a abertura que o Festival trouxe para sua carreira**. Disponível em: <https://radiotabajara.pb.gov.br/noticias/chico-limeira-apontou-para-a-abertura-que-o-festival-trouxe-para-sua-carreira-2>. Acesso em: 05 jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Concerto da OSUFPB homenageia o maestro Marcelo Vilor**. Disponível em: <http://www.ufpb.br/antigo/content/concerto-da-osufpb-homenageia-o-maestro-marcelo-vilor>. Acesso em: 05 jul. 2024.

GOVERNO divulga programação do XIII Festival Nacional de Arte. **O Bê-a-bá do Sertão**, 11 maio 2010. Disponível em:

<https://obeabadosertao.com.br/portal/2010/05/11/Governo-divulga-programacao-do-XIII-Festival-Nacional-de-Arte/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

DINIZ, A. **Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MILTON Dornellas. **Mandrágora**. Discogs, 1993. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/12132085-Milton-Dornellas-Mandr%C3%A1gora. Acesso em: 05 jul. 2024.

EMANOEL Barros. **Emanoel Barros | Catálogo online Bandas de Música de Pernambuco**. 2009. Disponível em: <https://catalogobandasdemusicape.wordpress.com/emanoel-barros-condado-e-ospb/>. Acesso em: 5 jul. 2024.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Bossamoderna**. EBC Rádios, 2024. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/bossamoderna>. Acesso em: 05 jul. 2024.

NOGUEIRA, Jãmarrí. **Funesc sem verba, Márcia Lucena aposta em criatividade e parceria**. MaisPB, 17 dez. 2015. Disponível em: <https://www.maispb.com.br/145659/funesc-sem-verba-marcia-lucena-aposta-em-criatividade-e-parceria.html>. Acesso em 15 de nov. de 2023.

FERREIRA, M. **LPs reavivam shows feitos por Zé Ramalho em 1976 na Paraíba antes da fama nacional** G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2018/04/16/lps-reavivam-shows-feitos-por-ze-ramalho-em-1976-na-paraiba-antes-da-fama-nacional.ghtml>. Acesso em: 02 jul. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Blog do Mauro Ferreira**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/mauro-ferreira.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2023.

G1. **Festival MPB 84 abre inscrições para concurso de bandas potiguares; veja como participar**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/o-que-fazer-em-natal-e-regiao/noticia/2022/06/27/festival-mpb-84-abre-inscricoes-para-concurso-de-bandas-potiguares-veja-como-participar.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2024.

FOLHA DE S.PAULO. **Caderno Ilustrada**. Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/ilustrada/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

FORRÓ FEST. **Forró Fest chega a final e premia os três melhores em Campina Grande**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/06/forro-fest-chega-final-e-premia-os-tres-melhores-em-campina-grande.html>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PORTAL CORREIO. **Funesc inscreve para prêmio que revelará novos ilustradores paraibanos**. Portal Correio, 1 jul. 2024. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/funesc-inscreve-para-premio-que-revelara-novos-ilustradores-paraibanos/>. Acesso em: 11 de nov. de 2023.

FURTADO, M. **O que é entrevista semiestruturada e quando aplicar?** Disponível em: <https://blog.convenia.com.br/entrevista-semiestruturada/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

FUSCALDO, Chris. **Zé Ramalho**. Disponível em: https://chrisfuscaldo.com.br/wp-content/uploads/2011/01/SC_Ze_Ramalho.jpg. Acesso em: 5 jul. 2024.

MACENA, Graça. **Futebol solidário arrecada 15 toneladas de alimentos e Rádio Tabajara entrega ao Hospital Padre Zé**. ClickPB, 24 mar. 2016. Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/paraiba/futebol-solidario-arrecada-15-toneladas-de-alimentos-e-radio-tabajara-entrega-ao-hospital-padre-ze-202392.html>. Acesso em: 03 de dez. de 2023.

G1. **Cantora e compositora Cida Alves lança álbum Tectônica gravado em João Pessoa**. 01 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/musica/noticia/2020/05/01/cantora-e-compositora-cida-alves-lanca-album-tectonica-gravado-em-joao-pessoa.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2024.

GAMBARO, D; VICENTE, E; RAMOS, T. S. A divulgação musical no rádio brasileiro: da “caitituagem” aos desafios da concorrência digital. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 132-151, ago. 2018/nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17631>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GOLIN, C. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: AZZOLINO, Adriana et al. (Org.). **Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

O GLOBO. **Acervo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 05 jul. 2024. Acesso em 10 de jun. 2023.

GOMES, E. P. **O contexto dos festivais de música popular brasileira na Paraíba**. João Pessoa: Ideia, 2014.

GONÇALVES, A. C.; CREPALDE, N. J. B. F. O consumo de música e o rádio. **Revista Formação Docente**, Vol. 9, N. 2, jul./dez. 2017.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Festival de Música da Paraíba 2023. Governo do Estado da Paraíba**, 2023. Disponível em: <https://antigo.paraiba.pb.gov.br/index-30461.html>. Acesso em: 5 jul. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Chico Limeira conquista primeiro lugar e prêmio de melhor intérprete no Festival de Música da Paraíba**. Governo do Estado da Paraíba, João Pessoa, 25 jun. 2023. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/chico-limeira-conquista-primeiro-lugar-e-premio-de-melhor-interprete-no-festival-de-musica-da-paraiba>. Acesso em 17 de jan. de 2024.

GUEDES, L. **A Budega oferece espaço intimista e apresentações culturais**. 18/06/2016. Cultura. Disponível em:

https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/a-budega-traz-apresentacoes-culturais-e-artisticas-aos-visitantes. Acesso em 08 de dez. de 2023.

GUEDES, L. **‘Tabajara em Revista’ ganha destaque nas ondas do rádio:** Programa apresentado pelo jornalista Jamarri Nogueira, que divulga a cena cultural paraibana já caiu nas graças do público. 10/09/2017. 2º Caderno. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2017/setembro-2/a-uniao-10-09-2017. Acesso em: 06 dez. de 2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

PODER360. **Jornais impressos: circulação despensa 16,1% em 2022.** Poder360, 1 fev. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/jornais-impressos-circulacao-despenca-161-em-2022/>. Acesso em: 18 de jan. 2024.

JARDIM, P. C. **O consumo da música na era digital:** o trabalho do algoritmo na personalização de playlists dentro do *Spotify*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social – Novos Média) – Escola Superior de Educação de Coimbra. Coimbra, p. 64. 2022.

JAZZ PANORAMA. **Jazz Panorama Ao Vivo – 16ª edição: Renato Bandeira Trio.** Jazz Panorama, 25 jun. 2023. Disponível em: <https://jazzpanorama.com/jazz-panorama-ao-vivo-16a-edicao-renato-bandeira-trio/>. Acesso em: 18 de jan. 2024.

KISCHINHEVSKY, M. **Da cultura da portabilidade à cultura do acesso – A reordenação do mercado de mídia sonora.** Anais do XIV Congresso Internacional Ibercom. São Paulo: USP, 2015.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio social:** mapeando novas práticas interacionais sonoras. Revista Famecos, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 19, n. 02, pp. 410-437, mai/ago. 2012.

LEMINSKI, E.; RUIZ, T. **Contra-indústria.** Curitiba: Gramofone Produtora Cultural, 2006.

LENINE. **Festival Musicanto.** Disponível em: <https://tinyurl.com/5n8a2dp7>. Acesso em 07 de mai. 2023.

LIMA, I.R. **Orquestra Tabajara celebra 75 anos em bailes no Iate e na AABB:** Clássicos estão no repertório da orquestra criada nos anos 1930 e sucesso até hoje. Correio Braziliense. Brasília, 29/8/2019. Diversão e arte. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/08/29/interna_diversao_arte,779626/orquestra-tabajara-celebra-75-anos-em-bailes-no-iate-e-na-aabb.shtml. Acesso em 31 de dez. de 2023.

LIMA, V. **Rádios e TVs Públicas**: o que é comunicação pública? Rádio câmara, 10/04/2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/370199-radios-e-tvs-publicas-o-que-e-comunicacao-publica/>. Acesso em: 02 jul. 2023.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas de rádio *all news* brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: Livros LabCom, 2010.

MAIORES TORCIDAS DO NORDESTE. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 07, abr. 2023. Esportes. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/esportes/maior-torcida-do-nordeste>. Acesso em: 09 de jul. 2023.

MARCELO, C.; RODRIGUES, R. **O fole roncou!**: Uma história do forró. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Márcia Lucena deixa a presidência da Funesc e presta contas de sua gestão. A União. João Pessoa. 31/05/2016. Políticas. Disponível em: https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_politicas/marcia-lucena-deixa-a-presidencia-da-funesec-e-presta-contas-de-sua-gestao. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

MARTINS, P. P. **Vila São João de Campina Grande – Paraíba**: Construindo uma imagem do nordeste. 2019. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

MARTINS, Sérgio. **Sérgio Martins - IN-EDIT BRASIL**. Festival Internacional do Documentário Musical, 2024. Disponível em: <https://br.in-edit.org/invitados/sergio-martins/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

MEDITSCH, E. **O Conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

MEDEIROS, Jotabê. **Jotabê Medeiros**. Editora Todavia. Disponível em: <https://todavialivros.com.br/autores/jotabe-medeiros>. Acesso em: 05 jul. 2024.

MEIRELES, N. **Tabajara am**: A migração da primeira rádio da Paraíba. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, São Paulo, v. 22, n. 44 set./dez. 2023.

MELO, I. A. **Jornalismo cultural**: por uma formação que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura.

MELLO, J. O. A. **História da Paraíba**: lutas e resistência. João Pessoa: A União, 2013.

MELLO, Z. H. **A era dos festivais**: uma parábola. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MELLO, Z. H. **Música nas veias**: memórias e ensaios. São Paulo: Ed. 34, 2007. OPJOR. Disponível em: <https://filipeianews.com.br/2022/01/25/cbn-e-a-radio-mais-ouvida-da-paraiba-aponta-pesquisa/> Acesso em 10 de jun. 2023.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/musicais-e-shows/festival-internacional-da-cancao/noticia/edicoes.ghtml>. Acesso em 11 de dez. de 2023.

MONTEIRO, D. ; NASSIFE, E. **Chacrinha**. A biografia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

MUNDO GIRAS. Disponível em: <https://www.mundogiras.com/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MUSIC NON STOP. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/12-melhores-podcasts-de-musica/>. Acesso em 26 de jan. de 2024.

NÓBREGA, E. O. **Orquestra Sinfônica da Paraíba**: Trajetória artística e dimensões socioculturais. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 128. 2009.

NOTÍCIAS. **Artes Visuais**: Funesc abre edital do 'Panapaná' para seleção de propostas artísticas. Disponível em: <https://funesc.pb.gov.br/noticias/artes-visuais-funesc-abre-edital-do-panapana-para-selecao-de-propostas-artisticas>. Acesso em 14 de nov. de 2023.

NUNES, A. Orquestra Sinfônica Jovem (especial Jackson do Pandeiro). *Jornal da Paraíba*. João Pessoa, 14/08/2019. Cultura. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/orquestra-sinfonica-jovem-especial-jackson-pandeiro/>. Acesso em: 05 de jan. de 2024.

ORTEGA, R; NEVES, M. **Sertanejo perde terreno: por que o estilo deixou de ter os artistas mais ouvidos do Brasil?** G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/05/25/sertanejo-perde-terreno-por-que-o-estilo-deixou-de-ter-os-artistas-mais-ouvidos-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 02 jul. 2023.

ORQUESTRA Sinfônica da Paraíba recebe Zé Ramalho ao vivo no Teatro Pedra do Reino. Direção: João Paulo Palitot. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 2016. DVD.

OSIAS, Silvio. **Ricardo Anísio morreu aos poucos**. *Jornal da Paraíba*, 18 set. 2023. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/silvio-osias/ricardo-anisio-morreu-aos-poucos>. Acesso em: 05 jul. 2024.

OSMAR, P. Pedro Osmar: sua história e a criação do musiclube da paraíba. [Entrevista cedida a] Reginaldo Venâncio Júnior. **Liquidificador Podcast**, João Pessoa, n. 01, jun. 2021. Disponível em: Pedro Osmar, sua história e a criação do Musiclube da Paraíba - Liquidificador Podcast | Podcast on *Spotify*. Acesso em: 16 mai. 2023.

PANDARUS Música Brasileira. Disponível em: <http://www.pandarus.com.br/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

PB HOJE. **Sistema Paraíba de Comunicação desiste do Forró Fest 2015**. Disponível em: <https://www.pbhoje.com.br/noticias/1279/sistema-paraiba-de-comunicacao-desiste-do-forro-fest-2015.html>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2018.

PINHEIRO, P. C. **Histórias das minhas canções**. São Paulo: Leya, 2010.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

PLUGADOS. **Inscrições para o forró fest estão abertas e podem ser feitas pela internet**. Disponível em: <http://www.plugadosnanoticia.com/2014/03/inscricoes-para-o-forro-fest-estao.html>. Acesso em: 18 jun. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Programa de Pós-Graduação em Jornalismo**. Dissertações / Produtos Jornalísticos. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/menu/pesquisa/dissertacoes>. Acesso em: 5 jul. 2024.

PORTO, H. **Festival em João Pessoa vai homenagear Sivuca: Se estivesse vivo, músico paraibano completaria 80 anos este mês**. Evento começa dia 23 e terá mais de 160 atrações culturais. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/festival-em-joao-pessoa-vai-homenagear-sivuca.html>. Acesso em 14 de nov. de 2023.

PROSA SONORA. Disponível em: <https://www.prosasonora.com.br/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

DROPBOX. **WOMEX 23 Award**. Disponível em: https://www.dropbox.com/sh/0sxabx0okhilama/AADwZfRjopx1ks6mhHClIZpZa/WOMEX%2023/WOMEX%20Onsite%20in%20A%20Coru%C3%B1a/WOMEX%2023%20Award?dl=0&preview=bcuc_1_award_womex23_by_yannis_psathas.jpg&subfolder_nav_tracking=1. Acesso em: 5 jul. 2024.

Reforma do Teatro Santa Catarina será entregue neste sábado. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/reforma-do-teatro-santa-catarina-sera-entregue-neste-sabado. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

RESENDE, Polyana. **A Magia dos Deuses - samba enredo malandros do morro** | 2017. YouTube, 15 fev. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rZ2JXAE4024>.

REVISTA CONTINENTE. Disponível em: www.revistacontinente.com.br. Acesso em 29 de jan. de 2024.

ROCK IN RIO. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/musica/noticias/rock-in-rio-2022-movimenta-r-2-bilh%C3%B5es-e-patrocinadores-celebram-os-resultados-nacidade-do-rock-e-nas-redes-sociais/ar-AA11YBMG#:~:text=Menos%20de%20uma%20semana%20ap%C3%B3s%20o%20t%C3%A9rmino%20do,2019%20al%C3%A9m%20de%20ter%20gerado%2028%20mil%20empregos>. Acesso em 10 de jun. 2023.

RODRIGUES, M.S. **Produção do jornalismo cultural em rádios públicas**: análise de programas da educadora fm (ba) e da fm cultura (rs). 2015. Monografia (Bacharelado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SALAVERRÍA, R. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, J. (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, UBI, LabCom, 2014.

SANCHES, Pedro Alexandre. **Pedro Alexandre Sanches**. Amazônia Real. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/author/pdralex/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

SAROLDI, L.C.; MOREIRA, S. V. **Rádio Nacional: O Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Martins Fontes / Funart, 1984.

SCHRAMM, W. Notes on case studies of instructional media projects. **Working paper**, the Academy for Educational Development, Washington, DC, 1971.

SEVERIANO, J. **Uma história da música popular brasileira**: das origens à modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2013.

SILVA, E. **Acessibilidade em unidades de informação e cultura**: um estudo na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC). TCC. Biblioteconomia. UFPB. João Pessoa. 50 pp. 2015.

SOUTO MAIOR, G. **Rádio**: história e radiojornalismo. João Pessoa: A União, 2015.

SOUZA, Tarik de. **Tarik de Souza**. Instituto Memória Musical Brasileira. Disponível em: <https://immub.org/noticias/colunista/tarik-de-souza>. Acesso em: 05 jul. 2024.

TABAJARA EM REVISTA: [Locução de]: Adeildo Vieirar e Cíntia Peronmia. 10 out. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4ujfWE1s39oQICTpoWxCB4>. Acesso em 05 fev. 2024.

TELES, J. **Lenine e lula Queiroga caem novamente no baque solto**. Disponível em: <https://tinyurl.com/yvz5zev9> Acesso em 07 de mai. 2023.

TELES, J. Sobre. **TelesToques**, 2024. Disponível em: <https://telestokes.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

TIM WU. **Impérios da comunicação**: do telefone à internet, da AT&T ao Google. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2012.

VENÂNCIO JR, R; MENDES, P. **O que toca nas emissoras paraibanas**: uma análise sobre os gêneros musicais em tempos de rádio expandido. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 45., 2022, João Pessoa.

VIEIRA, A. Festival de Música do Sesc atravessa gerações. **A União**, João Pessoa, 06, out. 2013. Disponível em: https://auniaio.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-

uniao/2011-a-2015/2013-1/outubro/a-uniao-06-10-2013.pdf/view. Acesso em 18 de jun. 2023.

VIEIRA, A. **Maestro Chiquito: o metalúrgico dos sons**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

VIEIRA, A. Adeildo Vieira: sua história e participação no musiclube da paraíba. [Entrevista cedida a Reginaldo Venâncio Júnior. **Liquidificador Podcast**, João Pessoa, n. 02, jul. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3lSfAuaRp6RgPdfD2LwPbO>. Acesso em: 10 jun. 2023.

WOMEX. Disponível em: <https://www.womex.com/about/womex>. Acesso em: 11 de nov. de 2023.

ZUCULOTO, V. R. M. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p. 241. 2010.

ANEXOS

Festival de Música da Paraíba Uma homenagem a Zabé da Loca EDITAL

O Governo do Estado da Paraíba, através da Rádio Tabajara, Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Espaço Cultural – FUNESC, tornam públicas as normas e os procedimentos para a participação no Festival de Música da Paraíba, a ser realizado entre os dias 13 e 27 de janeiro de 2018, cujas eliminatórias deverão acontecer nos seguintes locais: Sousa e Campina Grande, e a final em João Pessoa, para as quais deverão ser observadas as normas e condições estabelecidas no presente Edital.

I. DO PÚBLICO-ALVO

1. QUEM PODE PARTICIPAR?

Artistas comprovadamente residentes na Paraíba, com idade acima de 14 (quatorze) anos e com música autoral inédita.

1.1. Considera-se inédita a composição que ainda não tenha sido objeto de comunicação ou transmissão ao público, sob qualquer forma, ou fixação de qualquer natureza. O candidato deve, no momento da inscrição, declarar e se responsabilizar pelo caráter inédito da obra, seja em relação à letra, seja em relação à música.

2. É VEDADA A PARTICIPAÇÃO

De servidores públicos da Rádio Tabajara, Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Espaço Cultural e seus parentes de até 1º grau.

II. DA INSCRIÇÃO

As inscrições no Festival ocorrerão no período de 8 de setembro a 31 de outubro de 2017 pelo formulário de inscrições *on-line*, no endereço: festivaldemusica.pb.gov.br:

1. Documentos necessários para a inscrição:

1.1. Formulário de inscrição devidamente preenchido;

Anexos:

- 1.2. Comprovante de residência atualizado – (últimos 03 (três) meses) (pdf/jpg);
- 1.3. Gravação da música devidamente identificada com o nome do artista (mp3);
- 1.4. Letra da música (pdf/jpg);
- 1.5. Declaração de música autoral. No caso de composição em parceria, anexar a declaração conjunta de todos os compositores (pdf/jpg);
- 1.6. Em caso de menor de 18 (dezoito) anos, declaração de autorização dos pais ou responsáveis (pdf/jpg).

2. Sobre a desclassificação prévia:

- 2.1. O material sonoro que estiver inaudível e/ou identificado de forma confusa será automaticamente desclassificado.
- 2.2. Apenas será permitida a apresentação de uma única música por artista inscrito.
- 2.3. O candidato que não cumprir as exigências do edital, será automaticamente desclassificado.
- 2.4. Serão desclassificadas na pré-seleção as músicas cujo conteúdo seja considerado grosseiro, incitando a violência ou qualquer tipo de preconceito.

III. DAS CATEGORIAS

Poderão ser inscritos no Festival os mais variados gêneros da música, desde que seja comprovadamente autoral e inédita mediante declaração.

IV. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E AVALIAÇÃO

1. Será formada uma comissão prévia, com júri especializado, para análise dos documentos e deferimento das inscrições dos participantes. Adotando, como critério de seleção a originalidade da música, a criatividade da letra, a melodia e a harmonia.

2. Para julgamento das apresentações e escolha dos classificados, será formada uma comissão composta por 05 (cinco) profissionais com competência técnica musical. Nas duas eliminatórias a comissão será formada por profissionais que atuam na Paraíba, e na final, o júri será formado por curadores vindos de estados vizinhos.

3. Para cada eliminatória, serão selecionadas 12 (doze) canções e classificadas 6 (seis) para a final.

V. DOS SELECIONADOS

1. As músicas selecionadas serão divulgadas no site festivaldemusica.pb.gov.br, no dia 21 de novembro de 2017.
2. O candidato selecionado deverá enviar a letra da música registrada em cartório, no prazo máximo de até 72 (setenta e duas) horas, a partir da divulgação do resultado, através do site do festivaldemusica.pb.gov.br. Caso não o faça, a música será automaticamente desclassificada.

VI. CRONOGRAMA

1. Inscrição: de 12 de setembro a 31 de outubro de 2017.
2. Divulgação de selecionados: 21 de novembro de 2017.
3. Ensaios: 1ª Eliminatória (entre 8 e 12 de janeiro de 2018); 2ª Eliminatória (entre 15 e 19 de janeiro de 2018) e Final (entre 22 e 26 de janeiro de 2018).
4. Eliminatórias: 13 de janeiro de 2018 em Sousa e 20 de janeiro de 2018 em Campina Grande.
5. Final: 27 de janeiro de 2018 em João Pessoa.

VII. ESTRUTURA

Serão disponibilizados para os participantes: arranjador, banda base, palco, som e iluminação.

VIII. APRESENTAÇÕES

1. A ordem das apresentações nas eliminatórias será definida mediante sorteio a ser realizado no dia 28 de novembro de 2017, às 14h30min, na sede da Rádio Tabajara. A ordem das apresentações na final será feita mediante sorteio, também na rádio Tabajara no dia 22 de janeiro de 2018, às 14h30min.
2. As apresentações acontecerão nas datas e locais abaixo relacionadas:
1ª Eliminatória: no município de Sousa, dia 13 de janeiro de 2018;
2ª Eliminatória: no município de Campina Grande, dia 20 de janeiro de 2018;
Finalíssima: no município de João Pessoa, dia 27 de janeiro de 2018.

IX. PREMIAÇÃO

1. A premiação será oferecida apenas para os participantes da final:

1º lugar: R\$ 10.000,00 (dez mil reais);

2º lugar: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais);

3º lugar: R\$ 3.000,00 (três mil reais);

Melhor intérprete: R\$ 2.000,00 (dois mil reais).

2. O álbum virtual da final será disponibilizado no site do Festival.

X. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

1. O acesso do público às apresentações é livre.

2. Todas as despesas com deslocamento, transporte, hospedagem, alimentação, encargos legais e impostos, contribuições ou outros recolhimentos deverão ser arcadas pelo(s) próprio(s) participante(s) inscrito(s). A organização do Festival não se responsabiliza por este custeio.

3. Caso haja equipamentos e/ou instrumentos específicos a serem utilizados pelo participante inscrito, estes deverão ser providenciados pelo mesmo com a devida antecedência, sob pena de ter prejudicada sua apresentação e eventual desclassificação do Festival.

4. O compositor ou intérprete que não comparecer ao ensaio geral será automaticamente desclassificado, não podendo subir ao palco na noite do evento para defender sua canção.

5. As decisões das comissões técnicas de seleção e avaliação são soberanas, não cabendo recursos em nenhuma das hipóteses.

6. Dúvidas relacionadas ao festival deverão ser encaminhadas através do site festivaldemusica.pb.gov.br.

7. Finalistas deverão autorizar o uso das músicas para gravação e veiculação.

João Pessoa, 12 de setembro de 2017.

MUSIC FROM PARAÍBA III

EDITAL

01	0001-26	AYRORI OLIVEIRA, ANDRÉIA	1.010.079-9	DIREÇÃO DE EMPREGO DE BEZOUZA
02	0001-26	CARLETON FERREIRA, ANDRÉIA	1.230.000-7	DIREÇÃO DE EMPREGO DE BEZOUZA
03	0001-26	CLAYTON FERREIRA, A	1.000.070-7	DIREÇÃO DE EMPREGO DE BEZOUZA
04	0001-26	DIANA BEZERRA DE MOURA, EN	403.146-7	DIREÇÃO DE EMPREGO DE BEZOUZA
05	0001-26	DEBORA APARECIDA DE SOUSA	1.046.111	DIREÇÃO DE EMPREGO DE BEZOUZA
06	0001-26	DARLI SILVA BARREIRA, CARLOS	805.043.1-1/00754	DIREÇÃO DE EMPREGO DE BEZOUZA
07	0001-26	DEBY GONÇALVES FERREIRA	11.200.112	DIREÇÃO DE EMPREGO DE BEZOUZA

João Pessoa, 19 de Maio de 2016
RESOLUÇÃO PREV/GP Nº 288/2016

O Presidente da **FUNESC-Paraíba Presidência**, no uso das atribuições que lhes são conferidas pelos incisos I, II e III do art. II da Lei 7.517, de 30 de dezembro de 2003, **INDIQUERU O(S) PROCESSO(S) ABaixo relacionado(S):**
REPUBLICADO POR CORREÇÃO

Processo	Suplente	Município	Sexo
01	2601-01	ATAÍDE SOBRINHO	M
02	0142-11	AYRORI OLIVEIRA, ANDRÉIA	F
03	0001-26	CLAYTON FERREIRA, A	M
04	0001-26	DIANA BEZERRA DE MOURA, EN	F
05	0001-26	DEBORA APARECIDA DE SOUSA	F
06	0001-26	DARLI SILVA BARREIRA, CARLOS	M
07	0001-26	DEBY GONÇALVES FERREIRA	F
08	0001-26	DIANA BEZERRA DE MOURA, EN	F
09	0001-26	DEBORA APARECIDA DE SOUSA	F
10	0001-26	DARLI SILVA BARREIRA, CARLOS	M
11	0001-26	DEBY GONÇALVES FERREIRA	F

João Pessoa, 19 de Maio de 2016

Yago Augusto Lobato
 Presidente da FBPREV

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO

Portaria Nº 06/2016-DPPREV/DPG João Pessoa, 25 de maio de 2016.
 O DEFENSOR PÚBLICO GERAL DO ESTADO DA PARAÍBA, no uso das atribuições que lhe confere o § 2º do artigo 134, da Constituição Federal, art. 97-A, e art. 193, da Lei Complementar Federal nº 80/94, e o Artigo 18, inciso IX, da Lei Complementar Nº 184, de 23 de maio de 2012, **R E S O L V E** nomear **ANA ADÉLIA TEODULO GOMES CANANEA** para o cargo de **procurador do Assessor Técnico da Assessoria Técnica da Defensoria Pública do Estado da Paraíba, Símbolo CAD-7.**
 Publicação: 25/05/2016
 Carregosa:

 Haroldo de Souza
 Defensor Público Geral do Estado

LICITAÇÕES - EXTRATOS - LICENÇAS - TERMOS - ATAS

Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca

EDITAL E AVISO

SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO DA AGROPECUÁRIA E DA PESCA
 Referência: Mensagem nº 127/2015/GAT
 Interessados: Viscuínas – Cooperativa de Prestação de Serviços em Desenvolvimento Sustentável

NOTIFICAÇÃO
 A SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO DA AGROPECUÁRIA E PESCA – SEDAP, com sede na Av. João de Melo s/n – Bloco II – 3º andar, Engenheiro, João Pessoa – PB, neste ato representada pelo seu Secretário, o Sr. **RÔMULO ARAÚJO MONTENEGRO**, vem, por meio da presente NOTIFICAÇÃO, solicitar ao Sr. **SEVERINO RAMO DO NASCIMENTO**, Representante Legal da **Viscuínas – Cooperativa de Prestação em Desenvolvimento Sustentável**, a comparecer a esta Secretaria, a fim de prestar informações acerca de veículo Chevrolet Prisma, de placas NQ429926, adquirido através do CR 0278741-45/2008 e cedido à interessada pelo Termo de Autorização de Uso nº 062/2011.
 Assim, pelo presente, **NOTIFICAMOS E E**, para, no prazo de **05 (cinco) dias úteis**, a contar da publicação, comparecer a esta Secretaria para os esclarecimentos devidos.
 João Pessoa-PB, 24 de maio de 2016.
RÔMULO ARAÚJO MONTENEGRO
 Secretário de Estado

Fundação Espaço Cultural da Paraíba

EDITAIS E AVISOS

FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL - FUNESC

EDITAL "MUSIC FROM PARAÍBA III"

A Presidência da FUNESC e sua Coordenação de Música, no uso das atribuições legais conferidas pela Lei 4.311 de 4 de dezembro de 1963, torna pública a abertura do processo de seleção de artistas músicos que integram o CD Coletânea "Music from Paraíba III".

- DO OBJETIVO**
 O presente edital tem como objetivo a seleção de até 50 (cinquenta) artistas músicos que integram o CD Coletânea "Music from Paraíba III", que será distribuído gratuitamente em fitas de áudio em MP3 e no exterior.
- DA DOCUMENTAÇÃO**
 Os interessados em participar da seleção, deverão inscrever-se mediante o envio de CD contendo no mínimo uma música inédita e breve resumo de artista ao DDAC (Departamento de Arte e Cultura da FUNESC).
- DA INSCRIÇÃO**
 3.1 – A inscrição é gratuita.
 3.2 – Poderá se inscrever artista paraibano ou radicado em Paraíba há pelo menos 02 (dois) anos, que possua trabalho artístico, independente de gênero ou estilo musical.
 3.3 – O material de inscrição entregará pessoalmente no DDAC do Espaço Cultural (Rua Afonso Gomes de Almeida, 900 - Taboãozinho) – João Pessoa - PB - CEP: 58040-100) deverá estar contido em envelope com a seguinte identificação: **EDITAL DE SELEÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NO CD "MUSIC FROM PARAÍBA III"**, nome e endereço completo do artista (incluindo contato telefônico ou do seu representante. Depois de conferida a documentação, o funcionário responsável deverá preencher o resumo e numerar o envelope.
 3.4 – As propostas enviadas pelo correio, registradas e com aviso de recebimento, deverão estar contidas em envelope fechado, com a seguinte identificação: **EDITAL DE SELEÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NO CD "MUSIC FROM PARAÍBA III"**, Coordenação de Música (DDAC), Rua Afonso Gomes de Almeida, 900 - Taboãozinho – João Pessoa - PB - CEP: 58040-100. Na numeratura deverá constar, apenas, o nome e o endereço do artista ou representante do mesmo.
 3.4.1 – Somente serão aceitas as propostas postadas até a data limite de inscrição, como indicada no item 4.1 deste regulamento.
 3.5 – Não serão aceitas propostas enviadas por e-mail ou fax.
 3.6 – O representante deverá, no ato da inscrição, encaminhar procuração do artista outorgando-lhe poderes para representação perante a inscrição no edital "Music from Paraíba III".
 3.7 – Fica vedada a participação de artistas que possuam vínculo com Administração Pública Estadual.
 3.8 – A elevação da inscrição implica a automática e plena concordância, por parte do artista, com os termos deste regulamento.
- DO PRAZO**
 4.1 – Inscrição: de 01/06/2016 a 01/07/2016, Horário: de 2ª a 4ª feira, das 09:00h às 17:00h.
 4.2 – Seleção: até o dia 30/07/2016.
 4.3 – Divulgação da seleção: até o dia 01/08/2016, no Facebook da FUNESC (www.facebook.com/funesccgpb) e jornais impressos locais.
- DA SELEÇÃO**
 5.1 – As propostas serão julgadas por uma comissão de seleção especialmente formada pela FUNESC.
 5.2 – Serão selecionados até 50 (cinquenta) artistas, sendo 04 (quatro) músicos de cada selecionado escolhido pela comissão.
 5.3 – A Comissão de Seleção será composta por 05 (cinco) membros assim distribuídos:
 - 01 (um) representante da Coordenação de Música da FUNESC;
 - 01 (um) representante do Conselho Estadual de Cultura;
 - 01 (um) representante da SEUCULT (Secretaria de Estado de Cultura).
 5.3.1 – O resultado da Comissão de Seleção será soberano e irrevogável.
 5.3.2 – Não haverá recorreição aos membros da Comissão de Seleção.
 5.4 – Os critérios para seleção da proposta são: qualidade artística, performance artística, potencial para circulação no mercado internacional e currículo do artista.
 5.5 – O material dos artistas inscritos não será devolvido independentemente de terem sido selecionados ou não.
 5.6 – Não serão aceitos trabalhos que não sejam autorais.
 5.7 – Se o número de artistas selecionados não preencher as vagas disponibilizadas neste Edital, a Comissão de Seleção terá autonomia para fazer o convite direto a outros artistas, visando atender a demanda do projeto.
- DA RESPONSABILIDADE DA FUNESC**
 6.1 – Tornar público o resultado da seleção do presente Edital através do site: www.facebook.com/funesccgpb.
 6.2 – Fornecer o CD com a participação dos artistas selecionados e 1 (uma) cópia de 1.000 (mil) exemplares para distribuição gratuita aos profissionais de cultura produtores de música no Brasil e no exterior.
 6.3 – Comunicar o resultado aos artistas selecionados e convocá-los para entrevistas na Autorização para ingresso do CD.
 6.4 – Divulgar o projeto, através da elaboração do resumo, bem como das imagens coletadas pelos artistas selecionados, para os veículos de comunicação e no site da FUNESC.
 6.5 – Contemplar o artista selecionado com 05 (cinco) exemplares do CD resultado do projeto.
- DISPOSIÇÕES GERAIS**
 7.1 – Não serão aceitas propostas que não estejam de acordo com os termos deste regulamento.
 7.2 – A Comissão de Seleção é soberana para fazer as avaliações de natureza artística relativas às músicas inscritas, não cabendo qualquer tipo de recurso contra suas decisões. Caso haja algum recurso, a decisão final sobre a seleção dos artistas caberá a presidência da FUNESC.
 7.3 – Os casos omissos deverão ser resolvidos pelos diretores no momento da inscrição para que sejam avaliados e deferidos pela comissão de seleção onde não houver qualquer investigação ao presente edital não caberá recurso em fase posterior sobre o estado questionamento.

João Pessoa, 01 de junho de 2016.

Marilândia Gomes Tamar
 Vice-Presidente Funesc



Music From PB encerra hoje a temporada 2017

Dida Filho e Papisho Neto são atrações do projeto, que acontece às 20h, no Teatro de Arena da Funes

Leandro Andrade

Reportagem de

Artistas paraibanos se fazem ouvir no palco do Teatro de Arena da Funes Cultural, que fica localizada no bairro de Tarelentim, em João Pessoa, para apresentações de suas composições no Projeto Music From Paraíba, uma ação da Fundação Cultural de João Pessoa (Funes), que tem o objetivo de divulgar e trabalhar de intérpretes regionais para o Brasil e exterior, através de espetáculos e shows. Os artistas Papisho Neto e Dida Filho abrirão nesta noite o ciclo de shows que acontecerá hoje à partir das 20h, em um espetáculo gratuito.

Uma das atrações da noite é o cantor e compositor Papisho Neto, que acredita muito na música como representação dos intérpretes nordestinos da região. "Essa realidade com a qual a gente vive é uma realidade que precisa ser trabalhada para a população, é sempre importante termos esta expressão", acredita o músico. Além disso, acredita muito na música como meio de expressão e de valorização cultural, e de criar um legado para a participação como cidadão, que busca o fechamento da ação educativa.

Papisho tem atividades que 2015 é um de realizações para ele, pois levou em suas parcerias. "Tudo a todo vapor nas grandes produções, trabalhando para essa nova etapa de minha carreira e a meu público, já está chegando ao fim das atividades para o próximo ano", destaca o músico, dizendo que se sente realizado e que não para aí. Ele trabalha atualmente a importância da música dentro da profissionalização, para fomentar outros artistas, "semos que dar as mãos para a formação de uma cultura da região".

O cantor, compositor e violonista Papisho Neto, é natural de Campina Grande e está em João Pessoa desde os quinze anos, onde iniciou sua carreira como violonista da banda Jôão. Mas foi em 1987 que a música chegou ao seu coração solo, resultando na sua obra de sua vida. "Comecei de verdade em 1987 com meu primeiro CD lançado em 2003, ganhando destaque por toda a vida".

O lançamento da música paraibana, Dida Filho, que música há sete anos dentro das palcos dentro do cenário de João Pessoa, resumo em João Pessoa, ele acredita que o público perceberá que a música paraibana é uma música que vem de um lugar que é muito bonito e antigo da sua história. "Essa é a força de uma expressão da música de verdade, não é uma música que vem de um lugar que é muito bonito e antigo da sua história".

O músico, que trabalha na música desde o ano de 1975, acredita muito na música como meio de expressão e de valorização cultural, e de criar um legado para a participação como cidadão, que busca o fechamento da ação educativa.



Foto: Divulgação

Papisho Neto (1987) iniciou a sua carreira artística aos 15 anos e desde então vem trabalhando para a formação de uma cultura da cidade através da música de Paraíba.



“Este é um dos melhores projetos de música de atualidade e é uma grande oportunidade de buscar expor a nova geração e gravar com esses artistas, revelando a qualidade dos compositores.”

gostei trabalhar no Rio de Janeiro e em Minas Gerais”, Dida Filho relembra e sua carreira após essa pausa.

Realizado em João Pessoa, o show contará com o cantor e compositor Dida Filho, além de todo o Brasil com o projeto teatro, e

participar da primeira edição de um espetáculo de teatro em João Pessoa no ano de 1975, onde não houve um grupo em CD intitulado "Tempo para a Casa" que teve a participação do cantor Dida Filho. O lançamento já ganhou prêmios e

atendimento devido a sua música. Além disso, também participou.

O músico Pedro Oiticica, em entrevista ao jornal A União, relembra a importância da música para a formação de uma cultura da cidade através da música de Paraíba.

de João Pessoa, que é um dos melhores projetos de música de atualidade e é uma grande oportunidade de buscar expor a nova geração e gravar com esses artistas, revelando a qualidade dos compositores e músicos que o fechamento da ação educativa.

SERVIÇO
Evento: Music from Paraíba
Localização: Papisho Neto e Dida Filho
Data: Hoje
Local: Teatro de Arena da Funes Cultural
Horário: 20h
Entrada: Gratuita

Music from Paraíba

O projeto que promove a divulgação da música de Paraíba e municípios de Campina Grande e Cajazeiras, além de outras, realiza shows em todo o país. Em sua segunda edição o projeto foi ampliado, trazendo também a uma música de intérpretes conhecidos no Estado. Para a terceira edição foram selecionados cinquenta cantores diferentes. Há cantores grandes, diversos gêneros como funk, rock, sertão, música eletrônica, jazz, funk, blues dentre outros.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de mestrado desenvolvido por Reginaldo Venâncio Júnior, discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail: patricia.monteiro@academico.ufpb.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais pretende compreender as motivações para criação do Primeiro Festival de Música da Paraíba pelo governo do Estado da Paraíba através da Rádio Tabajara e da Fundação Espaço Cultural (FUNESC).

Desta feita, minha colaboração se fará de forma identificada, por meio de descrever a entrevista em profundidade semi-estruturada. Atesto ainda o recebimento de uma cópia assinada deste Termo.

Paraíba, 30 de janeiro de 2024.

Assinatura do participante: Adeildo Vieira

CPF: 324.246.124-04

Assinatura do pesquisador: _____

CPF: 585.052.964-00



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de mestrado desenvolvido por Reginaldo Venâncio Júnior, discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail: patricia.monteiro@academico.ufpb.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais pretende compreender as motivações para criação do Primeiro Festival de Música da Paraíba pelo governo do Estado da Paraíba através da Rádio Tabajara e da Fundação Espaço Cultural (FUNESC).

Desta feita, minha colaboração se fará de forma identificada, por meio de descrever a entrevista em profundidade semi-estruturada. Atesto ainda o recebimento de uma cópia assinada deste Termo.

Paraíba, 31 de JANEIRO de 2024.

Assinatura da participante: Maria Eduarda Santos
CPF: 025.234.224.61

Assinatura do pesquisador:
CPF: 585.052.964-00



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de mestrado desenvolvido por Reginaldo Venâncio Júnior, discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail: patricia.monteiro@academico.ufpb.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais pretende compreender as motivações para criação do Primeiro Festival de Música da Paraíba pelo governo do Estado da Paraíba através da Rádio Tabajara e da Fundação Espaço Cultural (FUNESC).

Desta feita, minha colaboração se fará de forma identificada, por meio de descrever a entrevista em profundidade semi-estruturada. Atesto ainda o recebimento de uma cópia assinada deste Termo.

Paraíba, 31 de JANEIRO de 2024.

Documento assinado digitalmente

gov.br

MARINEZA GOMES TOME

Data: 31/01/2024 09:05:10-0300

Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Assinatura da participante

CPF: 038.196.444-23

Assinatura do pesquisador:

CPF: 585.052.964-00



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de mestrado desenvolvido por Reginaldo Venâncio Júnior, discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail: patricia.monteiro@academico.ufpb.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais pretende compreender as motivações para criação do Primeiro Festival de Música da Paraíba pelo governo do Estado da Paraíba através da Rádio Tabajara e da Fundação Espaço Cultural (FUNESC).

Desta feita, minha colaboração se fará de forma identificada, por meio de descrever a entrevista em profundidade semi-estruturada. Atesto ainda o recebimento de uma cópia assinada deste Termo.

Paraíba, 31 de JANEIRO de 2024.

Assinatura do participante: Sérgio Ribeiro da Silva

CPF: 423 867 054 04

Assinatura do pesquisador: _____

CPF: 585.052.964-00